

Dezembro 2013

IV SÉRIE - Nº 35

BIMESTRAL

Macau

PORTA PARA O MUNDO

Estudantes lusófonos nas universidades chinesas

Fórum Macau
TROCAS COMERCIAIS
VÃO ATINGIR
MÁXIMOS HISTÓRICOS

Macaenses
O PASSADO,
O PRESENTE E
O FUTURO

Vistos dourados
CHINESES LIDERAM
LISTA DE
INVESTIDORES



Momentos

Surpreendentes

Uma variedade de eventos de craveira mundial durante todo o ano atrai um público global e proporciona-lhe surpresas em todos os momentos.



MOMENTOS MEMORÁVEIS

SENTIR

MACAU



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADEGabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau**ENDEREÇO**Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo**PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO**Delta Edições, Lda.
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601**EDITOR**

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

KauTím - Productive Creations, Ltd

COORDENAÇÃO DE MARKETING

Marta Vaz Silva

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:**Texto:** António Graça de Abreu, Diana do Mar, Filipa Queiroz, Lili Han, Luciana Leitão, Luís Sá Cunha, Lurdes Escalera, Margarida Saraiva, Mónica Menezes (Portugal), Nuno G. Pereira, Patrícia Lemos, Tiago Quadros e Vera Penêda**Fotografia:** António Mil-Homens, Gonçalo Lobo Pinheiro, Manuel Cardoso, Paulo Cordeiro (Portugal), Rita Tudela (Pequim) e Wong Kei Cheong (Pequim)**Ilustração e Infografia:** Rodrigo de Matos**TRADUÇÃO:** Cecília Lin**FOTOGRAFIA DA CAPA:** Rita Tudela**ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE**Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

IMPRESSÃO: Tipografia Welfare, Macau**TIRAGEM:** 3 000 exemplares**ISSN: 0871-004X****PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL****ANGOLA:** AOA 2,620.00 | **BRASIL:** BRL 56.00
CABO VERDE: CVE 2,459.00 | **GUINÉ-BISSAU:** XOF 14,634.00
MACAU: MOP 100.00 | **MOÇAMBIQUE:** MZM 771.00
PORTUGAL: EUR 22.00 | **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** STD 546,445.00
TIMOR-LESTE: USD 28.00 | **RESTO DO MUNDO:** USD 35.00

Macau



Este número da MACAU publica-se à beira da realização da oitava edição do Encontro das Comunidades Macaenses, evento que agora celebra o seu vigésimo ano. Nele vai ser debatida, uma vez mais, a questão da identidade macaense, tema que também abordamos nas páginas que se seguem.

A comunidade macaense é uma das componentes da realidade humana e cultural da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), cuja importância é reconhecida na sua própria Lei Básica do território. Com efeito, no capítulo III dessa lei fundamental, dedicado aos direitos e deveres dos residentes, pode ler-se no artigo 42.º: “Os interesses dos residentes de ascendência portuguesa em Macau são protegidos, nos termos da lei, pela Região Administrativa Especial de Macau. Os seus costumes e tradições culturais devem ser respeitados.”

Destacamos igualmente nesta edição a recente realização da Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que reuniu em Macau representantes de todos os países de língua portuguesa (incluindo de São Tomé e Príncipe, a título de observadores, o que acontece pela primeira vez). Foi aprovado um Plano de Acção 2014-2016, de cujo conteúdo damos conta.

Finalmente o tema que domina a capa da edição é o da presença nas universidades chinesas de estudantes provenientes dos diversos países de língua portuguesa. Lendo o artigo fica-se a saber, entre outros factos e números, que presentemente a China concede cerca de 1400 bolsas de estudo para estudantes do mundo lusófono, uma ajuda que deverá aumentar nos próximos anos.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

MACAU MAIS ESTRATÉGICA

As decisões que marcam o futuro do Fórum Macau, 10

Patrícia Lemos

LINHAS DE ACÇÃO GOVERNATIVA PARA 2014

Formar talentos é a prioridade número um, 16

Diana do Mar

SABORES DO MUNDO

As imagens do Festival da Gastronomia, 18

Gonçalo Lobo Pinheiro

MULTICULTURALIDADE DE MÃOS DADAS

5.ª Semana Cultural da China e dos Países de Língua

Portuguesa e 16.º Festival da Lusofonia, 28

OS NEGÓCIOS DA FEIRA INTERNACIONAL

Lusofonia em peso para agarrar mercado chinês, 32

Diana do Mar

A CORRIDAS AOS VISTOS DOURADOS DE PORTUGAL

Chineses lideram a lista de investidores, 38

Patrícia Lemos

GRANDES EMPRESAS: SAAM

Crescimento socioeconómico e novas áreas de
negócio, 44

Nuno G. Pereira

ESTUDANTES LUSÓFONOS NAS UNIVERSIDADES CHINESAS

Uma experiência para a vida, 50

Vera Penêda

O BOOM DO MANDARIM EM PORTUGAL

Crise leva portugueses a apostarem no chinês, 56

Mónica Menezes

FILHOS DE UMA TERRA MAIOR

A nova identidade dos macaenses, 64

Patrícia Lemos

ALMOÇO GORDO PARA DISCUSSÕES CALOROSAS

Questões macaenses à mesa, 70

Patrícia Lemos

PERSONALIDADES: LUÍS GONZAGA GOMES

Escritor e filho da terra, 76

Lurdes Escaleira e Lili Han

JORGE ÁLVARES NA VISÃO DOS CHINESES

O primeiro português a chegar a China por mar, 82

Luciana Leitão

ÍCONES CHINESES: DRAGÃO

O senhor das tempestades e protectores das mães, 90

PERSONALIDADES HISTÓRICAS: OUVIDOR DE ARRIAGA

Uma figura fascinante da história de Macau, 92

Luís Sá Cunha

OS SEGREDOS DA MANSÃO DO PRÍNCIPE DE GONG

Mais de 230 anos de história a explorar, 100

António Graça de Abreu

ARQUITECTURA: LEAL SENADO

A cidade num edifício, 106

Tiago Quadros e Margarida Saraiva

PORTUGAL E MACAU UNIDOS NA MODA

Nuno Baltazar e Clara Brito em exposição conjunta, 114

Luciana Leitão

Aconteceu, 4

Espectáculos, 122

Exposições, 124

Livros, 126

4.ª CONFERÊNCIA MINISTERIAL DO FÓRUM MACAU

Macau vai ter três centros estratégicos dedicados à cooperação sino-lusófona e a China promete dar prioridade à educação e formação nos países de língua portuguesa. No quarto encontro do Fórum Macau, a celebrar o seu 10.º aniversário, ficou ainda definida a meta de 160 mil milhões de dólares americanos até 2016 para trocas comerciais entre a China e os outros países participantes.

p. 8

CHINA: UMA ESCOLA PARA A VIDA

Chegam dos quatro cantos do mundo onde se houve falar português para estudar na China. A última vaga de estudantes lusófonos não só vai para o Império do Meio para aprender chinês como já conquistou um lugar nas fileiras das universidades chinesas nas mais diversas áreas, da arquitectura à medicina, das engenharias à diplomacia.

p. 50

O SIGNIFICADO DE SER MACAENSE

Há um tom de esperança no discurso da identidade em Macau. A cultura macaense não está condenada ao desaparecimento. Mas alguns Filhos da Terra avisam que é preciso mobilizar a população de Macau e a diáspora e ainda sensibilizar os mais jovens.

p. 64

Rectificações:

Teatro D. Pedro V (1857 – 1873)

Com este título publicou a RM na sua anterior edição (Outubro) páginas 102-107 um artigo conjunto de Tiago Quadros e Margarida Saraiva. Relativamente à matéria publicada na coluna "História" (p. 107) último parágrafo "1990-93", sobre a transferência de propriedade para a Fundação Oriente, solicita a Associação dos Proprietários do Teatro D. Pedro V que seja rectificadora. Assim, assume a Associação que "na verdade houve apenas um acordo em princípio, para essa transferência mas que não chegou a ser ultimada, por razões que não interessa elaborar" e que "a propriedade do dito Teatro continua ainda a pertencer à respectiva Associação de Proprietários que o disponibilizou para uso do público através de protocolo de gestão celebrado com o Instituto Cultural da RAEM".

Pág. 4 (sobre o número da população)

Onde está 501.900

Deveria estar 591.900

* Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.



商匯館 MACAO IDEAS

澳門名優商品展示及採購中心

SOURCING AND DISPLAY CENTER OF MACAO PRODUCTS

開放時間

星期一至星期五，早上10時至下午6時
星期六及星期日，下午2時至下午6時
星期二及公眾假期休館

Opening Hours

Mondays to Fridays, 10:00am to 6:00pm
Saturdays and Sundays, 2:00pm to 6:00pm
Closed on Tuesdays and Public Holidays

澳門旅遊活動中心地下展廳
(澳門高美士街431號，毗鄰賽車博物館
及紅酒博物館)

Ground floor of Tourism Activities Centre
(Rua Luís Gonzaga Gomes N° 431,
above the Macao Grand Prix Museum)

<http://macaoideas.ipim.gov.mo>
853 2870 0620



ACONTECEU



CONSELHO EXECUTIVO GANHA 11º MEMBRO

O chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, nomeou no final de Outubro Lam Kam Seng como membro do seu Conselho Executivo, elevando a 11 o número de elementos. Natural de Macau onde nasceu em Junho de 1949, Lam Kam Seng é membro do Comité Nacional da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, vice-presidente do Conselho de Administração da Fundação Macau e tem participado em todas as listas da Comissão de Selecção do Chefe do Executivo.

VÍTOR SERENO NO FÓRUM MACAU

O cônsul-geral de Portugal em Macau estreia a cadeira de representante de Portugal na mesa do Fórum Macau, no ano em que este órgão celebra uma década de existência. Nomeado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Vítor Sereno garantiu que vai assumir “mais esta responsabilidade com o sentido de Estado que a sua função de cônsul-geral já lhe confere”. Até agora, Portugal estava a ser representado no Fórum pelo delegado local da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP) e que, na nova organização representativa, irá coadjuvar o cônsul-geral.



67.414

É O VALOR MÉDIO, EM PATACAS, DO PREÇO DO METRO QUADRADO EM MACAU (+14% QUE EM 2012)



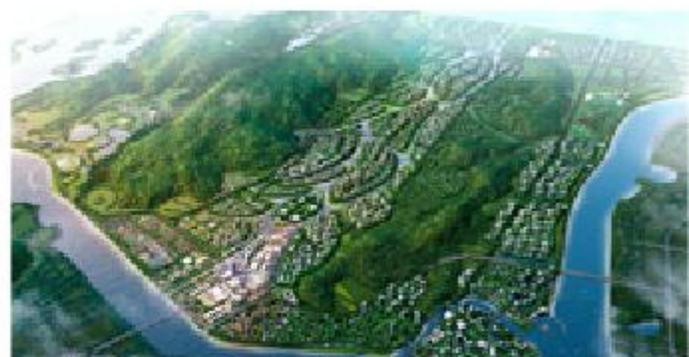
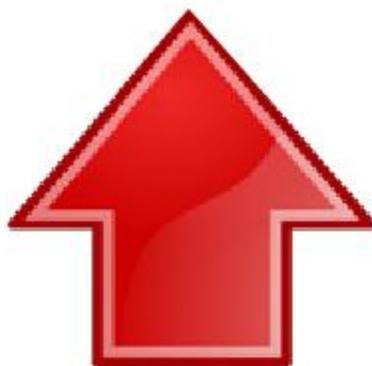
110.552

É O NÚMERO DE TRABALHADORES NÃO RESIDENTES EM MACAU



+6,89%

FOI QUANTO SUBIU O ÍNDICE DE PREÇOS TURÍSTICOS NO TERCEIRO TRIMESTRE



ILHA DA MONTANHA ATRAI 89 EMPRESAS LOCAIS

Um total de 89 empresas de Macau submeteu, até ao fim de Outubro, projectos de investimento no Parque Industrial de Cooperação Guangdong-Macau, na Ilha da Montanha. Os projectos estão sobretudo ligados às áreas do turismo e lazer, logística e comércio, bem como desenvolvimento tecnológico e educacional e de investigação, cultura e criatividade, alta tecnologia, medicina e saúde e serviços financeiros.

SEGURANÇA ALIMENTAR EM ACÇÃO

O primeiro Centro de Segurança Alimentar de Macau está em funcionamento desde 20 de Outubro, quando entrou em vigor a Lei de Segurança Alimentar, para fiscalizar o cumprimento das normas e supervisionar a qualidade dos géneros alimentícios. A lei foi aprovada pela Assembleia Legislativa em Março, e visa a produção e comercialização de géneros alimentícios e utilização de aditivos alimentares. O Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais tem a tarefa de fiscalização e estão previstas multas de entre 50 mil a 600 mil patacas para incumpridores.



TORNEIO DA SOBERANIA COM OITO EQUIPAS

O Torneio da Soberania, organizado pela Associação de Veteranos de Futebol de Macau, volta a realizar-se no território entre os dias 13 e 15 de Dezembro com oito equipas convidadas. Portugal estará representado nesta 13.ª edição através do Marítimo e junta-se a formações da Coreia do Sul, China, Taiwan, Macau, Hong Kong, Singapura e Malásia.

FUNDO DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS COM 200 MILHÕES

O Conselho Executivo de Macau anunciou em Outubro que deu luz verde à criação de um Fundo das Indústrias Culturais, com um capital inicial de 200 milhões de patacas para apoiar projectos que contribuam para o desenvolvimento do sector. O objectivo do fundo, que terá total autonomia do Governo, é conceder apoio financeiro essencialmente a projectos que contribuam para o desenvolvimento do sector, além de atribuir prémios para destacar contributos.

5.º lugar

É A POSIÇÃO DE MACAU NO RANKING DA CONSTRUÇÃO MAIS CARA DO MUNDO



FOTÓGRAFA LANÇA LIVRO SOBRE O PATRIMÓNIO PORTUGUÊS NA ÁSIA

A fotógrafa portuguesa Carmo Correia lança a 10 de Dezembro em Macau o livro *Ponte de Luz* que destaca o papel de Macau como "cidade âncora" dos portugueses na Ásia onde deixaram um vasto património cultural e arquitectónico. Ao longo das 240 páginas e 188 imagens, Carmo Correia retrata a preto e branco as marcas da presença portuguesa em Goa, Damão, Diu, Cochim, Malaca, Timor-Leste, Japão, Sri Lanka, Tailândia, Indonésia e Macau.

JOGOS DA ÁSIA ORIENTAL RENDEM 27 MEDALHAS

O chefe do executivo de Macau endereçou a 15 de Outubro uma mensagem de felicitações à delegação desportiva do território que arrecadou 27 medalhas na 6.ª edição dos Jogos da Ásia Oriental. Chui Sai On manifestou "calorosas saudações" à delegação, cujos atletas conquistaram três medalhas de ouro, cinco de prata e 19 de bronze. Macau enviou uma delegação de 210 elementos aos Jogos, que tiveram lugar na cidade chinesa de Tianjin, participando em 15 das 24 modalidades.

ADVOGADOS DE TODO O MUNDO JUNTOS NA RAEM

Macau acolheu, no início de Novembro, o 57.º Congresso da União Internacional dos Advogados (UIA), com a presença de mais de mil profissionais de todo o mundo. Advogados de diferentes latitudes, incluindo nove representantes de Portugal, reuniram-se na RAEM para debater, por exemplo, a sua actuação quando são confrontados com casos de corrupção, o tema principal do encontro. Esta foi a primeira vez, em mais de oito décadas, que o congresso da UIA aconteceu na China.



HO IAT SENG ELEITO PRESIDENTE DA AL

Os deputados da Assembleia Legislativa de Macau elegeram em Outubro Ho Iat Seng como presidente e Lam Heong Sang como vice-presidente, no plenário que inaugurou a 5.ª legislatura. Ho Iat Seng, 56 anos, natural de Macau, foi eleito presidente com 30 dos 33 votos dos deputados, os quais escolheram para a vice-presidência Lam Heong Sang, de 57 anos, igualmente da bancada do sufrágio indirecto e que também fez a sua estreia na Assembleia Legislativa há quatro anos.

ACONTECEU

LISTA DE BENS DE ALTOS CARGOS NA INTERNET

Uma parte da Declaração de Bens Patrimoniais e Interesses dos titulares de principais cargos de Macau está desde de 19 de Outubro disponível na Internet. O regime jurídico determina a publicidade das declarações do chefe do Executivo e titulares dos principais cargos; deputados à Assembleia Legislativa; magistrados, membros do Conselho Executivo; chefes de gabinete, directores e subdirectores, ou titulares dos cargos equiparados dos serviços da Administração Pública, incluindo os dos serviços e fundos autónomos e demais institutos públicos.

A ÚLTIMA VEZ QUE VI MACAU NOS PRÉMIOS GOYA

O filme *A Última Vez que Vi Macau*, de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, irá representar Portugal nos Prémios Goya, os galardões do cinema espanhol, numa cerimónia que se realizará no próximo mês de Fevereiro. O filme foi rodado em Portugal, em Macau e na China e estreou-se em Janeiro passado, na Suíça, e em Março, em Portugal.



DOCI PAPIAÇAM ASSINALAM 20 ANOS

O grupo de teatro em patuá Doci Papiaçam di Macau subiu ao palco a 26 de Outubro no teatro do complexo Venetian para celebrar os 20 anos do grupo e recordar vários momentos de peças passadas. Ao longo do espectáculo de duas horas, intitulado "20 anos: Dalé Más", o grupo exibiu três pequenas histórias.

MACAU GANHA JUÍZO LABORAL E DE MENORES

O Governo de Macau avançou em Outubro com a criação de um juízo laboral e de um juízo de família e menores no seio do Tribunal Judicial de Base. Apesar de estarem previstos na Lei de Bases da Organização Judiciária, os dois juízos especializados nunca chegaram a ser estabelecidos antes devido ao insuficiente número de juizes.

MACAU FICA EM 16.º LUGAR NO MUNDIAL SUB-20 DE HÓQUEI

A selecção de Macau de hóquei em patins acabou o Mundial sub-20 realizado na Colômbia na 16.ª posição das 17 possíveis. Portugal sagrou-se o campeão da prova ao derrotar a Espanha na final. A formação local partiu para Cartagena com o objectivo de aprender já que os jogadores, todos entre os 14 e os 17 anos, estavam longe do primor técnico dos seus adversários e a própria Associação de Patinagem o frisou, salientando apenas que a ida ao Mundial pretendia apenas dar experiência competitiva aos jogadores.

DEPUTADOS NOMEADOS COM UMA CARA NOVA

O Chefe do Executivo da RAEM nomeou no início de Outubro os sete deputados para a quinta Assembleia Legislativa (AL), com apenas um novo nome. Em relação às nomeações de 2009, Chui Sai On introduziu duas alterações: saem José Chui Peng e Ho Sio Kam, entram Ma Chi Seng e Fong Chi Keong. Ma Chi Seng, empresário de 35 anos, é na prática a única cara nova deste lote, já que Fong Chi Keong é dos mais antigos deputados, tendo sido eleito pela primeira vez, por sufrágio directo, em 1996.

ESTRELAS DE HOLLYWOOD PARA PRÉMIOS CHINESES HUADING

Quentin Tarantino, Nicole Kidman e Nicolas Cage foram algumas das estrelas de Hollywood que cruzaram a passadeira vermelha do Venetian, em Macau, como convidados para a cerimónia de entrega dos prémios Huading, que decorreu no início de Outubro. Criados em 2007, pela Global Talents Media Group, empresa com sede em Pequim, os Huading Awards, que premeiam a indústria do entretenimento, atribuídos por voto popular, realizam-se várias vezes ao longo do ano em diversos pontos da China.



TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES À LUPA

Dados dos Serviços de Estatística e Censos referentes ao período de Janeiro a Setembro deste ano confirmam a tendência crescente do número de veículos nas ruas da cidade, bem como o de utentes de telemóveis e serviços de Internet. Se levarmos em consideração os 591.900 habitantes de Macau, há um veículo para casa 2,6 pessoas e 2,6 telemóveis em funcionamento por pessoa.

224.146

veículos em circulação (+5%)

13.945

novas matrículas atribuídas (+6%)

11.228

acidentes de viação (+2%)

3.951

vítimas de acidentes de viação

14

mortes na estrada

3.446.796

viaturas cruzaram a fronteira Macau-China
(+5%)

33.224

voos comerciais (+18%)

1.556.994

utentes de telemóvel (+2%)

159.245

utentes de linha fixa (-3%)

250.743

assinantes de Internet (+12%)

597 milhões

de horas de navegação na Internet (+21%)

MACAU TEM A INTERNET MAIS BARATA DO MUNDO

O mais recente relatório da União Internacional das Telecomunicações, das Nações Unidas coloca Macau como tendo a Internet de banda larga fixa mais barata do mundo. O documento faz uma comparação entre 157 países ajustando o preço do serviço ao poder de compra em cada país ou território. Assim, com um preço médio de 7,9 dólares americanos por mês, a banda larga fixa em Macau é apenas 0,2 por cento do PIB per capita.

USJ LANÇA CURSOS ESPECIALIZADOS EM PORTUGUÊS

A Universidade de São José (USJ) lançou em Outubro cursos especializados em português, incluindo na área jurídica, executando o papel de Macau como ponte entre a China e os países de língua portuguesa. Os cursos foram criados sob a alçada do departamento de Educação Contínua da USJ, e em paralelo a instituição também está a ministrar o curso básico de língua portuguesa.

FRANÇA VENCE CONCURSO DE FOGO DE ARTIFÍCIO

A França venceu em Outubro a 25.ª edição do concurso internacional de fogo-de-artifício de Macau, no dia em que a China comemorou o seu dia nacional e obteve o segundo posto. O terceiro e último lugar da classificação foi conquistado pela Suíça. O 25.º Concurso Internacional de fogo-de-artifício de Macau arrancou a 14 de Setembro com as apresentações das equipas de Espanha e África do Sul, na baía em frente à Torre de Macau.



GP DE MACAU COM BRILHO LUSÓFONO

Dois portugueses e um brasileiro subiram ao pódio da 60.^a edição do Grande Prémio de Macau, que este ano decorreu durante dois fins-de-semana, entre 9 e 17 de Novembro. Tiago Monteiro conquistou o segundo lugar no pódio da primeira manga da última jornada do campeonato WTCC, ficando atrás do francês Yvan Muller, e à frente do britânico Robert Huff. Já na Fórmula 3, António Félix da Costa conquistou a segunda posição, tendo o brasileiro Pipo Derani subido ao terceiro lugar do pódio. A prova foi vencida pelo britânico Alex Lynn.

MARREIROS FAZ ESCULTURA DE ADÉ PARA PARQUE PORTUGUÊS

Adé dos Santos Ferreira, o poeta do patuá, vai ser o objecto de uma escultura em Oeiras, Portugal. A obra, da autoria de Carlos Marreiros, vai fazer parte do “Parque dos Poetas”, um espaço ainda em construção, onde vão estar os nomes maiores da poesia lusófona. O arquitecto irá usar o bronze vermelho chinês e o aço inoxidável areado, como forma de representar a dualidade harmónica do Ocidente e Oriente.



JOGOS DA LUSOFONIA ADIADOS PARA JANEIRO

A Associação dos Comitês Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa (ACOLOP) decidiu adiar para 18 a 29 de Janeiro de 2014 a terceira edição dos Jogos da Lusofonia previstos para Novembro. O local mantém-se o mesmo, Goa, na Índia. O adiamento acontece porque as instalações desportivas necessárias aos jogos não estão todas concluídas prevendo-se, no entanto, para breve a conclusão dos trabalhos.

GOVERNO ASSUME GESTÃO DE OPERADORA DE AUTOCARROS

O Governo de Macau assumiu em Outubro, em nome do “interesse público”, por um período de seis meses, a exploração da Reolian, uma das três operadoras de autocarros de Macau, que entrou com um pedido de falência. A Reolian - um consórcio entre a francesa Veolia e a H. Nolasco – anunciou ter entrado com um pedido de falência devido à sua “irrecuperável” situação financeira. Os autocarros da Reolian, que tem actualmente a seu cargo 27 carreiras - mais de dois quintos da rede total -, contabilizando mais de 160 mil passageiros por dia, vão continuar a circular, com o Governo a assumir a gestão e o pagamento das remunerações dos mais de 500 funcionários da empresa.

JOSÉ CESÁRIO DISTINGUE ATFFPM

O secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Cesário, distinguiu em Outubro a Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau (ATFFPM), com uma placa de mérito pelo contributo prestado em prol das comunidades portuguesas. “Não me esqueço que de todas as vezes que vim a Macau nos últimos dez anos eu visitei a ATFFPM e sempre encontrei, no seio dos seus directores e dos seus membros, uma atenção enorme para com Portugal, uma atenção enorme no acompanhamento português”, disse José Cesário, aos jornalistas, ao sublinhar a “relação extraordinária com Portugal e com a comunidade portuguesa” que o organismo tem.

Macau

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



ONDE PODE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

Centro de Promoção
e Informação Turística
de Macau em Portugal
Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, n.º 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Delegação Económica e Comercial de Macau
Av. 5 de Outubro, 115 – 4º
1069-204 Lisboa

BÉLGICA

Macao Economic and Trade Office to the E.U.
Avenue Louise, 480
1050 Bruxelles - Belgium

MACAU

Livraria Portuguesa
Rua São D'Somingos, 18-22
Tel: +(853) 28 556 442

Livraria S.Paulo
Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 28 323 957

Plaza Cultural

Av. Conselheiro Ferreira de Almeida, 32

Café Caravela

Pátio do Comandante Mata e Oliveira, 29

Pizza & Companhia

Av. Ouvidor Arriaga, 79/79A

Jade Garden Magazines Stall

Av. da Praia Grande S/N

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 2,620.00 | BRASIL: BRL 56.00
CABO VERDE: CVE 2,459.00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 14,634.00
MACAU: MOP 100.00 | MOÇAMBIQUE: MZM 771.00
PORTUGAL: EUR 22.00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 546,445.00
TIMOR-LESTE: USD 28.00 | RESTO DO MUNDO: USD 35.00

www.revistamacau.com

 deltaedições

Se deseja ser assinante da revista MACAU (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
Email: contacto@revistamacau.com Tel: +853 2832 3660 Fax: +853 2832 3601

NOME: _____

MORADA: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____

EMAIL: _____

Não inclui portes de correio.

MACAU MAIS ESTRATÉGICA

Macau vai ter três centros estratégicos dedicados à cooperação sino-lusófona e a China promete dar prioridade à educação e formação nos países de língua portuguesa. No quarto encontro do Fórum Macau, a celebrar o seu 10.º aniversário, ficou ainda definida a meta de 160 mil milhões de dólares americanos até 2016 para trocas comerciais entre a China e os outros países participantes

Texto **Patrícia Lemos**



A IV Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa trouxe até à RAEM muitos representantes dos países envolvidos. Este grande encontro trienal, sob o signo de “Novo ciclo, novas oportunidades”, recebeu ainda representantes de São Tomé e Príncipe, convidados a participar como observadores. Só entre delegações lusófonas e jornalistas, Macau acolheu mais de 500 pessoas.

Segundo garantiu o secretário para a Economia e Finanças da RAEM, Francis Tam, nos próximos três anos Macau vai pôr a funcionar três novos centros estratégicos para impulsionar as relações entre a China e os países de língua portuguesa. A saber: um centro de convenções e exposições

BALANÇO DE TRÊS ANOS DE COOPERAÇÃO SINO-LUSÓFONA

2,67 mil milhões de yuans de empréstimos preferenciais

12 mil milhões de yuans de dívida pública perdoada

95% de produtos com entrada a tarifa zero no Interior da China



destinado a promover os mercados lusófonos, outro na área da distribuição de produtos alimentares dos países lusófonos dirigido ao mercado chinês, e um centro de arbitragem de eventuais conflitos comerciais entre empresas, no âmbito da cooperação sino-lusófona. Além disso, Macau está incumbido de incentivar os governos e as empresas a participarem no Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas, que se realiza na RAEM. O mesmo secretário afirmou também que os resultados destes novos organismos vão ser analisados na próxima Conferência Ministerial do Fórum, a acontecer em 2016.

O vice-primeiro-ministro de Portugal, Paulo Portas, que foi um dos presentes na Conferência Ministerial, acredita que com o centro de distribuição de produtos, as empresas portuguesas podem aumentar as suas exportações e os produtos chegam mais depressa à China e com menos impedimentos administrativos. O presidente da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), Pedro Reis, acredita que este centro “é fundamental” em Macau, porque a exportação na área agro-alimentar está a aumentar muito para a China.

COOPERAÇÃO CHINA-LUSOFONIA

Outro representante na Conferência Ministerial, o vice-presidente do Brasil, Michel Temer, considera que o centro de arbitragem terá um “papel de grande relevo” para alcançar os 160 mil milhões de dólares até 2016 em trocas comerciais sino-lusófonas, conforme é desejo da República Popular da China (RPC).

DÉCADA BEM DOURADA

Este grande encontro que animou a Nave Desportiva dos Jogos da Ásia Oriental da RAEM, em Novembro, também serviu para comemorar os dez anos da criação do Fórum Macau. O ministro do Comércio da RPC, Gao Hucheng, sublinhou o “percurso extraordinário” deste organismo - apoiado pelo Ministério do Comércio do Governo Central - e os benefícios que trouxe a todos os membros que, “com base na convergência”, tiveram “ganhos mútuos”, desfrutando da complementaridade das vantagens: “Aprofundámos a cooperação

económica e comercial e enfrentámos em conjunto a crise financeira”.

Gao Hucheng congratulou a RAEM por tudo o que tem feito pelas relações sino-lusófonas, cujas vantagens geográficas, culturais e comerciais são fundamentais para o trabalho do Fórum. E acredita que é importante cooperar agora “a um nível mais elevado, em áreas mais amplas e de forma mais aprofundada”.

Por seu turno, o vice-primeiro-ministro do Conselho de Estado da RPC, Wang Yang, destacou a maturidade da cooperação económica e comercial entre a China e os PLP. Está convencido de que no futuro os laços serão ainda mais fortes, com vista a uma cooperação multilateral mais diversificada. De Macau ouviu-se o aplauso do Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, que louvou o Fórum Macau “enquanto mecanismo eficaz de cooperação e plataforma de serviços de excelência”. Acredita mesmo que este mecanismo tem registado “um



progresso muito encorajador” e vai continuar a desempenhar “um papel significativo na promoção da cooperação económica e comercial entre os países participantes”. Nessa óptica garante que “Macau irá continuar a otimizar as suas potencialidades”.

Para o vice-primeiro-ministro de Portugal, “as relações entre Portugal e a China têm um lugar muito singular em Macau”. É um relacionamento que classifica de “absolutamente espectacular”, acrescentando que, “fora da União Europeia, a China está entre os três principais clientes de Portugal”. Essa relação sai reforçada desta visita a Macau já que o vice-primeiro ministro anunciou na RAEM que o Instituto do Turismo de Portugal vai ter uma representação permanente em Pequim, a partir de 2014, para promover o país na China. Portas regozija-se ainda com a oportunidade do seu país vir a exportar mais para a China, em particular leite, carne de porco, frutas e arroz.



LINHAS MESTRAS DO PLANO DE ACÇÃO 2014-2016

As medidas para o próximo triénio foram anunciadas pelo vice-primeiro-ministro do Conselho de Estado, Wang Yang, na abertura da IV Conferência Ministerial do Fórum Macau. Prometem dar uma nova dimensão e dinâmica à cooperação sino-lusófona. É a garantia da China aos países de língua portuguesa.

A China:

- 1 pretende continuar a dar empréstimos em condições favoráveis, no valor de 293 milhões de dólares, aos países lusófonos
- 2 deseja partilhar a experiência adquirida e bem sucedida no implemento de zonas económicas especiais e zonas de desenvolvimento no incentivo às empresas chinesas para promoverem o implemento deste tipo áreas nos países de língua portuguesa interessados
- 3 vai apoiar os países do Fórum na construção de infra-estruturas destinadas ao ensino e formação, pretendendo doar equipamentos de rádio, televisão e telecomunicação e ainda desenvolver um projecto de energia solar para iluminação pública
- 4 deseja intensificar a cooperação e o intercâmbio com os países de língua portuguesa na área do desenvolvimento de recursos humanos
- 5 vai oferecer 1800 quotas de bolsas de estudo
- 6 vai continuar a desenvolver o intercâmbio e a cooperação na área de saúde e medicina, comprometendo-se a enviar no próximo triénio 210 médicos para os países participantes da África e da Ásia
- 7 pretende criar uma plataforma em Macau para promover o intercâmbio de bilingues qualificados
- 8 vai dar prioridade aos sectores de educação e formação, agricultura, protecção ambiental e novas energias

COOPERAÇÃO CHINA-LUSOFONIA

Todos os representantes dos países membros lembraram o papel importante do Fórum nas relações sino-lusófonas nos seus discursos durante a Conferência. O ministro do Turismo, Indústria e Energia de Cabo Verde, Humberto Santos de Brito, é da opinião que o Fórum tem potencial para “elevar os patamares de parceria diversificada entre os países membros e em coerência com as ambições e planos constantes dos seus planos de acção trienais”. Também o ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Moçambique, Oldemiro Baloi, fez um balanço positivo destes dez anos, destacando a importância que o Fórum tem tido para os recursos humanos do seu país, na formação dos moçambicanos em Macau e na China.

PLANO DE GRANDE ACÇÃO

As linhas-mestras do plano de acção, referentes às medidas do Governo Central para os próximos três anos, foram apresentadas pelo vice-primeiro-ministro do Conselho de Estado da RPC, Wang Yang. Todos os representantes assinaram depois o documento que procura aprofundar as relações comerciais futuras. Até 2016 o objectivo é alcançar os 160 mil milhões de dólares americanos em volume de trocas entre a China e os países de língua portuguesa, crescendo oito por cento ao ano.

Apesar da vertente económica ser fundamental para os países envolvidos, o Fórum Macau não esgota aí, já que a formação de recursos humanos sempre foi uma “actividade prioritária”, conforme referiu Paulo Portas. Aliás, dos oito pontos do Plano de Acção 2014-2016 três são na área do ensino e da formação profissional. A China não só aposta na construção de escolas e centros de formação nos países-membros, como pretende convidar 2000 pessoas daqueles países para acções de formação e oferecer até 1800 bolsas de estudo aos governos dos países lusófonos envolvidos.

Depois de ratificar o plano, a delegação da China reuniu-se com as congéneres dos países lusófonos do Fórum, o que resultou em acordos bilaterais. O vice-presidente do Brasil, Michel Temer, seguiu para a reunião da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação em Cantão, que esteve em consonância com os planos do Fórum. Nessa reunião, Brasil e China combinaram diversificar



mais as relações e apostar na agricultura, nas energias e nos investimentos chineses em infra-estruturas brasileiras. Temer fechou mesmo um negócio com a China de venda de milho no valor de 1,7 mil milhões de dólares.

Como uma das áreas mais expressivas do Fórum Macau, o comércio vai ser fortemente impulsionado pelo Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que soma mil milhões de dólares americanos e disponibiliza numa primeira fase 125 milhões de dólares. As empresas lusófonas podem candidatar-se a este fundo, criado em Junho de 2013, com os seus projectos económicos e comerciais, como sejam a construção de infra-estruturas, transportes, telecomunicações, energia, agricultura e recursos naturais.

Estes dinheiros foram mesmo o motivo para a realização dum encontro de representantes de mais de 80 empresas dos países lusófonos e da China “Bolsa de Contactos”, onde foram promovidas 95 bolsas. Rui Pereira, representante da Direcção-Geral das Actividades Económicas do Ministério da Economia de Portugal, que participou neste encontro, “com a entrada em funcionamento do fundo e à medida que se vai conseguindo reunir mais informação sobre os critérios de elegibilidade dos projectos – que abrangem aqueles que são apresentados por joint-venture –, estão reunidas as condições para que, de facto, se consiga fomentar um maior intercâmbio empresarial” entre a China e os PLP. Por sua vez, Paulo Portas garantiu que este fundo é um “instrumento essencial” para as relações entre os países membros do Fórum Macau. ●



BALANÇO DE 10 ANOS DE COOPERAÇÃO SINO-LUSÓFONA

- 30 mil milhões de dólares de investimento da China nos países lusófonos
- Mais de 800 empresas do universo lusófono com operações na China (mais 100 do que em 2010), o que corresponde a um investimento superior a 500 milhões de dólares
- China disponibilizou um total de 651,4 milhões de dólares para assistência a Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e Timor Leste.
- Instituições de ensino superior de português na China aumentaram para 58
- China ajudou a formar mais de cinco mil profissionais de várias áreas.
- Mais circulação de técnicos entre os países nas áreas de construção económica- China é o terceiro maior comprador de produtos de Portugal fora da União Europeia
- O número de turistas da China com destino aos países lusófonos foi para além de 1,6 milhões
- 44 geminações entre cidades chinesas e da lusofonia
- China subiu 18 lugares na lista dos principais clientes de Portugal

REPRESENTANTES PRESENTES



CHINA

Vice-primeiro-ministro do Conselho de Estado, Wang Yang



MACAU

Chefe do Executivo, Chui Sai On



GUINÉ-BISSAU

Primeiro-ministro, Rui Duarte Barros



BRASIL

Vice-presidente, Michel Temer



PORTUGAL

Vice-primeiro-ministro, Paulo Portas



TIMOR-LESTE

Vice-primeiro-ministro, Fernando de Araújo



ANGOLA

Ministro da Justiça e dos Direitos Humanos, Rui Manguera



CABO VERDE

Ministro do Turismo, Indústria e Energia, Humberto Santos de Brito



MOÇAMBIQUE

Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Oldemiro Baloi

APOSTA NO TALENTO

Prioridade número um: formar talentos. Uma missão que prevê o investimento de mais recursos, programas de incentivos e até a criação de centros educativos. As Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2014 foram apresentadas sob a forma de um guião para transformar Macau num palco onde futuros talentos locais tenham oportunidade de brilhar

Texto **Diana do Mar**

No topo das prioridades para 2014, último ano do actual mandato do Chefe do Executivo Chui Sai On, a formação de quadros figura como a aposta das Linhas de Acção Governativa anunciadas, em Novembro, sob a forma de um guião que tem Macau como cenário e futuros talentos locais como protagonistas. A pensar num “mecanismo eficiente de longo prazo” vão ser disponibilizados mais recursos, lançados programas de incentivo e de prémios e até criados dois centros educativos. “Os talentos são o motor do progresso social”, afirmou, na Assembleia Legislativa, Chui Sai On, cuja estratégica passa por “garantir uma reserva de talentos, capaz de responder ao rápido desenvolvimento da sociedade e da economia”. Neste contexto, revelou, estão na calha três novos programas: um de formação de elites, um de estímulo a quadros especializados e outro de incentivo a quadros técnico-profissionais.

Em paralelo, o Governo quer fazer regressar a casa os talentos que frequentem cursos ou



tenham negócios no estrangeiro, ponderando a concessão de “incentivos privilegiados”. Manifestada foi também a intenção de canalizar mais recursos para associações civis, sobretudo para as formadas por jovens, e de premiar instituições e empresas que se “distingam pela eficácia na formação de talentos locais” e quadros com “contributos notáveis”. Em cima da mesa também está a criação de uma comissão para o planeamento da promoção da formação de talentos, “obra complexa” e de “grande envergadura” que requer a participação de todos, realçou o Chefe do Executivo. Ver um maior número de trabalhadores locais a ascenderem a posições superiores ou cargos de chefia é outra das aspirações do Governo que, garantiu Chui Sai On, “irá advogar junto das grandes empresas, especialmente das concessionárias de jogo”, pelo “aumento da percentagem de trabalhadores locais em cargos de direcção em vários níveis”. Do plano traçado fazem ainda parte dois centros educativos: um direccionado para o ensino técnico-profissional e outro de línguas, com especial incidência no ensino do mandarim, português e inglês. A entrada em funcionamento de ambos está prevista para 2016.

REFORÇO SOCIAL

Já no plano da melhoria da qualidade de vida foi anunciado um reforço dos apoios

sociais. Entre subvenções e participações, o Governo prevê despesas na ordem dos 11.313 milhões de patacas – contra gastos de 9.773 milhões em 2012. Do pacote destacam-se os cheques a distribuir pela população, cujos montantes vão ser revistos em alta para 9000 e 5400, respectivamente no caso dos residentes permanentes e dos não permanentes, com os primeiros a beneficiarem de vales de saúde de 600 patacas. Já para todos, mantém-se, por outro lado, a subvenção mensal da tarifa de electricidade de 200 patacas. A terceira idade é contemplada com a actualização do subsídio anual e da pensão mensal e os estudantes com um reforço dos apoios nomeadamente na aquisição de manuais. Destaque ainda para a promessa de ajustamento do índice mínimo de subsistência, para o prolongamento do período de apoio do programa alimentar – cujo universo de beneficiários deve crescer com o elevar do teto de rendimentos –, bem como para a actualização do montante das duas modalidades do subsídio de invalidez. As famílias com carências económicas vão voltar a receber uma prestação adicional no valor total do subsídio, cujo valor e limite de rendimentos também vão crescer. Já na conta individual do regime de previdência dos residentes elegíveis será injectada uma verba adicional de 7000 patacas. Reforçado sairá também o programa de educação contínua, cuja validade é alargada por mais três anos. A atribuição do abono de residência aos candidatos em lista de espera por habitação social e a isenção do pagamento de renda às famílias arrendatárias granjearam, por seu turno, a manutenção nas políticas para 2014. No próximo ano, manter-se-ão também as medidas de redução e/ou isenção fiscal, como o reembolso de 60 por cento do imposto profissional, as quais vão fazer com que o Governo deixe de encaixar receitas de 1.980 milhões de patacas. ●

ADMINISTRAÇÃO E JUSTIÇA

- Rever diplomas relativos à organização e funcionamento do Instituto Cultural e do Instituto do Desporto no sentido de os adaptar à transferência de atribuições do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais
- Limitar número de organismos consultivos para os quais a mesma pessoa pode ser nomeada como membro e regular duração dos mandatos
- Revisão da Lei de Bases da Organização Judiciária
- Estudo de viabilidade das várias propostas de revisão do Código Civil
- Aperfeiçoar regime de apreciação do desempenho dos quadros dirigentes da Administração e ponderar criar comissão especializada para coordenar e dirigir trabalhos
- Elevar a eficiência da gestão centralizada dos funcionários públicos
- Revisão do regime de contrato de trabalho nos serviços públicos e aperfeiçoamento das regalias

ECONOMIA E FINANÇAS

- Reforço do apoio ao sector de convenções e exposições com lançamento de novo plano de apoio
- Fomento da reconversão e valorização industrial
- Apoiar as PME na elevação do seu nível de gestão e na exploração de novos mercados
- Estudo do Fundo de Protecção no Desemprego
- Actualização do limite máximo da indemnização em caso de cessação da relação de trabalho sem justa causa
- Acelerar revisão da Lei de Enquadramento Orçamental

SEGURANÇA

- Aposta no uso de tecnologias, aperfeiçoamento dos recursos humanos e aumento do policiamento de proximidade
- Melhoria da eficiência do desembarço aduaneiro e aumento da fiscalização relativa à protecção da propriedade intelectual
- Optimização dos procedimentos de controlo dos fluxos migratórios
- Reforço da cooperação interdepartamental e incremento da troca de informações
- Promoção de campanhas educativas sobre a segurança

ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA

- Lançamento de consulta pública sobre regime de previdência central não obrigatório
- Definição de enquadramento político para planeamento dos serviços de reabilitação para o próximo decénio
- Aumento significativo do número e montante de bolsas de mérito
- Atribuir mais apoios financeiros para o ensino especial
- Iniciar trabalhos do Plano Geral do Desenvolvimento da Indústria do Turismo e estudo específico sobre tendência de evolução do sector
- Entrada em funcionamento, a título experimental, de sistema electrónico de processos clínicos
- Levantamento do Património Arquitectónico de Macau e arranque dos trabalhos para Levantamento do Património Cultural Intangível

TRANSPORTES E OBRAS PÚBLICAS

- Aumentar o limite máximo do montante de apoio financeiro do Fundo para a Protecção Ambiental e Conservação Energética para um milhão de patacas
- Abertura de concurso para prestação de serviços de operação e manutenção da 1.ª fase do Metro ligeiro
- Construção de estação de tratamento de água reciclada
- Ponderar a adopção de um modelo diversificado de desenvolvimento do mercado de serviços televisivos
- Acelerar sistematização do regime de avaliação do impacto ambiental e apresentação da lei de prevenção e controlo do ruído
- Execução de política de introdução de veículos ecológicos a curto prazo
- Concessão de mais 200 licenças de exploração de táxis
- Revisão de diplomas complementares à nova Lei de Terras
- Conclusão da Estratégia de Desenvolvimento para a Habitação Pública, em conjugação com o estudo sobre “terras de Macau destinadas a residentes de Macau”
- Execução das obras da primeira fase do projecto de construção do novo acesso entre Guangdong e Macau

FOTORREPORTAGEM

FESTIVAL DA GASTRONOMIA DE MACAU

SABORES DO MUNDO

A praça do lago de Sai Van voltou, pelo 13.º ano consecutivo, a servir de palco para mais uma edição do Festival de Gastronomia de Macau, que se prolongou por todo o mês de Novembro. Mais de uma centena de restaurantes locais fizeram-se representar com as suas melhores iguarias, tendo a Tailândia um lugar de destaque no certame

Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

A 13.ª edição do Festival de Gastronomia de Macau voltou a levar milhares de pessoas à praça do lago de Sai Van durante todo o mês de Novembro. O mercado de comidas, que serve de montra para centenas de restaurantes locais, teve este ano como país convidado a Tailândia, que trouxe a Macau as suas melhores iguarias de norte a sul. A comissão organizadora do evento convidou também um grupo artístico tailandês que durante todos os dias do evento subiu ao palco para apresentações musicais, de boxe (*muay-thai*), dança folclórica, artesanato e escultura.

Para além de comidas tradicionais, o festival acolheu também mais de uma dezenas de barracas de jogos e teve uma maratona de concertos com artistas locais e estrangeiros. Como o festival coincidiu com a 60.ª edição do Grande Prémio de Macau, foi este ano baptizado com o *slogan* “Corrida de Comidas”.



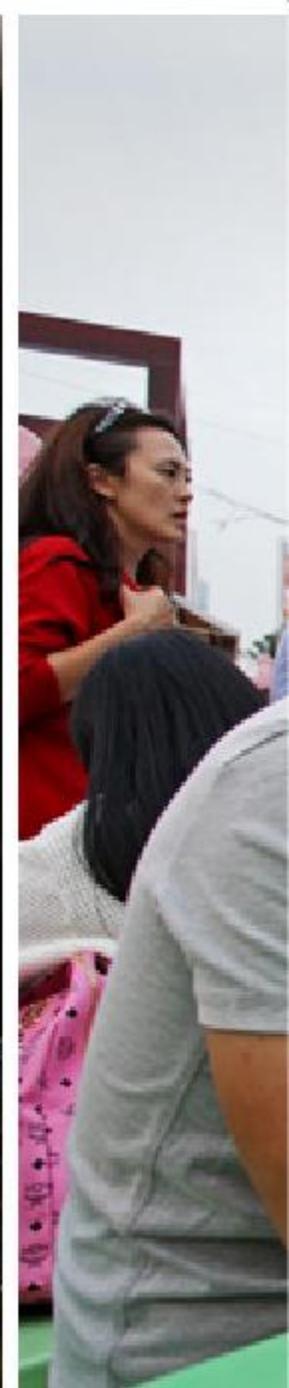




A Tailândia foi pela primeira vez o país convidado do Festival de Gastronomia de Macau. Além de quiosques de promoção turística e cultural, e até de um spa com as famosas massagens tailandesas, a Tailândia trouxe a Macau uma selecção dos seus principais pratos típicos de todas as zonas do país









O certame esteve dividido em cinco zonas para sublinhar a diversidade gastronómica de Macau: Comida Chinesa, Cozinha Europeia, Sabores Asiáticos, Cozinha Local e Sobremesas.











MULTICULTURALIDADE DE MÃOS DADAS

A 5.^a Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa, organizada em conjunto com o 16.^o Festival da Lusofonia, arrancou a 28 de Outubro com o melhor do artesanato, gastronomia e música lusófona

Pelo quinto ano consecutivo e com um sabor ainda mais especial de comemoração pelo 10.^o aniversário do Fórum Macau, a Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa animou por uma semana a cidade, com o melhor da multiculturalidade da RAEM. Enquanto na vila da Taipa artesãos promoveram a arte, escultura, costura, vidraria, têxteis, joalheria e bordados dos países e territórios da língua portuguesa participantes, no restaurante Feast, do hotel Sheraton, dez *chefs* de oito países, além de Macau e Goa, Damão e Diu, divulgaram o melhor da sua gastronomia. Na residência consular de Portugal em Macau esteve ainda patente durante os meses de Outubro e Novembro a mostra fotográfica "Patrimónios Comuns dos Países de Língua Portuguesa", numa selecção de 65 fotografias de Joaquim Magalhães de Castro, sem identificação do lugar, que pretendem "destacar a união entre todos os povos" lusófonos e que abrangiam, a partir do mar português, a língua, a miscigenação, religião, património edificado e tradições das diferentes culturas. Esteve ainda aberta ao público a Exposição de Arte Contemporânea dos Países de Língua Portuguesa, uma colectiva com obras originais de sete artistas: Álvaro Macieira (Angola), Eduardo Fonseca (Brasil), António Firmino (Cabo Verde), João Carlos Barros (Guiné-Bissau), Naguib Elias (Moçambique), António Trindade (Portugal) e Abel Júpiter (Timor-Leste).





LUSOFONIA





A semana cultural contou ainda com a participação de músicos lusófonos que actuaram ao longo da semana no Largo do Senado e no fim de semana nas Casas Museu da ilha da Taipa, culminando com a 16.ª edição do Festival da Lusofonia, que além da gastronomia, música e artesanato, promoveu outros focos de animação como jogos tradicionais. Além do Grupo de Música e Dança da Província de Anhui subiram ao palco os Maya Cool (Angola), Ammy Injai (Guiné-Bissau), Syndicate & Floor Fillers (Goa, Damão e Diu), Kumpania Algazarra (Portugal), Stewart Sukuma (Moçambique), Mirri Lobo e Banda (Cabo Verde), Edu Casanova (Brasil), Nilo Jalégo & Florentina (São Tomé e Príncipe) e Estrela do Mar (Timor Leste).

Um dos pontos altos do festival foi a parada cultural da China e dos países de língua portuguesa que animou o centro histórico de Macau. Além da música e das caras pintadas, das andas e das guitarras de Goa, o percurso entre as Ruínas de São Paulo e o Largo do Senado foi preenchido com muita dança dos países africanos e com os tambores do grupo de capoeira do Brasil, composto essencialmente por residentes em Macau dos vários países de língua portuguesa. Ao longo de cerca de 500 metros, a animação no centro da cidade ganhou nova vida e o turismo encontrou novos pontos de interesse para uma fotografia pouco comum, num percurso habitualmente repleto de visitantes da China que procuram produtos *made in Macau* para mostrar no continente chinês.

A edição 2013 da Semana Cultural esteve, como salientou Rita Santos, secretária geral adjunta do Fórum Macau, ainda mais virada para o residente local e para os turistas, já que muitos dos eventos decorrem em pontos de grande afluência turística como o Leal Senado de Macau.

Inserida no 10.º aniversário do estabelecimento do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau), a 5.ª Semana Cultural, que se prolongou até 7 de Novembro, foi organizada pelo Secretariado Permanente do Fórum Macau com a colaboração do Instituto dos Assuntos Cívicos e Municipais e da Direcção dos Serviços de Turismo. O evento contou com um orçamento de 12 milhões de patacas, contra os sete milhões de patacas da edição anterior, resultado de um maior investimento no cartaz do evento cultural precisamente por causa dessa efeméride. ●

NEGÓCIOS NA FEIRA

A Feira Internacional de Macau voltou a ser montra da diferenciada oferta dos países de língua portuguesa em busca de oportunidades de negócio no mercado chinês. O tradicional não faltou à chamada do certame, para o qual também despertaram novos sectores. Portugal e Brasil foram os únicos do universo lusófono a fechar acordos no palco da MIF

Texto **Diana do Mar** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

Uns contam com vasta experiência nas andanças da Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla inglesa), outros participaram pela primeira vez. Vieram tirar o pulso ao mercado da China, com produtos na bagagem e até parcerias alinhavadas, ou cumprir a missão de promover o seu país. Independentemente da alavanca accionada, com uma oferta diversificada, oriunda de quatro continentes, os países de língua portuguesa voltaram a mostrar-se na vitrina da 18.ª edição da MIF no final de Outubro, numa presença fortemente reforçada pelo universo de empresas provenientes de Portugal.

Segundo dados oficiais, à mesa da MIF foram assinados 98 protocolos, dos quais apenas dois envolvem entidades do universo lusófono: um do Brasil e outro de Portugal. “Fizemos uma parceria para a abertura da primeira escola de futebol do São Paulo Futebol Clube em Macau, visando o mercado chinês”, aproveitando esta “plataforma entre a China e os países lusófonos” para o projecto-piloto, afirmou Dácio Petroni, presidente do Instituto Brasil Macau-China para Desenvolvimento Científico, Cultural e Tecnológico. Um memorando de entendimento foi assinado com o grupo KNJ Investimento Imobiliário para a abertura, até Abril, do centro de formação, cuja operação será “no mínimo de três anos”.



中小企業展 SME EXHIBITION

A responsabilidade do grupo local – com braços no Interior da China, ligado a investimentos em variados segmentos – passa pela “identificação da infra-estrutura”, enquanto ao instituto cabe a “ligação directa com o São Paulo”. A ambos compete procurar patrocinadores. A gestão, essa, é “compartilhada”. O clube “tricolor” requer “toda uma padronização da imagem, processos e metodologias já definidos, mas a gestão do negócio é independente do São Paulo”, vincou Dácio Petroni.

É um projecto “amplo”, com “intercâmbio de jogadores, academias, torneios entre as próprias escolas de Macau e da China” e a possibilidade de crianças chinesas irem ao Brasil e de brasileiras se deslocarem à China para cursos de férias. A localização da escolinha – para uma faixa etária entre os oito e os 16 anos – não está ainda definida. A ideia é recorrer a instalações existentes e não erguer uma estrutura de raiz.

“Queremos pôr um pé e, se possível, os dois na China”, apontou o vice-presidente de relações internacionais do São Paulo, há 40 anos ao serviço do clube, repetindo a intenção anunciada em 2009. O São Paulo chegou a ter escolinhas na Ásia (Tailândia), mas já não existem”, lamentou Carlos Caboclo, confiante de que um dia se poderão formar, em Macau,



* Francisco Lino, BioCharme



grandes estrelas do mundo do futebol.

Com acordo fechado saiu também o Onebiz, grupo português de referência em *franchising* presente em 30 países, que firmou um “acordo de *joint-venture* com o local Origami, visando a criação da Onebiz China, a qual terá sede em Macau e será “a sociedade *master franchise* de todas as marcas detidas pelo grupo”. “O objectivo é a expansão das marcas na China”, revelou o administrador Pedro Santos. O grupo português tem em carteira um conjunto de serviços, que vão desde a área imobiliária e financeira até a educação, a saúde e a estética, e tem mais de 500 parceiros no sistema de *franchising* espalhados pelo mundo.

Já no âmbito da *joint-venture* foi assinado um “protocolo de instalação da nossa marca de educação infantil Morangos”, disse. Este pré-acordo tem como objectivo o desenvolvimento de uma rede de creches, jardins-de-infância e colégios sob a marca Morangos na região de Pequim. Em preparação está também o projecto de abertura da Morangos em Macau, adiantou ainda.

OPERAÇÕES DE CHARME

A BioCharme, agrupamento de produtores de agricultura biológica, espera “aparecer” em Janeiro, em Macau, um mercado ainda a despertar, mas com “potencial elevado”, disse Francisco Lino, após estabelecer uma parceria, a qual não ocorreu à mesa da feira, ficando assim de fora das estatísticas de “apertos de mão” do certame, dificultando a já de si difícil missão de aferir o impacto da feira.

Também com produtos orgânicos e *gourmet*, estabelecida em Hong Kong, mas com capital 100 por cento brasileiro, a Tembo Foods foca-se nos produtos de alto valor acrescentado. “O produto brasileiro tem dificuldade em concorrer com similares na Ásia, por isso, trazemos sempre um produto diferenciado”, explicou o director, Flávio Padilha, pegando na “melhor variedade de café que existe no Brasil: o *bourbon* amarelo. Orgânico, obviamente, num lote que inclui ainda erva-mate, chocolate ou produtos apícolas. A Tembo Foods está a espreitar o mercado de Macau ciente de que o do Interior da China – o “objectivo final” – é



* Equipa da SonaeMC

Mais de 115 mil pessoas passaram pelos quatro dias da 18.ª edição da Feira Internacional de Macau. Segundo dados da organização, foram realizadas mais de 2000 sessões de bolsas de contacto, o que rendeu a assinatura de 98 projectos de cooperação

um “lugar mais difícil por causa da burocracia” e da certificação. “Estamos a começar a explorar, é um processo de longo prazo”, apontou Flávio Padilha.

Já a SonaeMC partiu de Portugal apostada em encontrar importadores e distribuidores alimentares interessados, indicou o gestor de exportação do grupo. A presença “surge no seguimento do processo de internacionalização em que pretendemos promover os nossos produtos, o que de melhor se faz em Portugal”, na “plataforma” da feira, donde Rui Rodrigues saiu com “contactos proveitosos”. “Quer pela sua relação preço/qualidade, quer pela própria imagem que já têm junto da comunidade portuguesa”, os produtos da marca Continente “têm sido bem aceites” podendo vir a alcançar as prateleiras de supermercados locais, caso apareça um parceiro.

Macau e Hong Kong estão no mapa do grupo português que, em Maio de 2012, fez em Xangai uma operação de charme. “Temos apostado na exportação dos nossos produtos de marca própria que pretendemos que se estenda a outras áreas”, explicou Rui Rodrigues, ao

ECONOMIA

indicar que a exportação é “diminuta”, dado que esse processo foi iniciado, em 2013, para Cabo Verde e Timor-Leste.

Não obstante a predominância do agro-alimentar, Portugal deu nas vistas pela maior representação de sempre – mais de 80 empresas –, mas também pela diversificação da sua tradicional oferta. O imobiliário, um dos novos sectores mais visíveis, recorreu ao chamariz dos vistos dourados – que tem os chineses como principais interessados – para se mostrar a Oriente por via nomeadamente dos catálogos da Vazconstrói e da Construtorres, estreantes na MIF, onde banca, energia e recursos naturais, indústrias criativas e até o cinema conquistaram um espaço.

FORTE PRESENÇA EM PORTUGUÊS

Sozinho, Portugal trouxe mais empresas do que o conjunto dos demais países de língua portuguesa, apesar de ser difícil avançar com o número exacto. “Muitos empresários passam por aqui sem avisar”, partilhou César Yu, da Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX) do Brasil, a quem não passou ao lado a “grande” presença de Portugal. “Queremos trazer mais empresas brasileiras” para o certame, expressou, falando da possibilidade de se atraírem outros sectores, como a moda, serviços e *software* em Outubro de 2014.

De Moçambique chegou uma dezena de homens de negócios, incluindo Pedro Silva, administrador da AJFS, uma empresa dedicada à construção civil e à metalomecânica, que tem em mãos um “estruturante” projecto relacionado com o armazenamento e conservação de cereais, para o qual veio à procura de parcerias de investimento, na sua estreia na China.

“Queremos uma parceria com um investidor chinês no sentido de conseguir alavancar mais este projecto. Moçambique tem uma necessidade enorme ao nível do armazenamento de cereais e nós necessitamos de um parceiro com músculo financeiro para fazer, de facto, progredir o projecto e construir mais unidades ao longo do país”, explicou Pedro Silva. “O apoio que necessitamos é mais ao nível de financiamento porque a mão-de-obra e o *know-how* são a nossa mais-



* Carlos Mondlane, Moçambique

Portugal contou com um pavilhão de mil metros quadrados, no qual estiveram representadas entre 80 empresas portuguesas, numa missão promovida pela AIP e Associação dos Jovens Empresários Portugal-China, naquela que foi a maior participação de sempre de Portugal no certame



Gisela, também tem clientes, mas menos do que outrora. Veio em busca de “oportunidades de negócio”, em concreto, de um parceiro para uma sociedade em Angola, ao contrário da maioria dos empresários do sector, apostados antes em colocar produtos nas prateleiras da China. “Vendemos de tudo”, mas não como antes, diz Ilda Fernandes: “Tínhamos vários [estabelecimentos], incluindo na Terra Nova, mas decidimos desfazer-nos deles. Agora só em Camama, mas se aparecesse alguém para uma sociedade... Temos dois armazéns grandes fechados e a ideia era reactivá-los.”

“Infelizmente, vim sozinho”, lamentou Eduardo Pimentel, director da Direcção Geral de Promoção do Investimento Privado da Guiné-Bissau, destacando as condições “atractivas” para investimento no seu país. “Procuramos interessados em investir no sector do turismo, também estamos na fase de prospecção de petróleo, ouro, diamantes e temos fosfato, areia pesada...”, indicou, destacando, além do potencial natural, que “a maior atracção” é “o povo acolhedor” da Guiné-Bissau.

Eduardo Pimentel também expôs a castanha de caju – o “petróleo” da Guiné-Bissau neste momento: “Produzimos mais de 200 mil toneladas e infelizmente exportamos praticamente em bruto, razão pela qual estamos aqui para ver se atraímos investidores que queiram processar a castanha no local. (...) É que a maior parte vai para a Índia em sacos de fibra – mais de 95 por cento em bruto – e não leva nem o nome da Guiné”.

Cabo Verde também esteve representado mas apenas institucionalmente. De Timor-Leste, chegou o bambu, bem como o café, um produto cada vez mais apreciado a Oriente, incluindo pelos chineses, conhecidos amantes do chá. ●

valia”, completou, ao sublinhar que continua a ser viável sem investimento externo, com a diferença a assentar no tempo certo. A meta é concluir o projecto até 2016.

Carlos Mondlane, um habitué da MIF, trouxe o artesanato, que labora enquanto fala, para “mostrar o que Moçambique tem ao nível de arte e cultura”. “Os chineses gostam de arte (...) apreciam produtos de África e compram”, sublinhou o também director comercial do Centro de Arte Africana, que expôs peças entre as 20 e as 3500 patacas.

Já o Banco de Desenvolvimento de Angola participou, pela primeira vez, “fundamentalmente para acompanhar o empresariado nacional, identificar potenciais parceiros para o banco e sobretudo para entender o mercado da China”, disse Fernando Kraus Simões, responsável pela área de promoção de negócios e investimento do banco, criado para financiar empresários angolanos ou parcerias que estabeleçam desde que o capital nacional seja maioritário. Outro escopo passa por “identificar o modelo de actuação do empresariado chinês no sentido de repassar essa experiência” aos clientes do banco. Ilda Fernandes, proprietária do Supermercado

PORTUGAL, O NOVO ELDORADO DOS CHINESES

A China lidera o pelotão da frente na corrida aos já famosos vistos dourados. Esta é a volta nos investimentos em Portugal, que já arrecadou mais de 150 milhões de euros. Com as empresas locais a explorar este negócio e um consulado português altamente motivado, Macau já garantiu entre 30 a 35 por cento do total de vistos concedidos

Texto **Patrícia Lemos** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

Os famosos vistos dourados estão a ter um sucesso retumbante, multiplicando-se as apresentações pelo mundo destes ARI (Autorização de Residência para Actividade de Investimento), sobretudo na China. Em Outubro, para além das muitas empresas portuguesas presentes na Feira Internacional de Macau a publicitar a venda de casas de luxo, um grupo de agentes e promotores imobiliários portugueses viajou à Ásia para um *road show* em Hong Kong, Macau e Xangai. O grupo formou-se a convite da empresa de consultoria PSO, de Paulo Soares de Oliveira, para quem “a união faz a força”. Com esta acção, uma das muitas que os portugueses estão a dar pelo mundo, pretende-se “pôr os clientes que buscam a internacionalização em contacto directo com o público-alvo, uma vez que a economia em Portugal está muito parada”, explicou Soares de Oliveira, após a sessão de Macau que animou a Residência Oficial do Cônsul-Geral de Portugal em Macau e Hong Kong. Estas investidas na China não são uma novidade para a PSO, que trabalha nove sectores de actividade. Foi em Março de 2012 que começou a dar maior atenção à Ásia e reparou também na importância de Hong Kong, “por onde passam 70 por cento dos negócios chineses”. Presente na iniciativa da RAEHK, António Duarte Guerreiro, director geral do grupo Entrepasto, admitiu que o jantar de

apresentação em Hong Kong foi “relativamente restrito”. Apesar do mercado local não ter ainda sido alvo de muitas acções de promoção dos vistos dourados, “existe uma grande expectativa em relação a Portugal”, criada pela proximidade de Macau. Enfim, “fomos semear para ver se colhemos no futuro. Vamos cimentar esta relação”.

Vasco Ferreira dos Santos, administrador da Noronha Sanches, mostrou-se optimista em relação à acção em Macau, “porque há ligações históricas”, ainda que esta seja a primeira vez que a empresa se estreia na região. Relativamente a Xangai, a terceira e última paragem do *road show*, a expectativa também foi grande, “porque é uma zona com maior poder económico com muitos chineses interessados em colaborar connosco”, garante Ferreira dos Santos.

Durante a sua apresentação, o cônsul Vítor Sereno não poupou elogios a Portugal para convencer os investidores e consultores chineses presentes a formalizarem a sua aposta no país. E gabou também os resultados da sua jurisdição consular, que “garantiu para o país cerca de 33 milhões de euros” do total de 143,5 milhões que o governo luso já lucrou com os 226 vistos dourados atribuídos. Estes são dados do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal até ao dia 27 de Setembro.

Com várias empresas em Macau interessadas neste negócio, como sejam a STDM, o BNU, a Midland Realty e outras imobiliárias e escritórios de advogados, a região dá provas de como funciona bem enquanto plataforma entre a China e Portugal. Sereno não sabe ao certo quantas empresas locais estão envolvidas nestas aquisições, mas sabe que há vários escritórios de advogados a constituir “um ramo especializado nesta área”. O mesmo se passa em Portugal, onde ainda se constata um crescente interesse generalizado de promotores e agentes imobiliários, bem como da banca.

BALCÃO QUE SE FAZ LIGEIRO

Pouco depois de ter assumido funções no final de Março à frente do consulado português, Vítor Sereno criou um balcão e uma linha especial de atendimento telefónico (+853 8394 8132) para dar um tratamento personalizado aos potenciais candidatos ao visto dourado, cuja legislação, em vigor desde Outubro de 2012, sofreu ajustes em Janeiro. O resultado está à vista e “supera as expectativas”, garante o representante.

Mas é importante esclarecer que essas autorizações especiais não são atribuídas a todos os chineses endinheirados interessados.

INVESTIMENTO

Mais: não é no consulado que “é concedida a autorização de residência para investimento”, conforme explica Sereno. Aí apenas se trata da atribuição de um visto normal de entrada no país. Já em Portugal, o potencial investidor faz a sua prospecção e se estiver interessado opta por um dos requisitos do visto dourado. É o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) que “trata da papelada toda”, nomeadamente investiga e garante que o candidato cumpre todos os procedimentos de segurança. O cônsul português garante que dos quase 90 por cento de autorizações de residência atribuídas à China, entre 30 a 35 por cento dizem respeito a Macau e Hong Kong, o que corresponde sensivelmente a 33 milhões de euros em investimento.

Mas de onde são os chineses que fizeram escalar o número de vistos atribuídos via Macau? Muitos dos que são oriundos da RAEM são portadores de passaporte português, pelo que não são esses certamente os visados. O Consulado-Geral não tem jurisdição na província de Guangdong que, apesar de ficar próxima de Macau, pertence à Embaixada de Portugal em Pequim. É a província mais rica e populosa da China. Vítor Sereno reconhece que esta divisão cria uma situação “complicada ao nível burocrático, mas isso está a ser escarpado pelas nossas autoridades pois perdem-se muitos potenciais investidores”. Apesar desse facto, o Consulado-geral atribui visto de entrada em Portugal aos detentores de 通行证 - *tong xing zheng*”, um documento de estada temporária que os chineses utilizam para entrar em Macau e em Hong Kong.

OPORTUNIDADES DA CRISE

A maior parte do investimento dos portadores de visto dourado tem sido na área imobiliária – 118,4 milhões de euros – com enfoque na zona de Lisboa e no Algarve. E o mercado português começa a reagir em resultado desta medida. Segundo uma nota da Associação dos Profissionais e Empresas de Mediação Imobiliária (APEMIP) de Outubro, “só no terceiro trimestre (deste ano), estima-se que as transacções (de imóveis) tenham ascendido a 25 mil, registando-se um crescimento de 8,7 por cento face ao trimestre anterior. O mês de Agosto foi o mais representativo, com 38 por



* Vítor Sereno, cônsul-geral de Portugal em Hong Kong e Macau

HISTÓRIA A OLHOS VISTOS

O regime especial de Autorização de Residência para Investimento (ARI), conhecido como visto dourado, foi criado em Setembro de 2012 em conjunto pelos ministros de Estado e dos Negócios Estrangeiros e da Administração Interna. O diploma foi implementado por esses dois órgãos do governo, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e pela Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP) e entrou em vigor em Outubro desse ano. À época foi constituído um grupo de acompanhamento



para analisar a aplicação da lei e recomendar melhorias e adaptações a fazer.

A medida, pioneira na Europa, foi bem acolhida mas sofreu entretanto algumas alterações com vista a simplificar o regime. Entre essas modificações consta uma nos requisitos mínimos de aplicação. Assim, em vez da criação de 30 postos de trabalho, os candidatos passaram a só ter de garantir a criação de empresas com apenas dez empregos.

Também os requisitos relativos à aquisição de imóveis foram alterados.

Antes a lei previa que esses só poderiam ser comprados livres de quaisquer encargos. Agora, os investidores podem

comprar em conjunto (ainda que o requisito do valor mínimo do investimento se mantenha nos 500 mil euros por cada um dos comproprietários). Passa ainda a ser possível realizar contrato-promessa, onerar os imóveis a partir de 500 mil euros e arrendar ou explorar os imóveis adquiridos com objectivo comercial, agrícola ou turístico.

De notar que só são considerados para este visto os cidadãos que não pertençam ao território da União Europeia ou do espaço Schengen.

Uma vez atribuída, a autorização de residência para investimento tem carácter temporário. Ou seja

dura apenas um ano, sendo renovável por mais dois períodos de dois anos e por um final de um ano. Passados esses seis anos, os portadores do visto dourado podem requerer a nacionalidade portuguesa, mediante prova de conhecimento suficiente da língua portuguesa, o que está previsto na lei.

O investimento feito à cabeça tem de ser mantido durante todo esse tempo. Pode ainda ser pedido ao investidor que comprove a sua permanência em Portugal pelo período exigido (pelo menos sete dias por ano). Também os familiares mais próximos do portador do visto dourado pode requerer o mesmo documento.

INVESTIMENTO

cento das transacções efectuadas”. A APEMIP adiantou ainda que cerca de 72 mil imóveis foram vendidos nos primeiros nove meses do ano. Um terço desse valor ocorreu no terceiro trimestre.

A autorização especial é ainda concedida segundo dois outros critérios: criação de emprego e transferência de capital. É de espantar que nenhum dos vistos dourados referentes a candidatos que deram entrada em Portugal via Macau tenham sido validados pela constituição de empresas. Hoje em dia, é muito fácil montar uma firma em Portugal e o visto apenas obriga à criação de dez postos de trabalho.

Com um discurso todo direccionado para a promoção do seu país, sobretudo ao nível económico, Vítor Sereno tem-se feito a mesma pergunta, mas está convencido de que “é uma questão cultural”. Ou seja, os chineses talvez prefiram comprar uma casa primeiro como forma de se ligarem ao país. Ou - pode ainda pensar-se - talvez estejam receosos da crise. Afinal é preciso não esquecer que o país está em apuros. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, só em 2011 abandonaram o país cerca de 44 mil pessoas, quando em 2010 tinham sido apenas 23 mil. “A crise é uma oportunidade para os chineses”, assegura C. M. So, director da Companhia de Consultadoria, Investimento e Imigração Portugal, Limitada, com sede em Macau, que não faltou ao *road show* de Outubro. “Vim recolher informação para depois apresentar aos nossos clientes.” Aos que manifestarem interesse e disponibilidade, So promete levar a conhecer Portugal sem obrigações, “para ficarem com

uma ideia do país ao nível da economia, do investimento e da cultura”. E não tem dúvidas de que serão os chineses do Interior do País a aderir em força e não tanto os de Hong Kong.

CONCORRÊNCIA JÁ VEM TARDE

Portugal foi o primeiro país da União Europeia a lançar este programa, mas há mais países na corrida, como o Chipre, a Espanha e a Irlanda. E são competitivos na oferta. Os espanhóis, por exemplo, começaram por garantir como uma das condições para o visto a aquisição de imóveis no valor de apenas 160 mil euros, o que “foi entretanto corrigido para os 500 mil” como em Portugal, conforme explicou António Duarte Guerreiro, director geral do grupo Entrepasto.

Segundo So, “Portugal é apelativo aos homens de negócio chineses”, porque pertence à Europa, com quem já têm relações comerciais. “Embora o Chipre, Hungria, Grécia e outros países tenham desenvolvido políticas de imigração que também são atractivas, Portugal é mais conveniente, porque não é preciso permanecer muito tempo no país (apenas sete dias por ano), é seguro e tem um bom ambiente de vida”, explica o empresário.

Além disso, as consultoras portuguesas fazem o serviço completo, não abandonando os detentores de visto após a compra. Soares de Oliveira garante “apoio de A a Z” após a compra do imóvel das imobiliárias que representa. As casas em carteira têm de cumprir alguns critérios, como sejam a boa localização geográfica, o potencial de “sociabilização com a comunidade chinesa local” ou a proximidade de serviços para “manutenção da casa”. E são,



* C. M. So, director da Companhia de Consultadoria, Investimento e Imigração Portugal



* Vasco Ferreira dos Santos, administrador da Noronha Sanches

sobretudo propriedades de luxo. Mas nem tudo é perfeito no visto “eldorado”. A lei portuguesa ainda pode melhorar, avisam. “O problema que se tem notado é o facto de haver renovações custosas e constantes”, explica Duarte Guerreiro. Também Vítor Sereno admite que o programa “tem de ser burilado à medida que as dificuldades forem surgindo”. ●

NÚMEROS DOURADOS

226 vistos dourados emitidos
21% em transferência de capital
205 compra de imóveis

252 autorizações de residência a familiares dos detentores do ARI

Total de **478** vistos emitidos

143 482 470,93 milhões de euros
25 046 552,82 em transferência de capitais
118 435 918,11 em compra de imóveis

CONDIÇÕES DE CANDIDATURA

Os candidatos ao visto dourado têm de pelo menos satisfazer um dos seguintes requisitos:

- compra de imóveis no valor igual ou superior a 500 mil euros (5,4 milhões de patacas)
- transferência de capital igual ou superior a 1 milhão de euros (10,7 milhões de patacas)
- criação de uma empresa com pelo menos 10 postos de trabalho

PROCESSO DE CANDIDATURA

É nos postos consulares portugueses que se dá o mote ao processo do visto dourado. Aí se recolhem as informações detalhadas sobre as autorizações especiais. Para pedir o visto dourado, basta apresentar a candidatura nos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras que analisam o caso e decidem sobre a atribuição do documento.

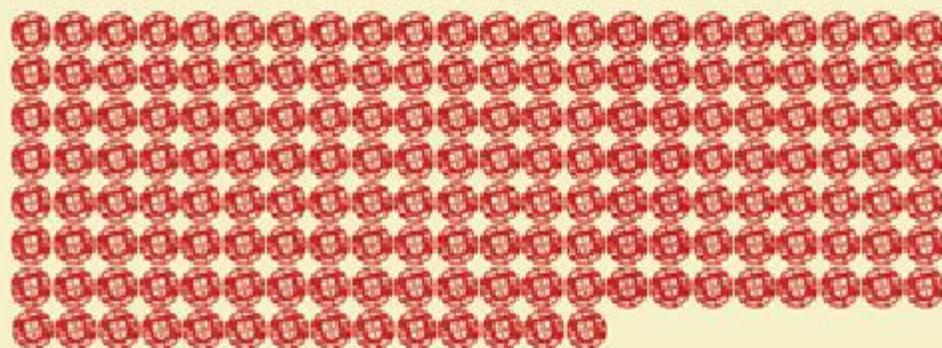
Argumentos para investir em Portugal

- 10,6 milhões de pessoas
- porta de entrada para um mercado de 250 milhões de falantes de português
- 4 milhões de portugueses e seus descendentes vivem no estrangeiro
- 43.ª maior economia do mundo, com a maior taxa de crescimento de PIB dos países da OCDE ao longo dos últimos 40 anos
- o português é a quinta língua mais falada no mundo
- ligação à CPLP e à EU
- posição geográfica vantajosa
- 35% dos jovens na casa dos 20 anos estão inscritos no ensino superior
- 42% da população pode manter uma conversa em pelo menos uma língua estrangeira
- criação de uma empresa em 46 minutos através do programa “Empresa na Hora”
- país seguro e com grandes infraestruturas logísticas
- sistemas de comunicação avançados

Países contemplados



China - 168 vistos dourados (75% do total, correspondendo a 106 milhões de euros. Entre 30 e 35% dizem respeito a Macau e Hong Kong – 33 milhões de euros)



Rússia - 13



Brasil - 9



Angola - 8



África do Sul - 4



Libano - 4



Paquistão - 4



Colômbia - 3



ÁGUA PARA REGAR O PROGRESSO

O crescimento colossal de Macau não pára e os próximos cinco anos vão mudar a face do Cotai. Serão negócios de referência na hotelaria e no entretenimento, edifícios de grande dimensão, milhares de trabalhadores. E água para tanta exigência? A Sociedade de Abastecimento de Águas de Macau conhece bem as dificuldades e já trabalha para superar o desafio

Texto **Nuno G. Pereira** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

Entre vistas de lagos e mar, muitos são os locais de Macau onde a água surge no horizonte. No entanto, a região tem dependência total de abastecimento, já que não possui fontes próprias. Para garantir este fornecimento, a Sociedade de Abastecimento de Águas de Macau (SAAM) negociou há alguns anos um acordo com as autoridades chinesas. Os problemas que decorriam da dependência de água ficaram assim resolvidos e, segundo Felix Fan, director-executivo, não deverão voltar. “A população de Macau pode estar descansada porque o Governo Central chinês aprovou o fornecimento contínuo de água para a nossa região.”

O presente é risonho para a SAAM, que está em todos os lares e empresas de Macau. Contudo, o futuro traz desafios inéditos, colocando a fasquia bem alta. “A SAAM, assim como muitas empresas de serviços de utilidade pública, atravessa um momento crucial da sua existência: tem que saber manter-se a par do





desenvolvimento acelerado de Macau, sendo economicamente viável.”

Do ponto de vista histórico, Macau desenvolveu-se de Norte para Sul, com poucas pessoas em Coloane e na Taipa e mais gente na Península, onde, por isso, está a maior parte das estruturas de empresas de serviços de utilidade pública. Felix Fan sublinha o impacto da mudança em curso. “Por causa deste contexto, a maior parte das estruturas da SAAM está localizada no Norte. Isto vai ter de mudar, em particular nos próximos cinco anos. Porque o desenvolvimento no Cotai, com o enorme crescimento dos casinos e hotéis, vai implicar não só muito mais gente a viver lá mas também um aumento no número considerável de visitantes. Naturalmente, o consumo de água naquela área vai disparar. Precisamos de responder a esta mudança com a criação de infra-estruturas.”

PRÓS E CONTRAS

O aumento do consumo traz mais lucro mas, por estar associado à enorme expansão do Cotai, também obriga a investimentos avultados em infra-estruturas. “Do ponto de vista do negócio, a companhia colhe benefícios, já que o aumento do consumo traz mais facturação. No entanto, também é complicado, porque as infra-estruturas da água diferem de outros negócios, onde se podem mudar com facilidade – a grande maioria dos canos é subterrânea e de tamanho fixo.”

Para responder aos novos desafios e, em particular, ao crescimento do Cotai, a SAAM tem um grande plano de reestruturação em marcha. “Prevê o aumento do consumo de água em Macau nos próximos cinco anos e que novas infra-estruturas terão de ser construídas. Este plano será apresentado ao Governo de Macau em Março de 2014, tal como, aliás, está previsto no contrato de concessão.”

Felix Fan admite tratar-se do plano mais ambicioso traçado pela SAAM até hoje. “Também é preciso ter em conta que criar infra-estruturas para esta área de negócio não é algo que se faça de um dia para o outro. No que diz respeito à área do Cotai, temos de ter tudo pronto antes que os novos casinos e hotéis estejam a funcionar. Ou seja, antes de 2016,

GRANDES EMPRESAS DE MACAU

2017. Por isso, há já obras a avançar.” As novas exigências decorrentes de uma expansão tão rápida e de tão grande envergadura merecem total atenção. “Temos uma equipa permanente para analisar o consumo de água e, a partir das suas conclusões (apresentadas em relatórios trimestrais), agimos em conformidade. Estamos também em permanente comunicação com o Governo, assim como com os nossos fornecedores de água.”

ALTA ROTAÇÃO LABORAL

A falta de recursos humanos locais também afecta a SAAM. “Como em todos os outros negócios de Macau, este aspecto é um problema. Ainda por cima, na nossa área a experiência é um factor fundamental. Só que o meio laboral de Macau, devido à falta de mão-de-obra qualificada, faz com que muitos empregados mudem de empresa facilmente. Curiosamente, neste momento o nosso maior competidor na

procura de recursos humanos é o Governo, com os seus vários serviços e departamentos.” A empresa esforça-se por inverter a situação, oferecendo incentivos apetecíveis aos seus colaboradores. “Damos óptimas condições aos nossos empregados e também investimos na formação de novos quadros e na melhoria dos que já trabalham connosco. Mesmo assim, porém, saem muitas pessoas todos os anos. O maior problema, por estarmos neste mercado, é manter os empregados, que têm muitas opções de mudança em Macau – é fácil arranjar um bom emprego.”

E O FINANCIAMENTO?

O director-executivo da SAAM garante que, apesar de a empresa ser a única a operar em Macau na sua área de negócio, isso nunca é sinónimo de desleixo. “Temos de manter a satisfação dos nossos clientes. Fazemos um grande investimento na área de contacto



* Felix Fan, director-executivo da SAAM

Assim se mata a sede em Macau

O aumento da população está directamente ligado ao crescimento do consumo de água em Macau, que atingiu em 2012 o seu máximo histórico. Mas a SAAM é uma empresa com outros números impressionantes.



	Consumo de água	75,28 m ³
	Estações de tratamento	4
	Reservatórios	8
	Estações de bombeamento de água bruta	4
	Estações de bombeamento de água tratada	7
	Clientes	214 830
	Trabalhadores	264
	Facturação	MOP 428 203 420
	Lucros líquidos	MOP 49 433 055

Fonte: SAAM (dados de 2012)

e serviço aos clientes. Nós não temos de convencer os clientes a usarem a nossa água – só há esta opção – mas temos de convencê-los que o serviço que recebem é bom.”

A estratégia de comunicação reforçada no apoio ao cliente tem dado bons resultados, mas tal só sucede porque o serviço também tem crescido de qualidade. A expansão do Cotai obriga a construir novas infra-estruturas e ninguém na empresa deseja que isso belisque a qualidade atingida pelo serviço da SAAM. Impõe-se por isso a pergunta mais pertinente: como vai a SAAM, apesar da sua saúde financeira, pagar os gigantescos investimentos em curso? “Precisamos de financiamento, mas temos esperança que o Governo nos ajude. Esta ajuda passa por permitir-nos alterar as tarifas da água. E esperamos também que os clientes compreendam que temos esta necessidade porque estamos a investir muito na expansão e melhoria do serviço.”

PARCERIA ENTRE FRANÇA E CHINA

A SAAM foi fundada em 1932, com estatuto de empresa privada. Em Junho de 1985, a Sino-French Holdings (Hong Kong) Limited, empresa de capitais mistos constituída pela Lyonnaise des Eaux e a Chow Tai Fook Enterprises Limited, tomou posse da SAAM, com 85 por cento do capital. No mesmo ano, foi assinado com o Governo de Macau um contrato de abastecimento de águas com a duração de 25 anos. Este contrato foi renovado em 2009 por mais 20 anos.

A Sino-French Holdings (Hong Kong) Limited é agora a empresa de capitais mistos da Suez Environnement (nascida com base na Lyonnaise des Eaux) e da NWS Holdings Limited (constituída após reorganização da New World Infrastructure Limited, que tinha comprado a participação na SAAM da Chow Tai Fook Enterprises).



NOVA ÁREA DE NEGÓCIO

A SAAM dá cada vez mais importância a acções de responsabilidade social, integrando objectivos de sustentabilidade a longo prazo nas suas operações de negócio. A protecção do ambiente, através da poupança de energia, é um dos exemplos apontados. A SAAM garante ter reduzido o consumo de energia das bombas de água em 6,61 por cento (tendo 2009 como ano de referência), com a introdução de várias medidas.

Paradoxalmente, como explica Felix Fan, promover a poupança da água abriu caminho a uma nova área de negócio, onde a SAAM prepara investimentos. “O Governo de Macau tem promovido a necessidade de poupar água, com bons resultados, pois a população está cada vez mais ciente disso. O aumento do consumo de água, desde 2007, não foi tão elevado como apontavam as nossas expectativas. Se por um lado isto diminui a nossa receita, por outro recusar promover a poupança da água seria ignorar um movimento global. A curto prazo a empresa perderá um pouco com esta política, mas a longo prazo é um benefício. E queremos, no futuro, entrar no negócio da reciclagem de água em Macau.” ●

Do ponto de vista histórico, Macau desenvolveu-se de Norte para Sul, com poucas pessoas em Coloane e na Taipa e mais gente na Península, onde, por isso, está a maior parte das estruturas de empresas de serviços de utilidade pública

MARCOS DE ÁGUA

1932

Companhia das Águas de Macau, Lda. foi fundada com capitais privados de Wong Lei e Wong Kam. A metodologia de abastecimento era muito simples e rudimentar.

1935

Assinado um contrato de 60 anos entre o Governo e a MELCO. A Sociedade de Abastecimento de Águas tornou-se subsidiária da Companhia da Electricidade de Macau, Limitada, de propriedade britânica, com capital social de MOP 1 milhão. A renovada empresa foi inaugurada a 1 de Agosto.

1936

Abastecimento de água entrou numa nova era – fornecimento de água tratada e desinfectada. A Estação de Tratamento da Ilha Verde foi inaugurada a 1 de Julho. Construído, no Porto Exterior, o Reservatório Principal, com uma área de 300 mil metros quadrados.

1959

Macau sofreu grande escassez de água de Dezembro de 1958 até meados de 1959. Suspenso o abastecimento normal de água potável, substituída por água do mar. De 16 de Janeiro a 4 de Junho, foi racionada a distribuição de água potável.

1960

Macau sofreu grave seca durante a Primavera. Em Março, os Reservatórios de Yinkeng e da Lapa iniciaram o abastecimento de água bruta a Macau, com produção de 2 milhões de galões. Este novo esquema aliviou o problema da escassez de distribuição.

1968

A 21 de Janeiro, entrou em funcionamento, 24 horas por dia, uma conduta de sucção de 600mm, de Shejiazhui. Aliviou enormemente o racionamento da água imposto pela salinidade de 1967.

1982

O abastecimento de água melhorou no final do ano. A qualidade da água respeitava as Normas da Organização Mundial de Saúde e a empresa passou de deficitária para uma situação financeira lucrativa. Contudo, havia uma falta de investimento e de planificação a longo prazo, resultando em escassez de água, entre outros problemas.

1985

Assinado contrato de Concessão, a 25 anos, entre o Governo local e a sociedade mista formada pela Tai Fook Enterprises e a Lyonnaise des Eaux, uma companhia francesa líder da indústria do tratamento de água. A empresa foi reorganizada e adoptou-se uma prática de gestão mista, chinesa e ocidental.

1998

Nova estação de tratamento com capacidade diária de 60 mil metros cúbicos.

1999

Adquirido um sistema integrado de informação de cliente, especialmente desenvolvido para a indústria da água, para melhorar a gestão da relação com o cliente e a eficiência de serviço em geral.

2000

Novos reservatórios de serviço Taipa 50 e Taipa 70 com capacidade de 20 mil e 2000 metros cúbicos, respectivamente. Empresa recebe importantes certificados de qualidade internacionais.

2003

A Macao Water é a primeira empresa de utilidade pública de Macau a assinar o Acordo de Saúde e Segurança com o Gabinete de Trabalho, para garantir um ambiente de trabalho mais seguro para os seus trabalhadores e clientes no Centro de Serviço de Apoio ao Cliente.

2004

SAAM doou à população de Macau e seus turistas a primeira fonte de água bebível, a “Fonte Wallace”, que permite mitigar a sede com água de boa qualidade, directamente da rede da SAAM. Está localizada no Jardim de S. Francisco.

2007

SAAM subscreve acordo de cinco anos (2007-2012) sobre monitorização da qualidade da água do Canal Madaomen com a Comissão de Recursos de Água do Rio das Pérolas, para assegurar o fornecimento de água a Macau e Zhuhai. Nova Estação de Tratamento de Águas de Coloane, adoptando processo de tratamento por flutuação, operacional para fornecer água potável de maior qualidade à zona do Cotai.

2009

SAAM renova com sucesso o contrato de concessão de fornecimento de água por mais 20 anos com o Governo da RAEM para continuar a fornecer água potável aos residentes de Macau.



ESCOLA PARA O MUNDO

A VIDA DOS ESTUDANTES LUSÓFONOS NAS
UNIVERSIDADES CHINESAS



Atraídos pela curiosidade e oportunidade num país gigante e desconhecido, os estudantes lusófonos estão agora a desbravar a China. O choque de transferir a vida para a Ásia tem a dimensão do desconhecimento. “Foi uma grande surpresa! É preciso estar aqui para entender a China”, foi assim que os estudantes lusófonos descreveram o primeiro encontro com o seu país anfitrião. “Vi uma China que não esperava encontrar: mais moderna e muito dinâmica, em franco desenvolvimento, que me impressionou pela positiva”, assinala o moçambicano Micael Chissico, de 26 anos, que já conhecia a China dos filmes de *kung fu*.

Bolseiros ou estudantes por conta própria, dão nota negativa à poluição, mas a experiência de vida e o idioma elevam a China ao quadro de honra. Têm as aulas todas em chinês e tiveram de aprender em meses o que levaria anos de dedicação para memorizar caracteres.

Respeitam a cultura e o espírito empreendedor dos chineses, mas a maioria dos estudantes lusófonos quer regressar à pátria ou mudar para outro país, porque depois de ter a China no currículo, há um mundo por explorar.

As dimensões e a diferença impressionaram Micael Chissico, que chegou a Pequim há seis anos e está no quarto do curso de diplomacia na Universidade de Negócios Estrangeiros da China. Antes de abraçar o Império do Meio, porém, esteve três anos a estudar chinês. Patrick Silva, de 22 anos, é de Cabo Verde, está há três anos na China, estuda engenharia mecânica na Universidade de Tecnologia da capital, e fala de uma experiência única. A brasileira Kellen Mauri ficou inicialmente preocupada com o céu e o ar carregados, mas depois deixou-se conquistar. “Fiquei impressionada com o preço baixo da comida e a forma dos chineses comunicarem gritando, eu sempre achava que eles estavam brigando.”

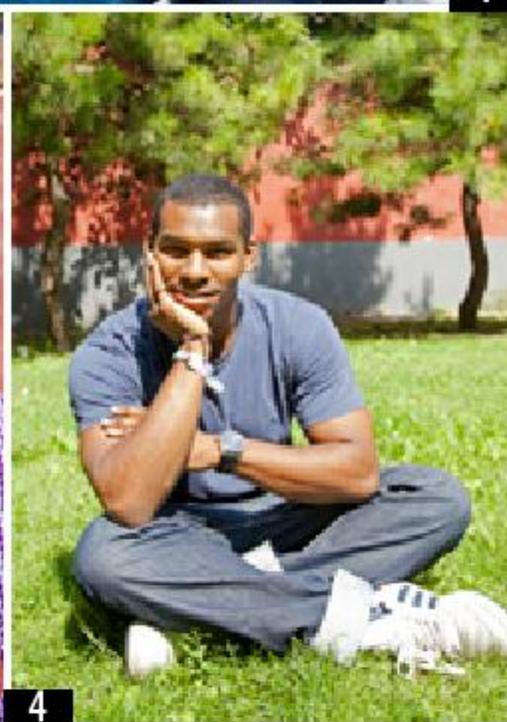
Chegam dos quatro cantos do mundo onde se houve falar português para estudar na China. A última vaga de estudantes lusófonos não só vai para o Império do Meio para aprender chinês como já conquistou um lugar nas fileiras das universidades chinesas nas mais diversas áreas, da arquitectura à medicina, das engenharias à diplomacia

Texto **Vera Penêda** | Fotos **Wong Kei Cheong**, em Pequim

Os amigos de Kellen duvidaram que ela tivesse o estômago necessário para viver do outro lado do mundo sozinha. “No Brasil, as pessoas acham que na China só tem produtos falsificados, que tudo aqui se copia. Que a comida é horrível e os chineses só comem cachorro ou cobra”, diz a estudante de chinês a rir-se. Uma especialização em acupunctura no Brasil inspirou Kellen a voar para Oriente para aprofundar os seus conhecimentos de medicina tradicional chinesa.

Só este ano, e segundo dados do Ministério da Educação chinês, há mais de 77 mil estudantes provenientes de 175 países a estudar nas 353 universidades espalhadas pela China. Cerca de 700, ou seja, menos de um por cento do total, são provenientes de países de língua portuguesa. Mas o número promete disparar. O Brasil, por exemplo, assinou no ano passado um acordo com o Conselho de Bolsas de Estudo da China a contemplar 5000 vagas

para universidades chinesas até 2015. Todos os anos, a China oferece 250 bolsas de estudo que cobrem todas as despesas dos brasileiros e mais 600 vagas que isentam os jovens de taxas e propinas das universidades. O programa visa áreas prioritárias de formação, como é o caso dos estudos graduados ou pós-graduados em engenharias, ciências naturais e energia renováveis, mas prevê também a participação de alunos das áreas de humanidades e artes. Angola também está presente com força. O governo chinês oferece anualmente 1960 bolsas de estudos a alunos angolanos e em Setembro deste ano ambos os países assinaram novos acordos para rever para a positiva esse número. A maioria dos alunos opta por programas ensinados em chinês, mas o número de instituições a oferecer cursos em inglês está a aumentar. Para o ano académico 2013/2014, 34 universidades chinesas abriram portas com mais de mil cursos leccionados em inglês.

**1****2****3****4**

- 1** Kellen
- 2** Patrick
- 3** Bernardo
- 4** Abi

APRENDENDO, MEMORIZANDO

A primeira prova foi dura mas superada. “É difícil, mas não é impossível”, ressalta Micael. “Os professores só falavam mesmo em chinês, tive que encontrar forma de entender. E só memorizando é que funciona. Eu não estava habituado, não é assim que aprendemos inglês na escola. É preciso decorar, é a única forma de aprender tantos caracteres, sabendo que vai da esquerda para a direita, de cima para baixo”, lembra o moçambicano.

Kellen, que também já domina o chinês, lembra a rapidez com que teve de aprender o idioma. “Num mês terminámos um livro que levaria quatro meses para ser ensinado no Brasil.” Para a brasileira, a parte mais complicada foi entrar no ritmo rápido de estudo e habituar-se ao método de memorização que é usado nas universidades chinesas.

Alguns dos alunos são bolseiros ao abrigo dos acordos que os seus países têm com o governo chinês. As bolsas cobrem as propinas, o alojamento, o material escolar e o seguro de saúde. Os alunos recebem cerca de 200 dólares (1500 patacas) para as despesas mensais, numa cidade onde se pode almoçar uma tigela

de *noodles* por menos de o equivalente a 20 patacas (3 dólares norte-americanos ou 2 euros), mas uma embalagem de cereais custa cerca de 70. Moçambique é pioneiro entre os países lusófonos na oferta de bolsas via um grupo empresarial e sem vínculo ao governo chinês.

As bolsas de estudo não chegam para cobrir todos os gastos, já que o custo de vida está a aumentar na China – as rendas em Pequim, por exemplo, já se podem igualar com as de Nova Iorque. Para complementar os rendimentos, a maioria dos alunos encontrou trabalhos *part-time*: desde ensinar inglês ou português, organizar eventos ou estagiar nas embaixadas, não é difícil encontrar trabalho.

BRILHO NO CURRÍCULO

Bernardo Zola não tem dúvidas de que a China é uma matéria que brilha no currículo e que o chinês, que cada vez conquista mais adeptos, não é a única vantagem de uma estadia no país. “O perfil e poder da China tornam muito claro que as pessoas que falam chinês e têm experiência neste país têm uma grande vantagem em termos de conseguir emprego.

Multinacionais e empregadores estão bem conscientes que a compreensão real da China, da sua cultura e dos chineses, é uma mais-valia da próxima geração de líderes”, sublinha o angolano de 27 anos.

Zola, que estuda arquitectura na Universidade de Arquitectura de Pequim, explica que para além das vantagens no currículo, estudar e viver na China ainda é relativamente mais barato do que em países europeus, nos Estados Unidos, no Japão ou na Coreia do Sul.

A natureza distinta do país e o ambiente multicultural a que os estudantes universitários estão expostos também entram na lista de benefícios. “As vantagens de viver aqui é que cada dia eu vejo algo diferente, conheço alguém diferente, aprendo algo novo a cada momento e profissionalmente acredito que terei mais oportunidades de trabalho por estar vivendo na China”, aponta Kellen, que só pretende deixar o país quando for fluente em mandarim e puder diferenciar-se no mercado de trabalho. “Estamos num meio multicultural onde temos a oportunidade de interagir com pessoas das mais diversas nacionalidades e podemos viajar muito”, acrescenta Abi Goia, estudante de Medicina de 20 anos e português

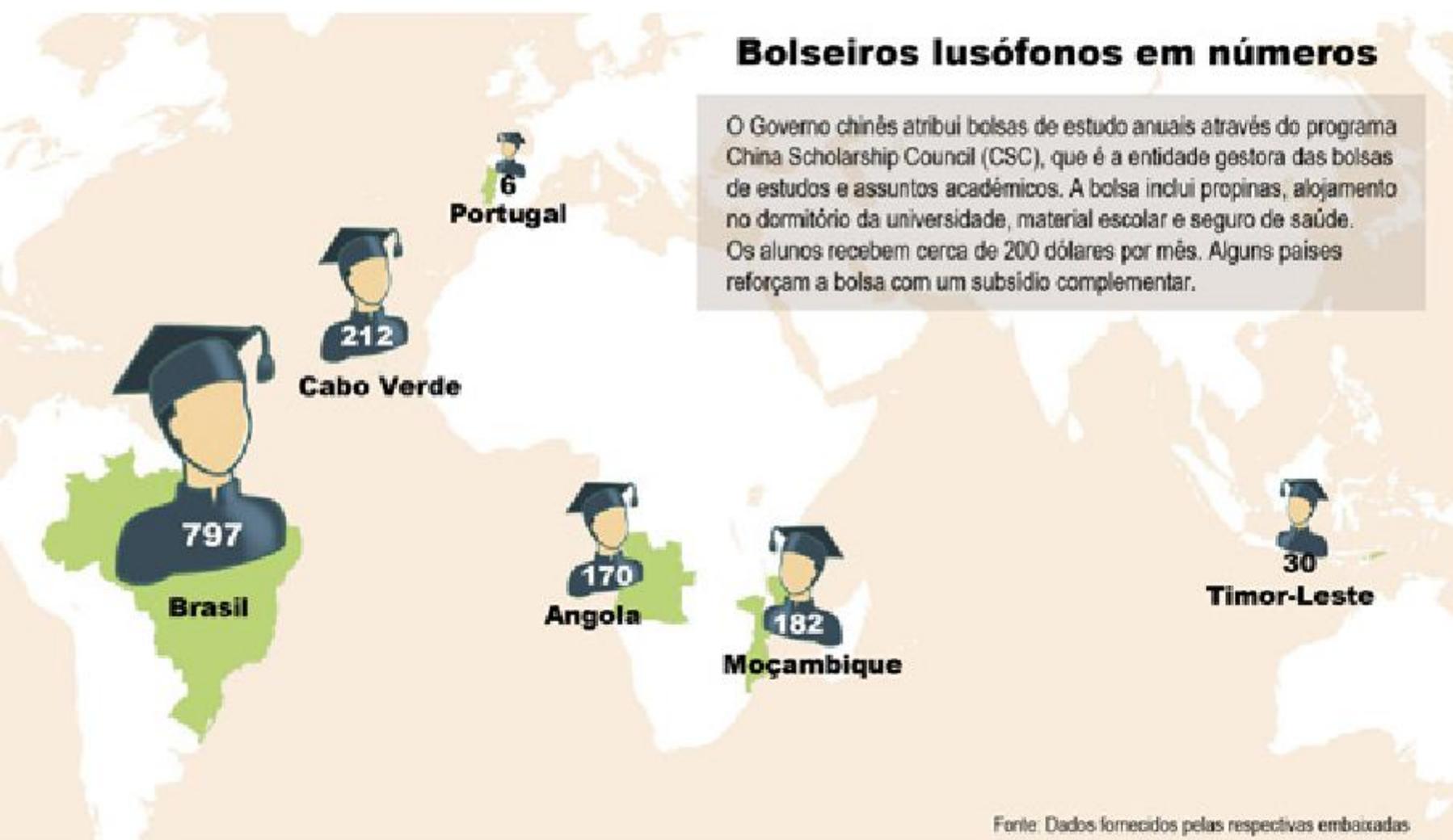
de ascendência guine-bissauense, notando que as pessoas que conheceu em Pequim marcaram para todo o sempre a sua vida.

ESTRANGEIRO É ESPECIAL

“Então o senhor não é branco? Não é americano?”, perguntaram a Patrick quando ele apareceu para uma entrevista de trabalho como professor de inglês. “Até já me perguntaram: ‘Se você tem pele escura porque é que os teus dentes não são negros?!’ Estas perguntas me fazem rir,” desdramatiza Patrick quando a diferença é-lhe apontada.

Os olhos azuis, a pele negra ou os maneirismos estranhos dificilmente passam despercebidos num país onde grande parte da população ainda não cruzou fronteiras chinesas. “Todos os dias eu percebo que sou tratada de modo diferente por ser estrangeira, principalmente por ser loura, de pele e olhos claros”, observa Kellen, contando como vive entre um misto de privilégios, simpatia e olhares encarados no metro e em outros lugares públicos. “Muitos chineses consideram os estrangeiros muito inteligentes (risos)”, diz.

A China ainda possui uma atitude ambígua para com os *waiguoren* (estrangeiros), ou como os



EDUCAÇÃO

chineses gostam de mais informalmente dizer, os *laowai* (velho estrangeiro). “A maioria gosta de conversar conosco, tem curiosidade de saber como é a nossa vida, querem tirar fotografias com os estrangeiros”, nota Azevedo Marçal, de 31 anos, o primeiro doutorando timorense na China – estuda Economia na Universidade de Economia e Gestão da capital. É unânime que a segurança na China merece nota alta. “As pessoas me diziam: ‘É um país comunista, lá não se pode falar livremente’. É verdade que não há uma democracia no sentido ocidental mas também não sinto a ideologia comunista no meu dia-a-dia”, explica Azevedo. “Aqui as pessoas andam em segurança, estão focadas em melhorar as suas vidas e a maioria sente-se protegida pelo governo,” referiu o aluno.

PÉS NA CHINA, OLHOS NO MUNDO

Os estudantes lusófonos mudaram ao mesmo ritmo do país que os acolheu: a alta velocidade. Viram edifícios brotar como cogumelos e uma rede de metro espalhar tentáculos pela capital. Notaram que o yuan já vale menos que valia, sentiram que o custo de vida aumentou, as rendas dispararam. Dois anos de China suplantam 24 meses de vivência num país lusófono e é tempo suficiente para reciclar a visão que se tem do mundo.

“Estava centrado no mundo visto a partir de Moçambique, mas vivendo num país tão diferente, rodeado de pessoas de tantas culturas, comecei a olhar para o mundo de maneira diferente”, explica Micael, que gere o seu próprio serviço de traduções sino-lusófonas. “Respeito muito a cultura e o patriotismo chineses, penso que podem ser uma inspiração para os países africanos para resolverem os seus próprios problemas”, sublinha o estudante.

Azevedo já pensou como o seu país poderia beneficiar de um pouco do espírito chinês. “Vejo empreendedores onde quer que vou. Os chineses sabem fazer negócio, são trabalhadores e não querem perder tempo. Tempo é dinheiro e oportunidade. Esta forma de estar motiva-me para mudar a mentalidade no meu país”, observa o estudante de economia. Abi, que lê jornais em português de passagem para saber o que em geral se passa no

mundo, diz que a sua visão do de vida também mudou. “Passei a prestar mais atenção à China e à Ásia. É um ambiente muito multicultural. Agora tenho um entendimento diferente das pessoas e do mundo.”

DA CHINA COM SAUDADE

Para estarem em contacto e reunir mais de 200 compatriotas espalhados pela China, os estudantes moçambicanos criaram um núcleo de estudantes nos anos 1990. “É uma associação académica que promove o convívio, mas é sobretudo o interlocutor entre os estudantes e as entidades oficiais. Discutimos como melhorar a nossa estadia e as oportunidades na China”, explica Chissico, ex-presidente do Núcleo de Estudantes Moçambicanos na China (NEMOC).

À falta de um centro cultural lusófono onde se ouça a língua de Camões ou de um programa cultural lusófono regular, os membros dos países unidos pela língua portuguesa acabam por se encontrar informalmente e através de amigos.

Kellen, Abi e Bernardo consideram prolongar a estadia na China se surgir uma oportunidade de emprego, mas não se imaginam a lançar âncora permanente no país. Micael e Azevedo preferem ter um emprego de volta nos seus países que lhes permitisse manter uma ponte com a China. Patrick, que gosta de ser estrangeiro e de aprender outros idiomas, pensa ir para outro país, talvez a Alemanha.

Mas a saudade bate a todos. Sentem falta da família, do céu azul e da praia, de um bom churrasco e do arroz doce. Vão a casa uma vez por ano, ou só quando é possível. E sentem falta de calor humano. Todos os estudantes falam dos colegas chineses, mas reconhecem que o seu grupo de amigos é sobretudo internacional, com gentes de outros países que não a China. “Os chineses são menos calorosos, não pode chegar assim abraçando e beijando”, observa Kellen, notando que também saem menos para se divertir, o que acaba por impedir uma convivência mais próxima com um grupo chinês. Bernardo tem uma namorada russa e um grupo de amigos que é um misto de culturas. “A comunicação é mais fácil com estrangeiros.” ●



A CRISE LEVOU OS PORTUGUESES PARA A SALA DE AULAS

Aprender mandarim parece ser uma das soluções encontradas pelos portugueses para dar a volta ao difícil momento socioeconómico que o país atravessa. São cada vez mais os que querem aprender a língua mais falada do mundo. A ideia é ir viver para a China ou conseguir fazer melhores negócios com os chineses, que estão cada vez mais presentes nas empresas portuguesas

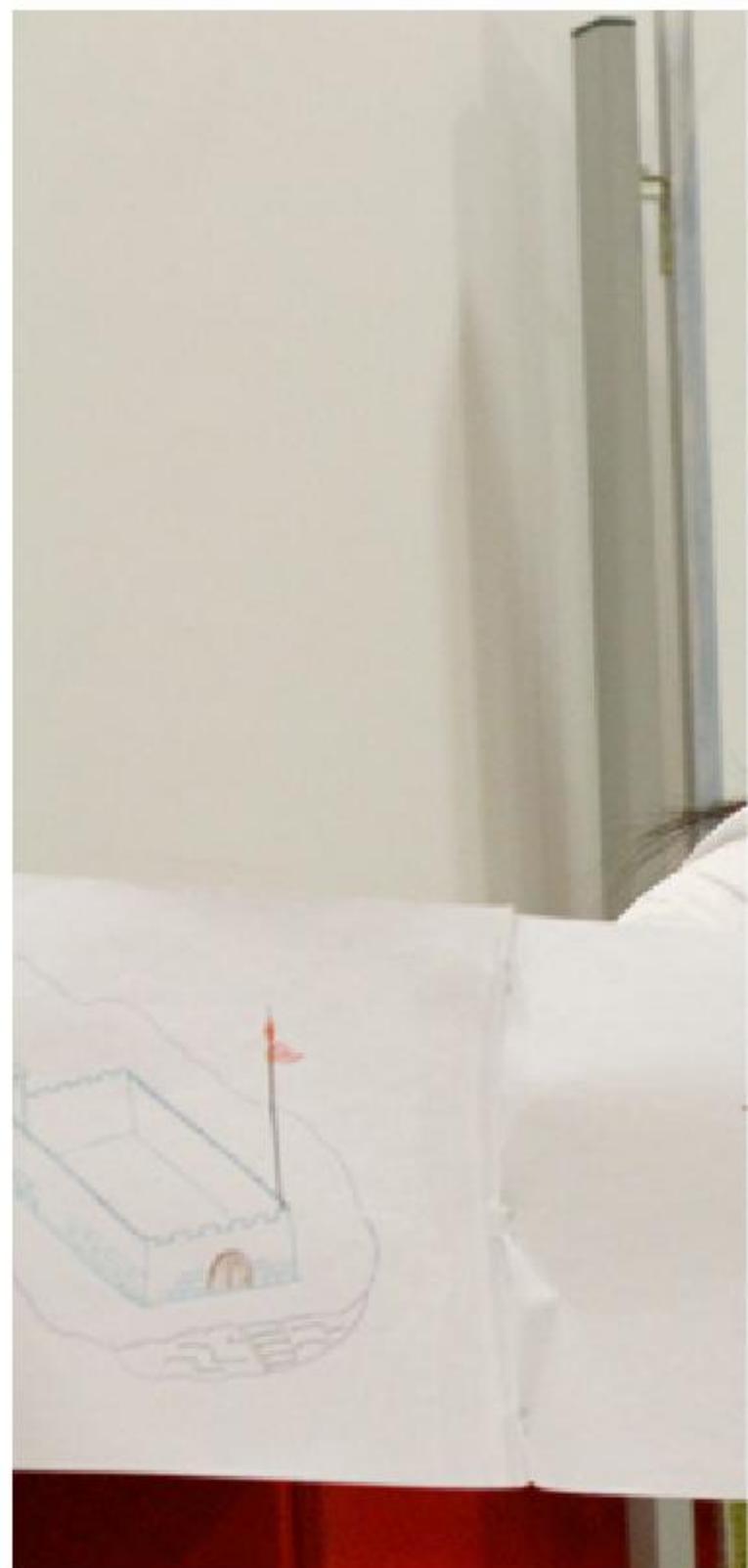
Texto **Mónica Menezes** | Fotos **Paulo Cordeiro**, em Portugal



EDUCAÇÃO

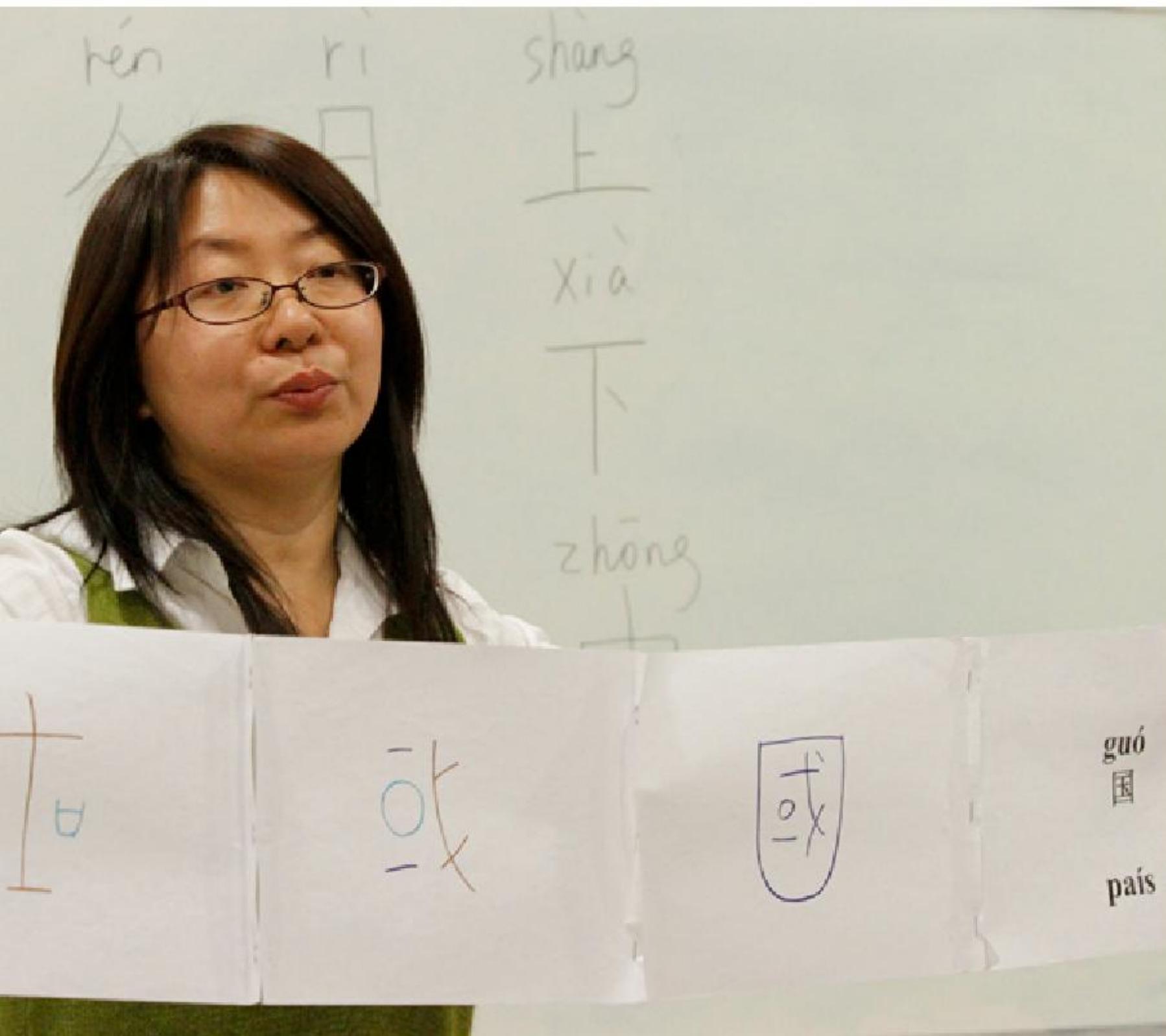
N*i hao!* Em quatro horas de aulas de mandarim, “olá” foi a única palavra que conseguimos aprender. De resto, tudo o que se passou dentro das salas de aulas do Instituto de Línguas da Universidade Nova de Lisboa e do Instituto Confúcio, também na capital portuguesa, foi um mundo perfeitamente desconhecido para nós. Aquela imagem de um boi a olhar para um palácio adequa-se à nossa cara durante as duas aulas a que assistimos. Felizmente para as três professoras que conhecemos, os alunos a quem ensinam mandarim são muito mais empenhados que nós. “Muito inteligentes, os alunos são muito inteligentes”, assegura Zhang Hong num português quase perfeito. Há três anos em Portugal, dá aulas de iniciação ao mandarim no Instituto de Línguas da Universidade Nova de Lisboa. Às terças e quintas-feiras durante duas horas tem à sua frente cerca de uma dúzia de alunos ávidos de aprender. Filipe, 35 anos, é empresário. Tenta não perder pitada do que a professora ensina. Não é fácil. Quer aprender mandarim não só por uma questão de cultura, mas também profissional. “A China é um mercado cada vez mais emergente e no meu trabalho já sinto a necessidade de saber um pouco que seja para conseguir comunicar com alguns clientes”, explica. Mas o ar meio desesperado mostra que tem consciência de que a tarefa não é brincadeira de miúdos. “Durante o fim-de-semana tento estudar entre duas a três horas para praticar, mas falar é tão difícil e escrever pior ainda!” Não pensa em desistir. Quer fazer mais dois ou três anos de aulas e depois logo se vê.

O pior, e o que talvez Filipe não saiba é que, dizem os professores e entendidos na matéria, só ao fim de pelo menos cinco anos de aulas de mandarim é que se consegue manter uma conversa. Nada que desanime Joana, de 24 anos. Depois de ter estado a estudar em Singapura, apaixonou-se pelo Oriente e à medida que foi vendo que Portugal é cada vez menos um país para jovens, pôs mãos à obra e está extremamente empenhada em aprender mandarim. Já escreve alguns caracteres com bastante desenvoltura e até acompanha cheia de ritmo a aula de Zhang Hong.



MAIS-VALIA PARA O CURRÍCULO

Enquanto a professora vai mostrando cartões com caracteres desenhados, os alunos vão dizendo o que lá está escrito. Mais parece uma aula de canto tantos são os sons emitidos, e são precisamente esses sons, ou melhor, tons, que mais dificuldade apresentam aos portugueses. “O mandarim tem quatro tons e isso é muito difícil de os portugueses perceberem. É isso e os milhares de caracteres que esta língua tem”, explica Zhang Shuang, professora do terceiro nível também na Universidade Nova. Dentro da sua sala, os alunos já sabem pelo menos 200 a 300 caracteres e já conseguem manter uma conversa básica. Muito básica. Por semestre, Zhang Shuang ensina a mais de 70 alunos e já



Enquanto a professora vai mostrando cartões com caracteres desenhados, os alunos vão dizendo o que lá está escrito. Mais parece uma aula de canto tantos são os sons emitidos, e são precisamente esses sons, ou melhor, tons, que mais dificuldade apresentam aos portugueses

percebeu que o número tem vindo a aumentar. “Os portugueses são alunos muito interessados, gostam de aprender, saber coisas novas, mas sei que há cada vez mais porque muitos procuram uma oportunidade de trabalho na China.”

Cristina, 21 anos, não sabe se um dia irá viver para o Oriente, sabe apenas que o mercado de trabalho exige cada vez mais habilitações e, por isso, empenha-se de corpo e alma neste curso. “Sou licenciada em Gestão de Lazer e Animação Turística, mas hoje em dia o currículo tem que ter muito mais que uma licenciatura. São sete cães a um osso e temos que ter mais argumentos que os outros.” O mercado de trabalho está saturado e é preciso saber algo diferente. Mandarim, por exemplo. Cheia de energia,



* Moisés Fernandes, director do Instituto Confúcio de Lisboa, fala das vantagens que os alunos têm em prosseguir os estudos na China

Cristina vai tentando responder às perguntas da professora. Só está a aprender esta língua há dois meses, mas na sala de aula dá nas vistas. O problema é que é só na sala de aula... “Hoje estavam dois chineses ao meu lado no comboio e não consegui perceber uma única palavra do que diziam”, conta, divertida. A professora Zhang Hong não a deixa desanimar. “É difícil, mas vai conseguir. A gramática é até muito mais fácil que a portuguesa.”

PORTA ABERTA PARA O ORIENTE

No Instituto Confúcio, em Lisboa, o número de alunos inscritos nas aulas de mandarim tem vindo a aumentar. Se em 2011 eram 192, um ano depois já são 259. Moisés Fernandes, director do Instituto, tem orgulho nestes números. “Só em Lisboa há nove ou dez sítios a oferecer aulas de mandarim, mas bons cursos só nós é que damos”, diz sem papas na língua. Por ano, um curso custa 300 euros e todo o material didáctico está incluído. Além disso, no Instituto, quem tem já o terceiro nível pode candidatar-se a bolsas de estudo na China – que vão de duas semanas a um ano – e, quem sabe, agarrar uma oportunidade de trabalho lá. “Quem vem para aqui estudar, fá-lo por várias razões, mas há duas muito fortes: o espaço económico que a China tem no mundo e o investimento que a China está a fazer em Portugal”, esclarece o director.

Sílvia Silva, 30 anos, começou há dois meses a aprender mandarim. É representante de vinhos portugueses na China e sente cada vez mais necessidade de conseguir comunicar em chinês, deixando o inglês de lado. Acabada de chegar de mais uma viagem de negócios, conta com orgulho que já conseguiu perceber uma ou outra palavra no meio das conversas e até dar indicações aos taxistas. “O mandarim é a língua do futuro e é importante para mim conseguir comunicar com os meus clientes na língua mãe deles.”

No Instituto Confúcio, em Lisboa, o número de alunos inscritos nas aulas de mandarim tem vindo a aumentar. Se em 2011 eram 192, um ano depois já eram 259







À caixa de *email* da professora Wang Jiangmei chegam regularmente pedidos de ajuda para encontrar trabalho na China. Wang Jiangmei não tem a fórmula mágica para conseguir arranjar trabalho para todos aqueles que já perceberam que o futuro na Europa está cada vez mais negro

Inês Mota, também de 30 anos, sente o mesmo. Trabalha numa agência de viagens e sente que precisa aprender esta língua para conseguir captar os turistas chineses. Uma coisa é virem a Portugal fazer negócios, outra é virem cá passar férias. Com a crise foi enorme a descida de pessoas que viaja, mas agora que a China começa a abrir os olhos para o mundo, os seus habitantes têm cada vez mais poder de compra para viajar e Inês quer que Portugal entre nas suas rotas. “A minha ideia é estabelecer-me cá e conseguir cativar os chineses para passarem férias em Portugal. Esta é a língua do futuro e sei que tenho que me aplicar muito para conseguir conversar minimamente.”

A crise encheu as salas de aula do Instituto Confúcio. À caixa de *email* da professora Wang Jiangmei chegam regularmente pedidos de ajuda para encontrar trabalho na China. Wang Jiangmei não tem a fórmula mágica para conseguir arranjar trabalho para todos aqueles que já perceberam que o futuro na Europa está cada vez mais negro. A única coisa que pode dar é o seu conhecimento. Diz uma frase e os alunos repetem. Corrige a entoação. Pede para repetir. Ri como forma de satisfação. Só passaram dois meses desde que começou a trabalhar com esta turma e já não há ninguém que saiba apenas dizer *Nihao!* ●

FILHOS DE UMA TERRA MAIOR

Há um tom de esperança no discurso da identidade em Macau. A cultura macaense não está condenada ao desaparecimento. Mas alguns Filhos da Terra avisam que é preciso mobilizar a população de Macau e a diáspora e ainda sensibilizar os mais jovens

Texto **Patrícia Lemos**
Fotos **António Mil-Homens**

Na génese da cultura macaense não estão só a China e Portugal, mas também as tradições dos outros lugares por onde os portugueses se aventuraram e ainda as gentes que com eles se cruzaram. Malaias, siamesas, indochinesas e goesas chegaram a Macau pela mão dos portugueses e aí revelaram as cores da sua culinária, do trajar, oferecendo ainda as primeiras palavras do patuá. Depois, os homens deixaram-se encantar pela beleza e recato das japonesas e chinesas.

A preferência asiática não tinha só a ver com o facto da mulher ocidental não ter ordem de entrada na China à época e do caucasiano não ter logo inspirado confiança às famílias chinesas mais abastadas. Também havia impeditivos ao casamento com pagãos. Certo era que, para os portugueses, a miscigenação era a pedra de toque de uma relação duradoura com outros povos e a garantia da sua permanência em terra alheia. E não estavam errados: os macaenses são a prova disso. A sua cultura tem durado séculos. E até pode estar ameaçada, mas recomenda-se. Mas o que é isso de ser macaense? Todos tentam circunscrever o seu significado, como se fosse possível definir alguma nacionalidade. “Mas alguém sabe o que é que preciso para se ser português ou inglês?”, questiona o presidente da Associação de Macaenses (ADM), Miguel de Senna Fernandes, que justifica o tom retórico: “O problema é o facto de não se entrar na comunidade por requisito legal. Isto não é um clube de futebol, nem há impressos de candidatura”. Mas há marcadores de identidade e um é inquestionável: o lugar-comum.

“O macaense tem de ter uma ligação a Macau. Porém, há muitas pessoas a sentir este apego à terra, pela naturalidade ou por uma questão sentimental. Mas isso faz deles macaenses? Não! É necessário haver uma referência cultural mais vasta: a portugalidade. Além disso, só se pertence à comunidade caso seja aceite como tal. Aí impõe-se o factor da empatia, que é a partilha duma visão comum, de formas de expressão e comportamentos.” Estas três características são essenciais para se ser Filho da Terra, segundo Senna Fernandes, mas avisa que só fazem sentido enquanto houver um sentimento de diferença partilhado.



“Macaenses são todos os que aqui nasceram e todos os que consideram esta como a sua ‘terra’ e onde querem ficar. Esta sugestão implica a necessidade de uma identificação pessoal e um sentimento de pertença que não se encontra na definição de residente permanente”

SÉRGIO PEREZ

MACAENSE OU MAQUISTA?

Sempre que surgem dúvidas em relação ao futuro dos macaenses em Macau nasce o debate. Foi assim a partir de meados dos anos 1960, com o Motim 1-2-3, e nos anos 1980 e 1990, antes da assinatura da Declaração Conjunta Sino-Portuguesa e do retorno de Macau à China. Agora, o rápido progresso da RAEM e a entrada massiva de chineses no território acende o rastilho e o tema volta à baila. Como refere Nelson Lourenço no prefácio do livro *Em Terra de Tufões – Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, “questionar as origens de uma etnicidade é questionar a sua sobrevivência”.

O timbre do discurso sobre a identidade macaense nunca foi linear. Vanessa Cunha, no seu trabalho de investigação *Sobre a identidade e a morte - Histórias Macaenses*, publicado em 1998, referia-se a três tipos de discurso: o da portugalidade que era mais marcado nos anos 1960, o da interculturalidade que dizia respeito à valorização do capital intercultural com os chineses e o discurso do futuro que

seria o da naturalidade, em que as questões da identidade macaense passam a ter como cenário a integração de Macau na China.

Antes de debater a identidade do Filho da Terra, importa considerar a proposta do realizador Sérgio Perez, de 34 anos, que sugere a redesignação de macaense para “maquista” ou “macaísta”. “Macaenses são todos os que aqui nasceram e todos os que consideram esta como a sua ‘terra’ e onde querem ficar. Esta sugestão implica a necessidade de uma identificação pessoal e um sentimento de pertença que não se encontra na definição de residente permanente.” Já para se ser maquista, “não tem de ser mestiço, mas tem de se incorporar e viver a essência da cultura maquista”.

Perez considera que a utilização actual do termo macaense desconsidera até os “membros de outras comunidades que amam tanto ou mais esta terra do que alguns maquistas”. Esta é uma visão muito pessoal, salienta ainda o realizador de Rua de Macau, um filme de 2008 sobre os “macaístas”.

AFIRMAÇÃO PELA CULTURA

Mas como pode a cultura macaense ou “maquista” ser salva no contexto actual? Miguel de Senna Fernandes acredita que a afirmação passa pela maioria da população da RAEM: “Mais recentemente, os chineses têm vindo a reclamar a ideia de *Ou Mun Ian* (gente de Macau), ou seja de pertença a Macau. Não é tanto em sentido cultural, mas pela necessidade que têm de se diferenciar das pessoas que vêm do Interior da China. Se querem ser diferentes, os chineses de Macau vão ter de o justificar e terão de invocar algo mais profundo do que os casinos, mais legítimo como a cultura. E quando falamos disso não podemos omitir o passado histórico dos portugueses em Macau.”

Para Perez, a afirmação da cultura “macaísta”, na sua diversidade e especificidade, “é importante para contrabalançar o fenómeno dos casinos que dão muito dinheiro a Macau, mas podem não ter marca da diferença que a cultura e o património

da cidade terão no futuro”. Mesmo do ponto de vista económico, o jovem macaense considera que esta aposta na indústria do jogo favorece a economia a curto prazo, “porque quando o turista chinês ‘crescer’ vai optar pela originalidade do produto, como Singapura, ou mesmo pela Las Vegas ‘original’”. O realizador acredita ainda que esta afirmação cultural vai ainda avivar a consciência colectiva da população. E essa união pode resultar “numa defesa comum e coerente dos valores de Macau”.

Senna Fernandes apela assim ao instinto de sobrevivência do macaense: “Nós temos que nos readaptar”. Acredita que “a afirmação de uma comunidade tem de ser feita dentro do contexto, que é o de uma China rica e apetrechada de todos os meios de influência. Das duas uma, ou somos absorvidos e passamos a ser apenas chineses ou marcamos a nossa diferença porque somos daqui e temos uma cultura nossa”, explica o presidente da ADM



que, como José Sales Marques e Perez, pertence a uma família tradicional de Macau.

Sales Marques tem uma percepção ainda mais dinâmica sobre o futuro da comunidade: “Não podemos viver como se estivéssemos fechados num museu, não se pode congelar a identidade dum grupo. Essa só se afirma e desenvolve na sua fonte de origem que é Macau”.

IDENTIDADE CONSTRUÍDA

Se a elite macaense parece defender a ideia de uma comunidade menos ditada pela mestiçagem e mais pela portugalidade e apego a Macau, o macaense comum de uma forma geral prevê para breve o fim desse apego luso, até por questões de educação em casa e nas escolas.

Perez sublinha que “não são precisos mais portugueses para criar mestiços”, o que é importante é preservar a cultura. “A nova leva de portugueses que tem chegado a Macau traz consigo a portugalidade. A sua presença em

“ O macaense tem de ter uma ligação a Macau.

Porém, há muitas pessoas a sentir este apego à terra, pela naturalidade ou por uma questão sentimental. Mas isso faz deles macaenses? Não! É necessário haver uma referência cultural mais vasta: a portugalidade. Além disso, só se pertence à comunidade caso seja aceite como tal. Aí impõe-se o factor da empatia, que é a partilha duma visão comum, de formas de expressão e comportamentos”

MIGUEL DE SENNA FERNANDES

A TESE DE UMA CULTURA A DEFINHAR

São poucos mas começam a fazer-se notar em Macau aqueles Filhos da Terra educados no estrangeiro que falam pouco ou nenhum português. Margarida Cheong Vieira é um desses casos. Garante que os macaenses só percebem que “é da malta” quando fala. “Se não abrir a boca pensam que sou completamente chinesa”.

Há quatro anos iniciou um trabalho de pesquisa sobre a identidade macaense e as novas gerações de macaenses que culminará na sua tese de pós-doutoramento. Os resultados da investigação e das muitas entrevistas que tem realizado preocupam-na. “Sinto que a comunidade macaense está a definhir, camada a camada. Não sinto que esta cultura possa acabar, tenho dados que podem comprovar que vai mesmo acabar.” Mas não aponta uma data específica para essa extinção.

O estudo que está a elaborar pela Universidade de Southampton, no Reino Unido, tem-lhe permitido olhar de forma mais científica para a comunidade, mas também conta com a vivência que tem da mesma há algumas décadas. “Hoje em dia, o que vemos da cultura macaense é muito fabricado, muito plastificado como quem finge que está lá o que já não está. Quem já viu e experienciou esta cultura, sabe disso”. A doutoranda aponta para o perigo das novas gerações de macaenses não estarem sensibilizadas para esta falta de autenticidade. Por isso, também gostaria que a história dos Filhos da Terra fosse leccionada em todas as escolas de Macau. Margarida Vieira está convencida que só o colectivo de Macau pode salvar a cultura macaense: “Têm de fazer alguma coisa para inverter a tendência”. Está certa de que, com a ajuda do governo, essa deterioração pode ser minorizada. “Para preservar uma cultura e, neste caso também uma comunidade, não se pode elaborar apenas uma lista de medidas. Não é esforço de uma pequena comunidade que vai salvar a cultura macaense. Tem de haver uma maior mobilização do resto da sociedade de Macau. Se forem apenas uns milhares, que podem estes alcançar sem o interesse dos outros?”



“ Não podemos viver como se estivéssemos fechados num museu, não se pode congelar a identidade dum grupo. Essa só se afirma e desenvolve na sua fonte de origem que é Macau”

JOSÉ SALES MARQUES

Macau e a necessidade de haver aqui pessoas a falar português é importante para a cultura maquista.”

Nem todos concordam com a ideia dos chamados “macaenses por adopção”. Para o presidente da Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas de Macau (APOMAC), Francisco Manhão, “o macaense é um mestiço, natural de Macau e é português”. E diz com a máxima sinceridade e respeito: “Para mim, não há macaenses de adopção”, adiantando que a cultura macaense é outra questão. Já Sales Marques não crê que a mestiçagem seja um factor essencial desta identidade. “Há macaenses por adopção, como o professor Silveira Machado ou o padre

Lancelote. Há vários chineses que se sentem macaenses, como o Roque Choi. A identidade também é construída.”

Candidatos para adopção não faltam em Macau. Alguns enchem-se de coragem e até perguntam a Senna Fernandes: “Estou cá há uma data de anos, eu sou ou não macaense?”. O presidente da ADM retribui com outra pergunta: “Imagine que eu era chinês, ia viver para o Minho, abria uma mercearia e convivia com essa gente toda uns 20 anos. Seria considerado minhoto depois disso? Não, iam chamar-me chinês. Ahhh, pois iam! Mas se eu falar português, tiver a pronúncia deles e me comportar como um minhoto, vão logo dizer: ‘Ele é chinês mas é um dos nossos.’” ●

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

o Banco Nacional Ultramarino é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —

ALMOÇO GORDO PARA DISCUSSÕES CALOROSAS

Quando os pastéis de bacalhau chegaram à mesa do restaurante da APOMAC, a barriga já dava horas. Foi uma entrada à portuguesa que animou os reformados macaenses Irene Mendes, António Sales, José Joaquim dos Santos e Emílio Cervantes. Abriu o apetite para uma longa conversa sobre a sua cultura e a nova Macau. Sabe-lhes bem a maior proximidade com os chineses mas não digerem a falta de apego dos jovens macaenses a Portugal

Texto **Patrícia Lemos**

Fotos **António Mil-Homens**

Os pastéis de bacalhau da Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas de Macau (APOMAC) pareciam iguais aos portugueses mas não eram tão salgados. Também eram mais pequenos e tenrinhos. Como tudo o que tem raiz portuguesa em Macau, tinham um sabor peculiar que não é pior nem melhor do que o luso. É assim com os pastéis de bacalhau, com os de nata e com... os macaenses. São portugueses mas são diferentes. Os macaenses falam de Portugal com mais paixão do que um emigrante luso cheio de saudades do seu país. “Esta nova geração já não tem a mesma ligação a Portugal”, lamenta Joaquim, de 70 anos, que desconfia que os jovens “não conhecem bem a terra”, porque a história de Macau não é ensinada nas escolas. Esta disciplina está na ordem de prioridades dos veteranos para a preservação da cultura macaense. Se na Escola Portuguesa há aulas sobre a matéria, garante o presidente da Associação de Macaenses, Miguel de Senna Fernandes, não há garantia de que esses conhecimentos sejam partilhados nas salas de aula das outras instituições locais.

Joaquim lembra-se de decorar “o nome das linhas dos caminhos-de-ferro todas” e Emílio, de 82 anos, até se recorda que tinham de saber



ENCONTRO DOS MACAENSES

“qual era a serra mais alta de Angola”. Os tempos são outros, claro. Macau agora está integrado na China e os aposentados acreditam que o macaense apegado a Portugal vai desaparecer dentro de pouco tempo. “Muito brevemente, muito brevemente”, enfatiza Joaquim, que elogia o Governo da RAEM pelo que tem feito pelo macaense original.

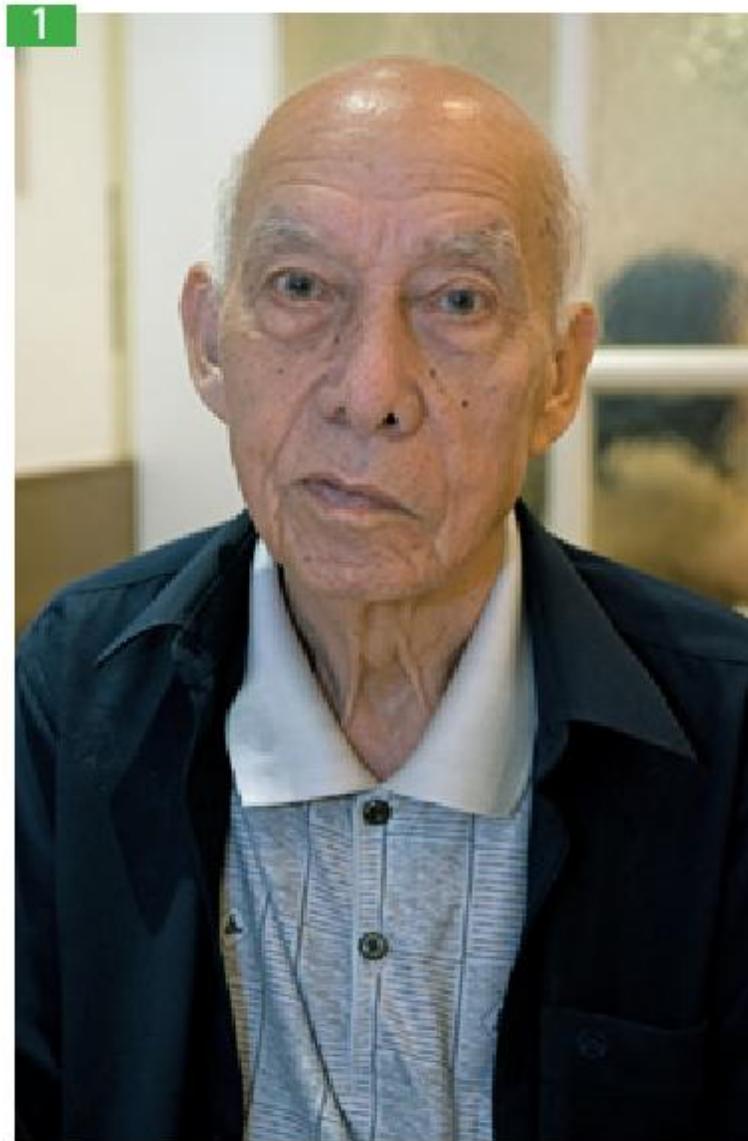
Com cinco filhos e duas “netinhas”, Irene, de 77 anos, tem “muito orgulho em ser uma mulher macaense”. Parece enfeitiçada pelo perfume do Caril Quiabo com Camarão que vai desaparecendo da mesa. Apesar de aprovar a comezaina, queixa-se que, hoje em dia, “os pratos macaenses são muito aldrabados”. Fã da gastronomia macaense, o presidente da APOMAC, Francisco Manhão, tem pena que não tenham surgido novas receitas. “As que há são de há 50 mil anos. Julgo que se há dedicação devem ser criados novos pratos.”

Uma instituição que está a fazer pela culinária dos Filhos da Terra é a Confraria da Gastronomia Macaense, criada em 2007, e que até tem o apoio do Executivo da RAEM. “Mas precisa de se expor mais”, sublinha Senna Fernandes, que louva o trabalho do presidente desta entidade, Luís Machado: “Tem um coração muito grande e faz o que pode, mas sozinho não consegue fazer tudo. Precisa de pessoas motivadas” e não têm que ser só os macaenses a ajudar.

Como a gastronomia, também o patuá quer ter o estatuto de património da UNESCO. Aí entra o trabalho do grupo de teatro Dóci Papiaçám de Macau que tanto tem feito pelo dialecto dos macaenses. Ainda que aplaudam os espectáculos, os veteranos não são grandes fãs do patuá. Joaquim confessa mesmo que “antigamente havia uma certa vergonha em torno do patuá”.

Enquanto o “solteirão” António Sales, 80 anos, se delicia com o Bacalhau à Minhota, Joaquim fala da nova Macau e da “muito maior proximidade entre chineses e macaenses”. Todos sonham com a velha Macau, mais pacata e mais familiar. Emílio, que pinta nas horas vagas, tem saudades da paisagem da Baía da Praia Grande. Joaquim lembra como ali o pôr-do-sol era bonito “por causa das gaivotas”.

1



Este ano o Encontro das Comunidades Macaenses celebra 20 anos. O evento trienal arranca no dia 30 de Novembro. Até ao dia 7 de Dezembro os membros das Casas de Macau da diáspora revêem familiares, amigos e Macau



- 1** António Sales, de 80 anos, é “o General” para os amigos por ser uma pessoa conhecedora
- 2** Irene Mendes, de 77 anos, orgulha-se de ser uma mulher macaense
- 3** José Joaquim dos Santos, de 70 anos, diz que antigamente o macaense era 100% luso
- 4** Emilio Cervantes, de 82 anos, tem saudades da velha paisagem da Baía da Praia Grande

ENCONTRO DOS MACAENSES

CARDÁPIO COM TRADIÇÃO

ENTRADAS

Alinho de Camarão
Pastéis de Bacalhau

PRATOS PRINCIPAIS

Arroz de Pato
Bacalhau à Minhota
Cara de Vaca Estufada
Pombo Assado
Caril de Quiabo

SOBREMESAS

Serradura
Pudim de manga
Pudim de ovos



DIÁSPORA AO ENCONTRO DE MACAU

Este ano o Encontro das Comunidades Macaenses celebra 20 anos. O evento trienal arranca no dia 30 de Novembro. Até ao dia 7 de Dezembro os membros das Casas de Macau da diáspora revêem familiares, amigos e Macau. Este também é o momento de “debater problemas da comunidade em geral”, salienta o presidente da Associação de Macaenses (ADM), Miguel de Senna Fernandes.

O Chá Gordo, marcado para o Dia da Cultura Macaense (4 de Dezembro), é o momento mais aguardado do Encontro, garante a maioria dos dirigentes das associações contactadas pela revista MACAU. Nem seriam portugueses se não matassem as saudades com um repasto. Mas haverá palestras, visitas guiadas, uma missa e

cerimónias importantes, que podem muito bem incluir a atribuição do Prémio Identidade 2013 do Instituto Internacional de Macau ao Dóci Papiacám, a celebrar duas décadas de palco. A criação do grupo de teatro no mesmo ano do primeiro Encontro “foi pura coincidência”, garante Miguel de Senna Fernandes, o director da formação teatral.

O presidente da Casa de Macau Inc. (EUA), Henrique Manhão, gostava ainda que este evento integrasse “uma sessão solene” dedicada a todos os cozinheiros das Casas de Macau, “em reconhecimento do seu contributo na divulgação da culinária macaense”, com direito a “Certificado de Honra pela Confraria de Gastronomia Macaense”. Segundo Senna Fernandes, a ADM também propôs um colóquio



O Chá Gordo, marcado para o Dia da Cultura Macaense (4 de Dezembro), é o momento mais aguardado do Encontro. Mas haverá ainda palestras, visitas guiadas, uma missa e cerimónias importantes

Os encontros dos macaenses começaram formalmente em 1993, com repetições ininterruptas a cada três anos

sob o tema Identidade Macaense na Diáspora. A confirmar-se este evento irá agradar a muitos macaenses do território, que gostariam de ver um maior envolvimento dos emigrantes na preservação da cultura macaense.

O presidente da APOMAC, Francisco Manhão, aplaude esta iniciativa. Do feedback que tem dos macaenses locais, sente que “apesar do grande interesse da comunidade em participar mais no Encontro, ainda não surgiu essa oportunidade”. Senna Fernandes esclarece que o evento trienal “serve para acolher os macaenses que vêm de fora”. “Não podem participar todos os macaenses. São cortes que todos vão ter de entender. Caso contrário, não pode haver Encontro”. ●

LUÍS GONZAGA GOMES

UM FILHO DA TERRA



LURDES ESCALEIRA

Professora-Adjunta do Instituto Politécnico de Macau



HAN LILI

Assistente do Instituto Politécnico de Macau

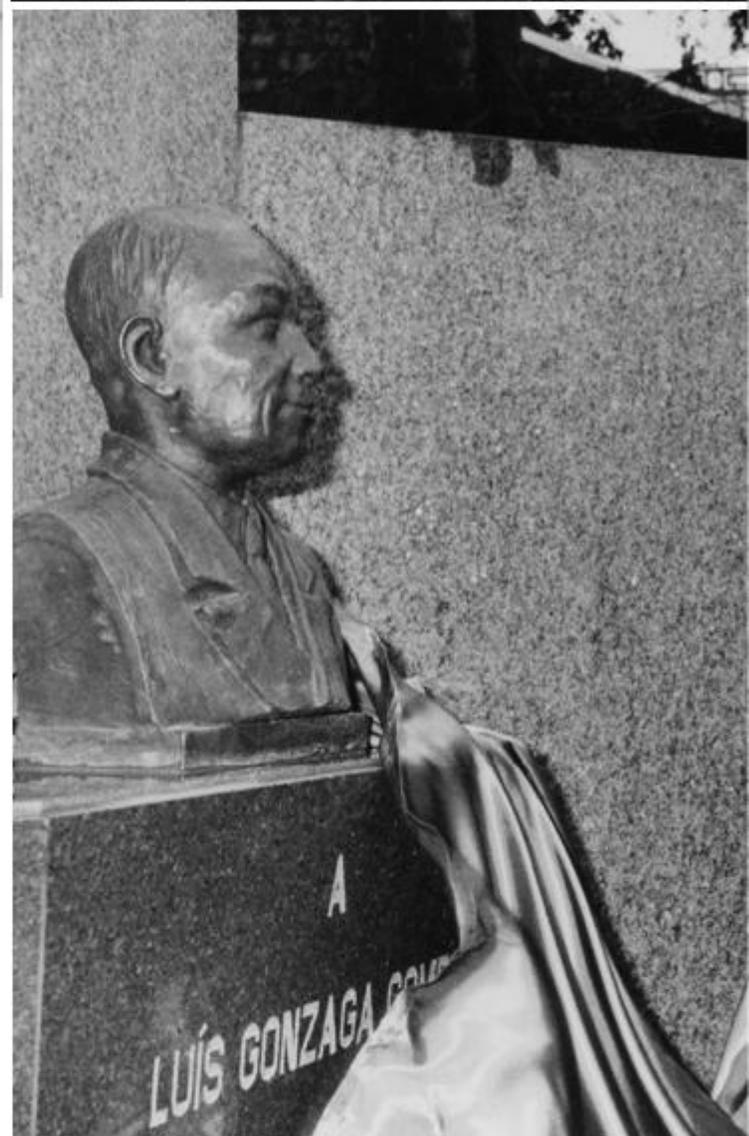
Luís Gonzaga Gomes (1907 - 1976) nasce em Macau no seio de uma família *culta e informada, economicamente desafogada, com gostos musicais e artísticos requintados* (Aresta, 2001:1535). Estudou no Liceu de Macau, tendo sido aluno de Camilo Pessanha, José da Costa Nunes, Manuel da Silva Mendes, Mateus António Lima, entre outros intelectuais e, posteriormente (1925-1933), estudou tradução português-chinês na Escola de Língua Sínica. Profundo conhecedor da língua e da cultura chinesas foi tradutor-intérprete principal da Repartição do Expediente Sínico, professor e director da Escola Primária Oficial Pedro Nolasco da Silva, conservador do Museu Luís de Camões (actual Museu de Arte de Macau) e director da Biblioteca Pública de Macau. A sua obra é o exemplo de uma profícua actividade social e cultural e do seu empenho em desvendar o mundo do Outro, desfazendo equívocos que provocavam mal estar e, assim, aproximando portugueses e chineses¹.

¹ *Esta tarefa, que parece ter tomado como uma indeclinável responsabilidade ética, permitiu encaminhar os macaenses e os portugueses metropolitanos não só para uma maior compreensão mútua, reconhecendo raízes e afectos no labirinto da história, mas, sobretudo, para encorajar todas as tentativas sérias de conhecimento da cultura e civilização chinesas* (Aresta:2001:1541).



* Ilustração: Antônio Conceição Junior

PERSONALIDADES



Luís Gonzaga Gomes foi um símbolo de Macau – lugar de diálogo, de harmonia, de tolerância, de universalidade e de paz. Foi condecorado com a medalha do Infante D. Henrique, a medalha de Valor e a de Cavaleiro da Ordem das Palmas da França



Sempre que se invoca este vulto macaense é realçado o seu contributo enquanto escritor, sinólogo, tradutor, filólogo, historiador, musicólogo, professor e colaborador de vários círculos intelectuais e culturais e da imprensa escrita, no entanto, tal como afirma Aresta (2001:1540-1541), Gonzaga Gomes foi *sempre um Professor, desde a Escola até à tribuna da imprensa, passando pelas actividades sociais em que se empenhou, afirmando-se pelo seu esforço em compreender o mundo chinês, no qual Macau se inseria*².

² Em 1951, o Governador Albano de Oliveira manda publicar um louvor público, ao *Professor Primário Luís Gonzaga Gomes pelas excepcionais qualidades de inteligência, trabalho e dedicação pelo serviço, de que sempre deu provas no exercício das suas funções e, ainda, pela excelente colaboração prestada para uma maior aproximação luso-chinesa, através da publicação de vários trabalhos sobre temas chineses, em que se revelou como investigador muito competente e erudito* (Boletim Oficial de Macau citado por Aresta, 2001:1538).



PERSONALIDADES

Notável investigador de Macau deixou-nos uma vasta bibliografia que, segundo Aresta (2001) se insere no campo da linguística, tradução de obras de chinês para português e vice-versa, estudos sobre a cultura chinesa, estudos sobre a história e a cultura de Macau e, ainda, História de Portugal, escrita em chinês.

Acerca da língua chinesa, Gomes afirmou ser esta língua riquíssima em tropos o que dificulta, enormemente, a sua aprendizagem. Sem o conhecimento das expressões metafóricas chinesas dificilmente se consegue apreender o sentido de certas frases empregadas pelos nativos, no seu colóquio quotidiano³. Para ajudar os tradutores a ultrapassar esta dificuldade publicou um conjunto assinalável de obras: *Vocabulário Cantonense-Português* (1941), *Vocabulário Português-Cantonense* (1942), *O Estudo de Mil Caracteres* (1944), *Em Torno do Vocabulo Tou* (1951), *Citações Chinesas* (1953), *Vocabulário Português-Inglês-Cantonense* (1954) e *Noções Elementares da Língua Chinesa* (1958).

Para além de um número considerável de traduções de obras chinesas⁴ de referência para a língua portuguesa e de duas obras portuguesas⁵ para a língua chinesa, publica, a partir de 1943, numerosos estudos versando a cultura chinesa e a história e cultura de Macau. Em 1955, publica, em língua chinesa, a História de Portugal.

A nível da sua participação na imprensa dirigiu e publicou

o *Boletim do Instituto Luís de Camões* (nove volumes), os *Arquivos de Macau* (12 volumes), foi secretário-geral e redactor do jornal diário Notícias de Macau, chefe de redacção e administrador da revista Renascimento, colaborador da revista cultural Mosaico⁶ e correspondente da Agência Noticiosa de Informação.

Gonzaga Gomes, um distinto vulto macaense, *ajudou a compreender e a decifrar alguns enigmas da pragmática chinesa* (Barreira⁷, 1994), colocando na sua visão da vida macaense e sobretudo das lendas e superstições chinesas (...) uma ponta de humor risonho a temperar a aparente ingenuidade da narração (Gomes, 1979).

A mestria da língua falada reflecte-se, positivamente, nas suas escritas e traduções e isto é particularmente visível na linguagem empregada por Gonzaga Gomes, na descrição dos acontecimentos e contos

chineses, *Lendas e factos de Macau, Curiosidade de Macau Antiga, Chinesices*, entre outros livros, muito próxima do registo linguístico dos narradores populares. Recorrendo ao emprego de um enorme número de advérbios e adjectivos⁸, na transposição cultural dos contos chineses para português, Gomes marcou o seu estilo com forte sabor chinês, apesar de o texto ser redigido em português. O seu contributo para o estudo de lendas, costumes, tradições e mentalidades dos homens e da história [da China] permitiu consolidar uma matriz interpretativa com a qual se identificava e que era mutuamente enriquecedora das comunidades de Macau (Aresta, 2001:1541). A sua vasta obra permite-nos conhecer e compreender a vida da sociedade de Macau e factos determinantes da história deste recanto onde o Oriente e o Ocidente se cruzaram e convivem há largos séculos. ●

³ *Tropos Usados na Gíria Chinesa*. MOSAICO, Círculo Cultural de Macau, números 13 -24, pp. 392-393.

⁴ *O Clássico Trimétrico* (1944), *O Clássico da Piedade Filial* (1944), *As Quatro Obras* (1945), *Ou Mun Kei Leok* (1950), *Livro da Via e da Virtude de Láucio* (1952), entre outras.

⁵ Em 1959, *Mensagem*, Fernando Pessoa e, em 1972, *Os Lusíadas Contados às Crianças*, João de Barros.

⁶ Gonzaga Gomes foi um dos membros fundadores do Círculo Cultural de Macau, associação cultural de matriz portuguesa fundada em 1950 e responsável pela edição da Revista Mosaico.

⁷ Ninélio Barreira na dedicatória de *Ou Mun: Coisas e Tipos de Macau* de Luís Gonzaga Gomes, 1994.

⁸ Vidé artigo Han Lili *Estratégias Narrativas de Luís Gonzaga Gomes na Obra Curiosidade de Macau Antiga*, não editado.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aresta, A. (1997). A Sinologia Portuguesa: Um Esboço Breve. *Revista de Cultura* n. 32, pp.9-18.

Aresta, A. (2001). O Professor Luís Gonzaga Gomes e a Divulgação Pedagógica Da Cultura Chinesa. *Revista Administração N.º 54*, pp. 1535-1558.

Barreira, N. (1994). *Ou Mun: Coisas e Tipos de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

Gomes, Luís Gonzaga, *Revista MOSAICO*, Círculo Cultural de Macau, Setembro de 1950 a Fevereiro de 1951, números 13-24, pp. 392-393. Macau: Fundação Macau (edição), 2000.

JORGE ÁLVARES

VISTO PELOS HISTORIADORES CHINESES

Os académicos consideram Jorge Álvares uma figura importante que assinalou o início das relações entre o Oriente e o Ocidente. Já a generalidade da população chinesa de Macau apenas conhece a estátua do mercador português, mas desconhece os seus feitos

Nos meios académicos, Jorge Álvares, o primeiro ocidental a chegar à China por mar há 500 anos, é amplamente estudado por ter contribuído para o início das relações entre o Oriente e o Ocidente. Já a comunidade chinesa do território pouco conhece dele, além da estátua que se encontra na Avenida da Praia Grande, em Macau, e das breves referências nos livros de História. O professor assistente de História na Universidade de Macau, Vincent Ho, concorda que o mercador português assume uma grande importância no arranque das boas relações entre os dois povos. “Jorge Álvares é o primeiro navegador português a alcançar a costa chinesa e inicia os contactos de quase cinco séculos entre os chineses e portugueses.” Enquanto primeiro português a chegar à China, actuando em representação de Afonso de Albuquerque, então governador da Índia Portuguesa, o académico destaca que a sua visita à China, em 1513, favoreceu negócios em Tamão e na Ilha de Sangchuan (Sanchoão). E, apesar de nunca ter chegado a pisar Macau, muitos académicos acreditam que foi o trabalho por ele desenvolvido de aproximação dos povos que levou à fundação de Macau como

Texto **Luciana Leitão e Cecília Lin** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro** | Ilustração **Rodrigo de Matos**

entrepasto. Christina Miu Bing Cheng, no livro *Macau: A Cultural Janus*, vai ainda mais longe e defende que foi ele que abriu caminho a jesuítas influentes como Matteo Ricci, Francis Xavier e Ignatius Loyola.

Por seu turno, o historiador Wu Zhiliang afirma que apesar de o nome do mercador ser sobejamente conhecido entre os académicos não o é entre a comunidade chinesa. “É uma referência [para os académicos] para as relações com os chineses, porque foi o primeiro ocidental a chegar ao Delta do Rio das Pérolas.”

Nas aulas de História de Macau, o nome de Jorge Álvares surge quando se mencionam as relações sino-ocidentais, mas é “uma referência neutra”, sem conotações positivas ou negativas.

“No ano tal chegou Jorge Álvares ao Delta do Rio das Pérolas, foi o primeiro ocidental a chegar à costa da China. Não há mais comentários”, explica Wu Zhiliang.

Nos manuais escolares do Interior da China o nome do português nem figura. “Pelo que sei, até agora, o nome de Jorge Álvares não consta dos registos chineses”, aponta o historiador Huang Qinghua, autor de uma *História das Relações Sino-Portuguesas*.



OS 500 ANOS DE UMA RELAÇÃO

- 1513**
Chegada de Jorge Álvares à China
- 1517**
Primeira embaixada europeia à China, enviada pelo rei D. Manuel I e chefiada por Tomé Pires
- 1542**
Portugueses estabelecem-se em Liampó, ao largo da actual Ningbo, mas foram expulsos três anos depois
- 1557**
Portugueses autorizados a estabelecer-se em Macau
- 1569/
1570**
"Tratado das Coisas da China", de Frei Gaspar da Cruz, primeiro livro exclusivamente sobre a China publicado na Europa
- 1688**
Tomás Pereira, padre estabelecido em Pequim, participa nas negociações do acordo fronteiriço sino-russo, o primeiro do género estabelecido pela China
- 1887**
Tratado de Amizade e Comércio assinado em Pequim, e qualificado mais tarde como "desigual" pelas autoridades chinesas
- 1910/
1911**
Portugal e a China tornam-se uma república

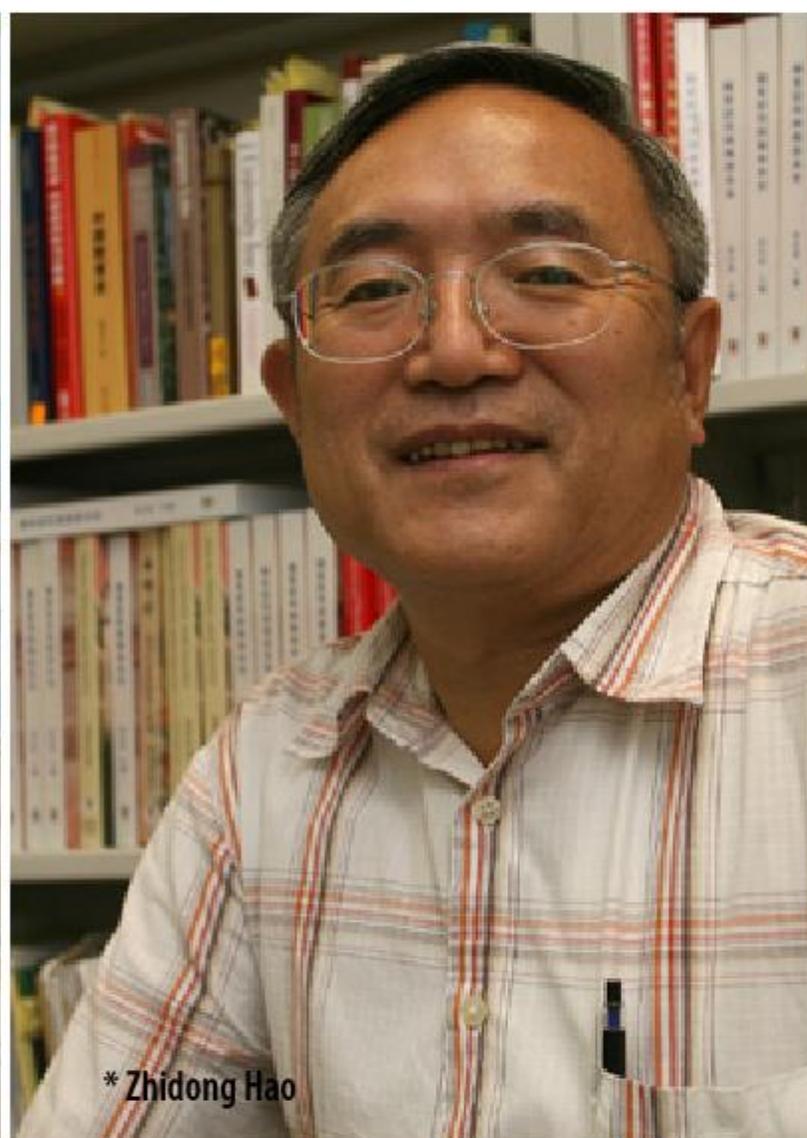


A VIAGEM

Antes de partir para a China, Jorge Álvares era um oficial júnior que acompanhou Afonso de Albuquerque na sua viagem a Malaca, em 1511. Lá, trabalhou como tesoureiro. Segundo se lê no livro de Christina Miu Bing Cheng, após conquistar a estima dos oficiais seniores, acabou por ser destacado pelo governador da Índia, Afonso de Albuquerque, para representá-lo na viagem até à China, na qualidade de oficial e capitão de um dos barcos. Entre os motivos que lhe garantiram tal oportunidade encontrava-se a sua personalidade "amigável" e a facilidade no trato com os comerciantes chineses. Assim, acabou por chegar à China, acompanhado do filho Duarte Coelho, que serviu de escrivão durante o périplo. A China fazia então parte de um objectivo estratégico do povo lusitano de definir as suas rotas comerciais. "Na era dos Descobrimentos, os portugueses consideravam o comércio asiático como o mais rentável", lê-se na obra *Macau: A Cultural Jamus*. Assim, a viagem tinha o objectivo de prospecção de mercado.



* Vincent Ho



* Zhidong Hao

Jorge Álvares tinha de apurar questões relativas ao comércio de mercadorias, mas também ao potencial militar do gigante asiático, bem como a aparência física dos seus habitantes, a estrutura política e organizacional, religião, ritos locais e geografia.

No barco de Jorge Álvares, vinham também alguns produtos como especiarias que faziam parte do comércio português na região asiática, além de sedas, porcelana, pérolas, enxofre e salitre. O objectivo era usá-los como moeda de troca ou pagar tributos ao rei. Partindo de Malaca, Jorge Álvares acabou por chegar a uma ilha no Delta do Rio das Pérolas, conhecida em cantonês por Lintin, que é traduzida para português como “Ilha Solitária”.

O COLONIALISMO

As relações da altura de Jorge Álvares entre os portugueses e os chineses eram amigáveis e puramente comerciais. “Quando, em 1511, os Portugueses conquistaram Malaca, as boas relações entre os comerciantes chineses e os novos conquistadores continuaram”, afirma

TERRA DE NINGUÉM

Em pleno Delta do Rio das Pérolas, a norte de Macau, Neilingding - adjacente ao município de Zhuhai - é vista pela maioria dos académicos como o local onde terá desembarcado o mercador português Jorge Álvares e é referida em documentos históricos como a ilha de Lintin. Grande parte da área é ocupada, desde 1984, por uma reserva natural, com mais de 1200 macacos. Além de cobras venenosas, galinhas e cabras, Neilingding tem uma densa vegetação com mais de 600 espécies de plantas. À fauna e flora juntam-se os poucos habitantes que não são mais do que alguns trabalhadores migrantes. Neilingding é pouco conhecida até entre os próprios chineses, frequentemente confundida com a vizinha Wailingding. Porém, o potencial turístico e os ricos recursos naturais põem-na no centro de uma disputa entre Shenzhen e Zhuhai.

1949

O embaixador de Portugal em Nanjing, então capital da República da China, João de Barros Ferreira da Fonseca, e o cônsul-geral em Cantão, José Calvet de Magalhães, reconhecem a nova República Popular da China proclamada pelo Partido Comunista Chinês. O governo de Lisboa, liderado por Salazar, não aceitou

1975

Portugal corta relações com Taiwan e reconhece o governo de Pequim como o único representante chinês

1979

Estabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e a República Popular da China

1987

Declaração Conjunta sobre Macau, assinada pelos primeiros-ministros de Portugal e da China, Aníbal Cavaco Silva e Zhao Ziyang, que determina a transferência do território para a administração chinesa no dia 20 de Dezembro de 1999

1999

Macau torna-se uma Região Administrativa Especial, segundo a fórmula "um país, dois sistemas"

2003

Criação em Macau do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial China-Países de Língua Portuguesa

2012

A China Three Gorges compra 21,3 por cento do capital da Electricidade de Portugal (EDP) por 2,7 mil milhões de euros, tornando-se o maior accionista da empresa

TODOS OS NOMES

Nem todos concordam com a tese de que Jorge Álvares chegou à ilha de Tamão, identificada como a actual ilha de Neilingding. Por exemplo, os historiadores Wu Zhiliang e Jin Guo Ping defendem que a primeira terra onde aportaram os portugueses na China é perto do novo aeroporto internacional de Hong Kong, Chep Lap Kok.

Citando fontes náuticas, o duo afirma que Tamão onde chegou Jorge Álvares foi o canal e o porto de Tonqiong, entre as ilhas de Chep Lap Kok e de Lantau. Referem que se trata de um braço do mar paralelo ao Canal de Tunmen, do tal deriva o topónimo português Tamão.

No livro *Revisitar os primórdios de Macau: Para uma nova abordagem da História*, os historiadores chineses escrevem que Jorge Álvares chegou primeiro a Tamão, e que a localização definitiva de tal ilha continua "longe de ser satisfatória". Citando o sinólogo



japonês Fujita Toyohachi, os investigadores defendem que a inicial identificação do sueco Anders Ljungsetdt, que propôs Sangchuan (Sanchoão) como correspondente a Tamão, está errada e que Tamão é Tunmen.

Por seu turno, o jesuíta Mauro Fan Hao defendeu que Tamão se situa na província de Zhejiang, algo que a dupla rejeita, por achar que a identificação se baseou apenas na homofonia entre Tamão e Damaoshan.

Nos estudos ocidentais, normalmente a identificação mais corrente é Lingding, lançada por José Maria Braga, no fim da década de 1930. O livro de Wu Zhiliang e Jin Guo Ping refere que existem ainda hoje duas ilhas Lingding: “A Lingding de José Maria Braga é a Xiaolingding (Pequena Ilha Solitária) ou Neilingding (Ilha Solitária Interior)”. Porém, segundo os autores, não há qualquer referência sobre a presença portuguesa em Xiaolingding entre os manuais chineses.



Christina Miu Bing Cheng.

Na China, porém, estava-se em plena dinastia Ming (1368-1644), que impunha uma política isolacionista austera. Assim, durante a era Ming recorria-se ao sistema tributário para dividir os estrangeiros entre aqueles que se encontravam na lista tributária e os que ali não figuravam. Portugal não figurava na tal lista, gerando alguma suspeição quando o mercador desembarcou em Lintin.

Mesmo assim, Wu Zhiliang declara que nem sequer faz sentido que se refiram a ele como o precursor do colonialismo português, já que na altura tal conceito nem existia. “De facto, houve confrontos entre a frota portuguesa e a armada chinesa, mas ele, Jorge Álvares, penso que não é conotado com o colonialismo”, declara.

Conforme descreve Wu Zhiliang, a chegada dos portugueses à China foi apenas vista com alguma “surpresa”, já que nessa altura ainda se desconhecia a existência de “uma nação tão forte”. Além disso, foi a primeira vez que se cruzaram com ocidentais “de nariz grande e olhos azuis”.

Já o professor e coordenador do departamento de Sociologia da Universidade de Macau, Hao Zhidong, acrescenta que Jorge Álvares merece um reflexão mais profunda sobre o impacto do colonialismo na China, que, por ora, ainda não foi feita no território.

O LEGADO

No fim da sua primeira missão, entre Abril e Maio de 1514, Jorge Álvares deixou Lintin com valiosos produtos e abriu a possibilidade de outros ocidentais lá voltarem. Regressou a Malaca, mas acabou por estar sempre ligado à China, já que em 1517 partiu com Fernão Peres de Andrade para Cantão e o primeiro enviado português à China, Tomé Pires, que iria estabelecer uma oficial relação comercial com o gigante asiático.

Veio a acompanhar novamente, dois anos depois, como oficial, Fernão Peres de Andrade em 1519, mas, desta vez, a missão não foi bem sucedida. “O comportamento de Andrade e o dos seus homens levaram os chineses a acreditar nos rumores que tinham ouvido da forma feroz e predatória como os portugueses tinham tratado os mouros e os malaios em Malaca”, diz a historiadora Christina Miu Bing Cheng. Graças a tais comportamentos,

foram precisos muitos anos até que os chineses pudessem confiar nos portugueses.

Assim, antes que as negociações fossem concluídas, Peres foi expulso de Pequim e quando chegou a Cantão todos os outros elementos da embaixada foram tornados prisioneiros. Porém, Jorge Álvares já havia voltado para Malaca antes que os acontecimentos tivessem este desfecho, nunca sendo confundindo com Tomé Pires e Fernão Peres de Andrade.

Na sua última viagem a Lintin, feita para reparar as relações com a China, acabou por vir a perecer. Foi enterrado junto ao padrão que ele próprio havia erigido oito anos antes.

A ESTÁTUA EM MACAU

Se hoje em dia Jorge Álvares é visto pela comunidade como uma figura neutra e conhecido apenas pela sua estátua, nem sempre foi assim. O nome de Jorge Álvares acabou por estar envolvido num dos momentos mais importantes da história de Macau, o incidente 1-2-3. Erigida em Macau pelo escultor português Euclides Vaz, a estátua situava-se no cruzamento entre a Avenida Dr. Mário Soares e a Avenida da Praia Grande. No memorial, figura uma réplica do seu padrão nas suas costas, enquanto o braço direito está erguido da direcção de Lintin.

Dada a conhecer a 16 de Setembro de 1954, a 3 de Dezembro de 1966, durante os incidentes conhecidos por 1-2-3, um motim levantado pelos residentes chineses pró-comunistas no dia 3 de Dezembro de 1966 para protestar contra o Governo de Macau, a estátua foi atacada e destruída por jovens revoltados.

Posteriormente à restauração da ordem pública, a estátua veio a ser reparada. Ainda hoje continua erguida, apesar de a localização ser ligeiramente diferente, agora na curva da Avenida da Praia Grande. ●

PORTUGUÊS PARA NEGÓCIOS

Há 500 anos, chegava um português pela primeira vez à China e dava-se então início a uma relação duradoura. Hoje em dia, segundo os dados da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude de Macau (DSEJ), mais de 5000 alunos da RAEM estão a aprender português como disciplina regular ou extracurricular.

A língua portuguesa também integra a oferta do programa de formação contínua promovido pelo Governo, contando-se 77 cursos de português com um total de 998 alunos em 2012. Além de iniciativas de curta duração, como o programa dos cursos de verão, a língua de Camões é também promovida quando os estudos superiores são prosseguidos em Portugal.

Actualmente, o número de alunos do Instituto Português do Oriente ascende a 1600 o que, de acordo com o director João Laurentino Neves, “confirma a tendência crescente”. Além disso, considerando que tal crescimento se reflecte ao nível dos alunos nos cursos gerais e nos cursos específicos, o dirigente afirma que tal significa que “há uma aposta das entidades (sobretudo públicas) na formação linguística dos seus quadros, no que à língua portuguesa diz respeito”. Não considerando negativa nem limitativa a associação do interesse pelo português à rota dos negócios, João Laurentino Neves afirma que “constitui um desígnio para a afirmação internacional da língua portuguesa pelo que importa conferir-lhe toda a importância e todo o apoio”.

O director do recém-criado Centro Pedagógico e Científico de Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau, Carlos André, acredita que o interesse pelo português vai além dos negócios. “Uma língua vive do uso. Quando deixa de ser usada, continua a ser uma língua de cultura, mas perde o seu lugar entre as línguas faladas. A Tradução e o Direito são importantes; mas não concordo que a apetência pelo português se resume a isso. Há a economia, a política e há, também, a cultura.”





DRAGÃO CHINÊS (LUNG)

Presentes em tantas culturas, os dragões habitam a imaginação do homem desde que há memória. Mas na China eles são especialmente sábios, assumindo formas muito simbólicas. Tradicional (龍) ou simplificado (龙), o *Lung* é dono e senhor das tempestades e o favorito das mães. É que há mais bebês nascidos nos anos do dragão do que em qualquer outro ano do horóscopo chinês

Com o unicórnio, a fénix e a tartaruga, criou o mundo e, acredita-se, que dele descendam todos os imperadores da China. O dragão é símbolo de poder, prosperidade e boa sorte. Dança num corpo de serpente e pode ser tão grande como o cosmos ou do tamanho dum bicho-da-seda. Este animal venerado no Oriente é tão antigo que há quem diga que nasceu dos totens das diferentes tribos chinesas, antes mesmo da invenção da escrita na China. Os cientistas dizem que esta relação entre o homem e o dragão data do tempo em que havia convívio com o Plesiossauro, sendo este a fonte de inspiração do *Lung* chinês.



REZA QUE...

O primeiro tratador de dragões do reino chinês foi nomeado por um imperador em 1611 a.C. A sua principal tarefa era assegurar que estas criaturas não andavam famintas, por isso distribuía alimentos por várias lagoas sagradas. É que o dragão, quando enfurecido, é capaz de criar grandes tempestades.

Uma carpa nadou rio acima e quando chegou ao topo encontrou a "porta do dragão". Ao saltar por ela transformou-se em dragão. Ou seja, quem se esforça por superar obstáculos, consegue alcançar o sucesso.

SABIA QUE...

Os dragões chineses comuns tinham quatro garras, mas o imperial tinha cinco. E ai de quem usasse a sua representação mais nobre. Era uma traição ao imperador, que podia muito bem resultar na execução de toda a tribo do ultrajante.

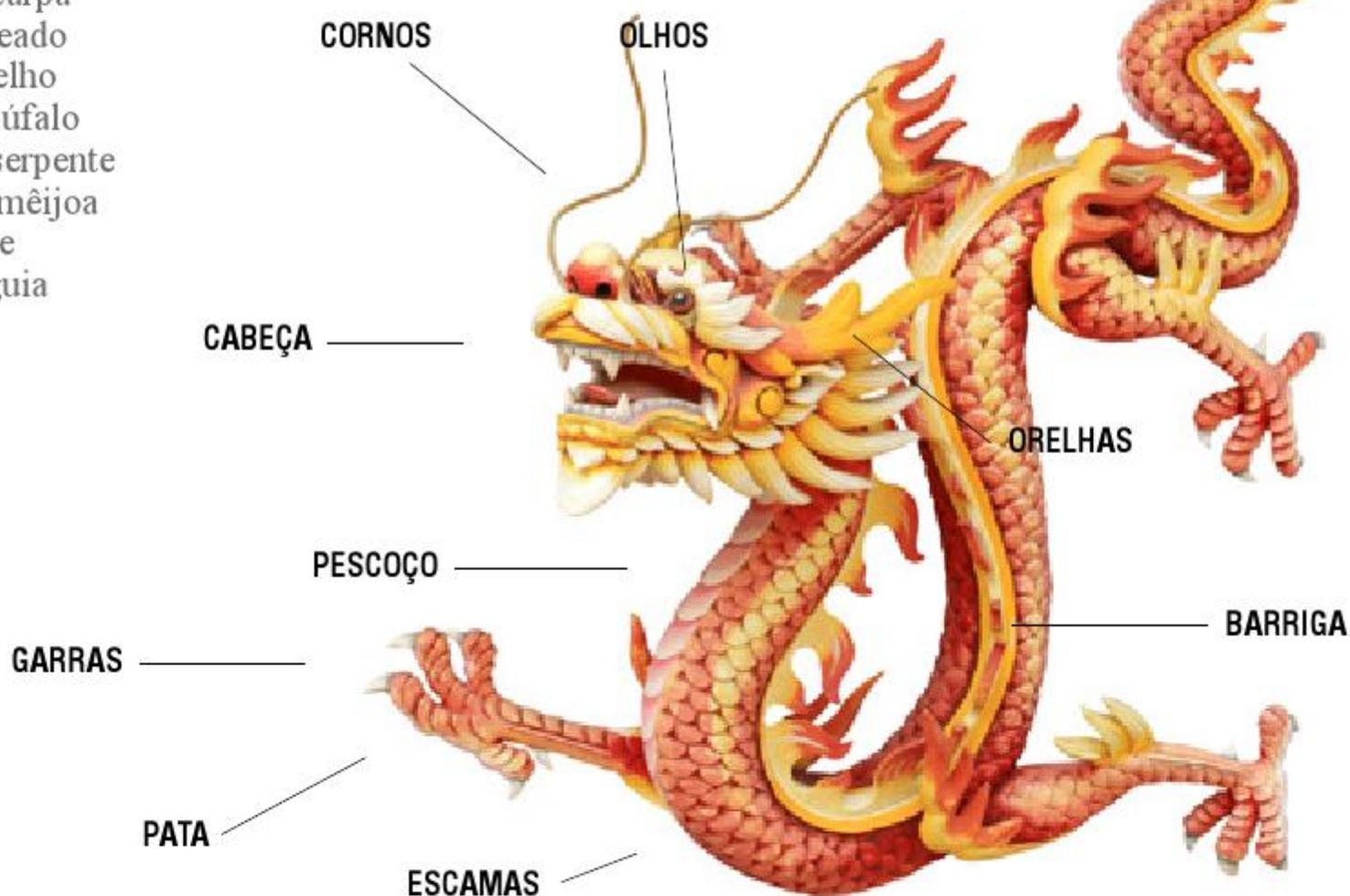
CORES SAGRADAS

O dragão azul, que é um dos quatro guardiães das direcções cósmicas (sul), está representado em Macau. Alonga-se pela Ponte da Amizade e chega à Taipa. Esta criatura da cor do céu controla a astrologia e vive na água. Os dragões vermelhos e pretos são mais ferozes e são capazes de causar tempestades. Já o afortunado amarelo não é domável e só aparece quando é necessário, tendo dado ao imperador Fu Xi o conhecimento da escrita. ●

DRAGÃO POR PARTES

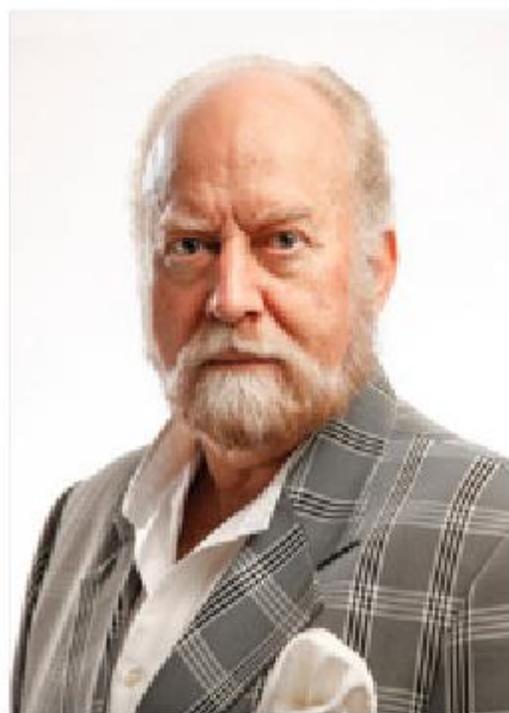
(relação com outros animais)

- Cabeça: camelo
- Bigodes: carpa
- Chifres: veado
- Olhos: coelho
- Orelhas: búfalo
- Pescoço: serpente
- Barriga: amêijoa
- Patas: tigre
- Garras: águia



MIGUEL DE ARRIAGA

UMA ÁGUIA NUM ZOO



LUÍS SÁ CUNHA

Jornalista da área cultural

Miguel de Arriaga Brum da Silveira é talvez a mais fascinante figura de toda a história de Macau. Como todos os grandes, emerge para os vindouros enroupado de polémica, entre o panegírico olímpico e as sombrias detracções. Assim nos chegou o seu perfil brônzeo, escoriado no reverso do medalhão. Mas, incontestavelmente, foi excepcional, com momentos de grandeza. Lúcido, ambicioso, temerário, saiu quase sempre vitorioso das batalhas em que se viu enredado, num dos períodos mais emaranhados de conflitos de toda a história de Macau. Unânicos são os testemunhos que confluem à sua fisionomia de genial negociador e diplomata. Terão sido, porém, acções a deslido dos seus gestos e intervenções mais espectaculares que melhor lhe podem valer as estrelas do generalato político: a grande visão estratégica de uma

política não só para Macau mas também para Portugal na emergência de uma nova fase do movimento histórico da globalização.

Num pequeno porto do extremo da Ásia, mas na linha da frente de uma guerra prolongada pela supremacia mundial, Arriaga ousa, joga forte no tabuleiro dos poderes confrontados, tem a lucidez da visão futurante, traça planos que tenta concretizar. Uma política para o fortalecimento de Macau, para repor Portugal no novo mapa global, uma política “para criar um país novo”.

UM GOLPE DE ASA

Terceiro filho de José de Arriaga Brum da Silveira, e assim desprovido dos naturais favores de primogenituras, Miguel é encaminhado aos estudos na Universidade de Coimbra, donde deverá sair municiado para os triunfos da vida.

Favorecido embora por consanguinidades com as classes nobres e vias de acesso à Corte (refira-se a propósito que o seu irmão deve o nome Sebastião ao facto de ter sido afillhado de baptismo do Marquês de Pombal, sendo tetravô do primeiro presidente da República Portuguesa) não há dúvida que é às suas qualidades de inteligência que o jovem Miguel deve os



Dotado de grande argúcia e ambicioso de poder, Arriaga desembarca em Macau como em expedição de conquista. Macau não era um cargo, era para ele um reino a haver

seus fulgurantes triunfos e ascensão.

Ele foi fidalgo cavaleiro da Casa Real, membro do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, Comendador das Ordens Militares de N. S. Jesus Cristo e de N.S. da Conceição de Vila Viçosa e da Torre e Espada.

Com 24 anos era nomeado juiz do crime do Bairro da Ribeira, em Lisboa, e logo promovido a Desembargador de Agravos da Casa da Suplicação do Brasil. Em 1802, foi transferido para Goa como Desembargador da Relação e com exercício no cargo de Ouvidor de Macau, onde aportou em Junho de 1802. Mas Arriaga só tomou posse oficial nos primeiros dias de Janeiro do ano seguinte.

Dotado de grande argúcia e ambicioso de poder, Arriaga desembarca em Macau como em expedição de conquista pessoal. Macau não era um cargo, era para ele um reino

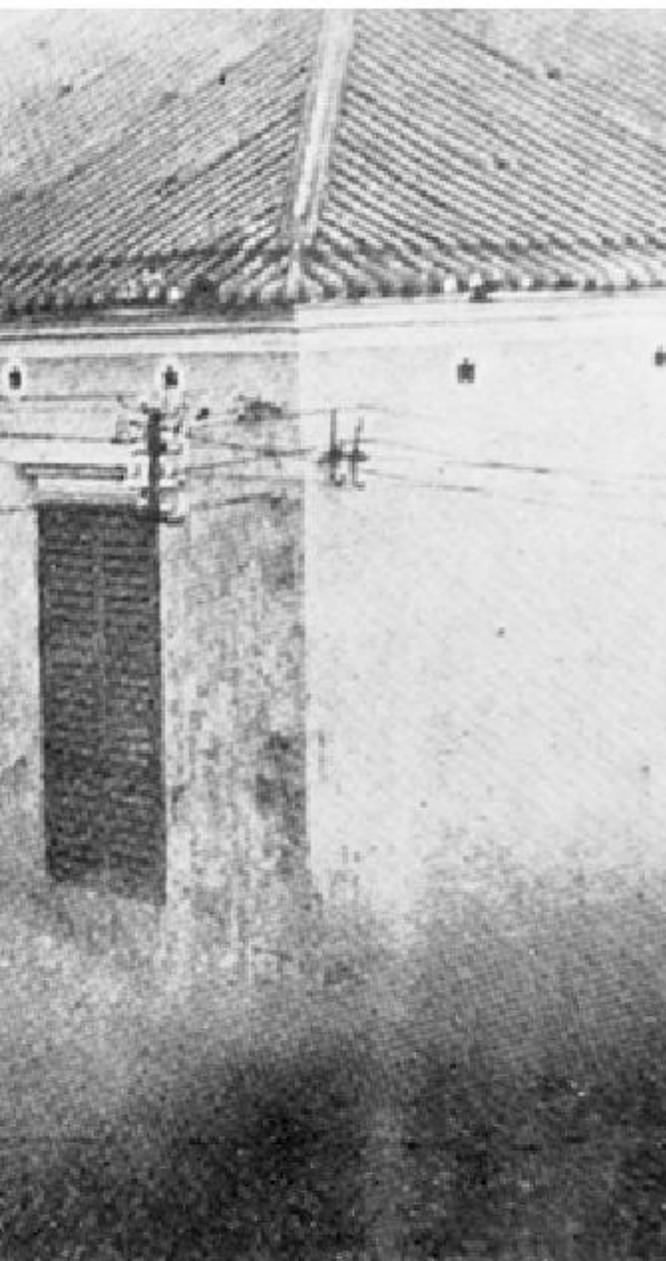
PERSONALIDADES HISTÓRICAS

a haver. Em Goa faz a sua preparação, colhe informações de Macau, inteira-se das movimentações, redes e operações dos comércios orientais, sobretudo do comércio do ópio de Bengala para a China, sob o controlo da Companhia Inglesa das Índias. Inteira-se do que é estar um território português em regime de soberania dividida, com a potência inglesa com a tropa lá aquartelada. Em Macau aprende chinês, avalia a relação de forças, traça o mapa do grande jogo do sistema na área. Está no auge o braço de ferro entre governo de Goa (a forçar ao cumprimento do regimento centralizador de D. Maria I) e a “excessiva” autonomia do Senado da Câmara, “inimigo de todos os governadores” no dizer de Lucas José de Alvarenga, logo de seguida nomeado governador.

Afere a sensibilidade de revolta de Macau contra as crescentes e humilhantes exações e exigências dos mandarins de Cantão. Analisa a teia dos interesses económicos em concorrência no grande Delta do Rio da Pérola, os seus agentes, as redes do comércio ilegal do ópio. Arriaga percebe que o cenário que tem à sua frente é o mapa da grande guerra da globalização, e que passa ali a fronteira da disputa pela supremacia mundial, em abertura de nova era política no cenário internacional, cuja chave é o comércio da China. Por outro lado, Arriaga presta atenção à transferência da Corte portuguesa para o Brasil: a ligação directa com a Corte,



- 1** Casa do Ouvidor Arriaga
- 2** Escadaria da casa do Ouvidor Arriaga
- 3** Jardim da casa do Ouvidor Arriaga



Nas terras do Oriente, sua personalidade respeitosa e dinâmica capacidade governativa deram-lhe logo fama. Fundou uma escola de pilotagem, uma fábrica de pólvora, um colégio para missionários, uma Casa de Seguros, criou um batalhão provincial de infantaria, mandou alguns chineses estudar em Coimbra e estimulou outros a matricularem seus filhos nessa mesma Universidade

contornando Goa, é libertação dos mecanismos controladores da burocracia imperial. Serão constantes as ofertas, dádivas e envios de dinheiros para uma corte falida, que Arriaga obtém dos possidentes armadores de Macau.

Na avaliação dos poderes locais, Arriaga sabe que o prumo passa pelo Senado da Câmara dominado pelos ricos e poderosos comerciantes locais; radiografa a teia dos poderes discretos e ocultos, as movimentações do comércio clandestino do ópio no grande delta, e a quem aproveitam. E avança: primeiro conseguindo permissão de Goa para o desembarque das cargas do ópio em Macau; depois aspirando ao monopólio deste comércio com impedimentos ao estabelecimento de estrangeiros em Macau; de seguida convencendo os mandarins da conveniência de facilitarem as operações do ópio português e dificultarem o estrangeiro (com as convincentes contrapartidas...). Ficavam assim (também) garantidos os interesses dos

grandes armadores de Macau, com o sogro de Arriaga à cabeça. E os do próprio Ouvidor. Mas foi neste campo que Macau e o Ouvidor experimentaram as grandes frustrações e derrotas.

DOIS PASSOS PARA A GLÓRIA

Grandes triunfadores revelam-se em grandes desafios e Arriaga foi favorecido pelo destino com duas situações a carácter com as potencialidades do seu génio político-diplomático. Dois espectáculos de luzes e sombras.

Um dos casos foi a sucessão de episódios da famosa vitória de pequena armada de Macau sobre o não menos famoso pirata Kam Pau Sai. Com o crescente afluxo de grupos de piratas do Vietname aos mares do sul da China a situação tornava-se insustentável e o governo de Macau foi intimado pelo Suntó de Cantão a participar em operações de combate com a marinha chinesa para acabar com a pirataria.

* Ao centro, o retrato do Ouvidor Arriaga na Sala dos Governadores de Macau, no edifício do Leal Senado



Contra a vontade e táctica política de Goa, Macau resolveu aderir, e em termos de empenhamento total, acima até das suas possibilidades financeiras. Da armada de seis navios armados, em cuja constituição foi grande a participação do Ouvidor, ficaram registos da especial responsabilidade de Arriaga no apresto de duas unidades e no recurso ao empréstimo de 480 mil taéis a dois comerciantes de Macau sob fiança pessoal. Deram-se dois encontros, um na baía de Tung Chung, ilha de Lantau, e logo de seguida outro na baía de Heong Shan. Ao cabo de combates dignos de filmes de Hollywood, os piratas renderam-se

entregando a Arriaga toda a esquadra composta por 280 embarcações, 16 mil homens, 5000 mulheres, 1200 peças de artilharia, 7000 espadas e lanças. O feito mereceu as mais exaltadas manifestações patrióticas em Macau, onde Arriaga foi cantado em ode triunfal pelo poeta Miranda Lima como os generais da antiguidade pelos poetas clássicos. Mas Macau viu baldarem-se quatro grandes expectativas: a armada chinesa acabou por não aparecer, os mandarins não pagaram a quantia prometida para os custos dos aprestos de guerra, a metade do espólio devida à parte portuguesa sumiu-se e quanto a reposição de antigas

regalias, nada. Envolta em mistério e suspeições a ida de Arriaga à Boca Tigre (disse que se deslocava em negócio particular) para encontro com Kam Pau Sai, donde terá resultado a não realização da rendição de armada pirata em Macau mas, por decisão de Kam Pau Sai, através da intermediação de Miguel de Arriaga. Assim Arriaga terá convencido os mandarins a perdoar os piratas (cortaram as cabeças a cerca de 14 para exemplo) e Kam Pau Sai foi elevado a mandarin e mais tarde a conselheiro de Estado. Poderemos concluir duas coisas: uma, que foi um



notável feito de armas, talvez a última grande façanha naval lusa; outra, o profundo embrenhamento de Arriaga no xadrez dos poderes regionais que o colocam no cerne das operações diplomáticas. Dois anos antes, em fins do Verão de 1808, uma armada inglesa sob comando do almirante Drury surge à Taipa para se estabelecer em Macau invocando o pretexto de protecção do porto, contra a ameaça da tomada do porto por uma esquadra francesa. Os ingleses já permaneciam há anos em Goa, e já tinham feito tentativa de “ocupação pacífica” de Macau na entrada do século. Era essencial para a grande operação comercial da

EIC (Companhia Inglesa) no extremo oriente um entreposto fixo e base de apoio.

O processo britânico, usado noutros lados com sucesso (África do Sul) era a transformação da continuidade em definitivo. Portugal, invadido por Napoleão, não tinha possibilidades de continuar a existir sem o auxílio da Inglaterra.

A corte fugira para o Brasil. Aos mandarins de Cantão não desagradaria o estabelecimento britânico em Macau, porque o aumento das receitas do comércio também os favoreceria. Do vice-rei de Goa chegavam instruções e recomendações de bom acolhimento às forças britânicas.

O Governo de Macau vai temporizando e resistindo, tentando chamar a atenção de Drury e seus oficiais para o especial estatuto de Macau, que não é terra portuguesa mas do Imperador, e que não é exclusiva a soberania lusa em Macau.

Em carta, Arriaga tenta demover Drury a persistir. O almirante queixa-se da resistência e obstrução do Senado, e vai fazendo mais exigências. E começa nas ruas a resistência à presença da tropa inglesa: em crescendo, a população chinesa manifesta o seu repúdio à sua presença dentro de Macau. E estamos a ver Arriaga a mover os fios de uma manobra de bastidores. Ao Senado chega uma carta do mandarim de Heong Chan recomendando (ou ordenando?) que o novo governador (Lucas José de Alvarenga) não deverá tomar

posse, por inexperiência e desconhecimento dos assuntos de Macau num momento tão complicado, ainda por cima depois de ter chegado a Macau num navio inglês. Quem, se não Arriaga, teria dado estas informações e recados ao mandarim?

O crescendo das hostilidades da população, quem o programou e administrou, sabendo –se que a “espontaneidade” das populações tradicionais chinesas sempre é desencadeada e orquestrada pelo líder da comunidade em ligação com os “cabeças de rua”? Que mão misteriosa terá escrito relatório da situação em Macau e o terá feito chegar ao Imperador em Pequim através do “pai dos estrangeiros” (o bispo português de Pequim)? Com o corte quase total dos abastecimentos, Drury parte para Cantão para falar com o Suntó, e perde a cabeça.

A 30 de Novembro chega o decreto do Imperador a intimar a imediata retirada inglesa, que o Suntó faz chegar a Drury. Consta a ameaça da marcha de 80 mil soldados chineses sobre Macau, o que também era desastroso para o estatuto português. A 11 de Dezembro assina-se em Macau uma convenção entre representantes britânicos e portugueses, donde resultou a decisão da retirada britânica e a nomeação de Arriaga para ir negociar com o Suntó os termos do acordo, cujo ponto principal era a retirada total inglesa de Macau continuando o comércio britânico a fazer-se nos moldes anteriores. Arriaga, a 12 de Dezembro,

parte para a Boca Tigre num brigue português onde induziu o Suntó à concordância. Três dias depois, último do seu mandato, o governador Lemos Faria escreve a Arriaga elogiando-lhe o “talento e o préstimo”, “o incansável trabalho e o desvelo com que além dos ordinários limites da presente possibilidade” conseguiu “acalmar a cruel revolução que estava ameaçando em total dano da nação”. De facto, é de se lhe tirar o chapéu.

DAR AO PAÍS UM NOVO TOM

Com alguns acidentes graves no percurso (como a sua prisão e fuga para o pobre exílio em Cantão devido à perseguição da facção liberal triunfante) Arriaga tem o recorde de permanência no poder em Macau, durante 23 anos. E aqui teve acção notável nas coisas da política corrente, que lhe valeram em testemunhos vários os contornos de quase heroicidade.

Na ajuda que prestava a vítimas de tufões e de incêndios (onde despia a toga para participar em salvamentos), no acolhimento a desfavorecidos (“por isso que a sua casa era *asylo* de todos os malfadados”), na promoção da acção, distribuindo arroz a famílias pobres, concedendo mesadas ao albergue das viúvas e pobres, no gesto da inoculação por ele mesmo, em sua casa, da vacina de Jenner, cuja introdução na China ficou para sempre registada na erradicação da varíola. Obtém



a autorização para a instalação de uma “pequena imprensa” no Colégio de S. José, para apoio à “difícilima tarefa da sínica língua”, do grande sinólogo Joaquim Afonso Gonçalves.

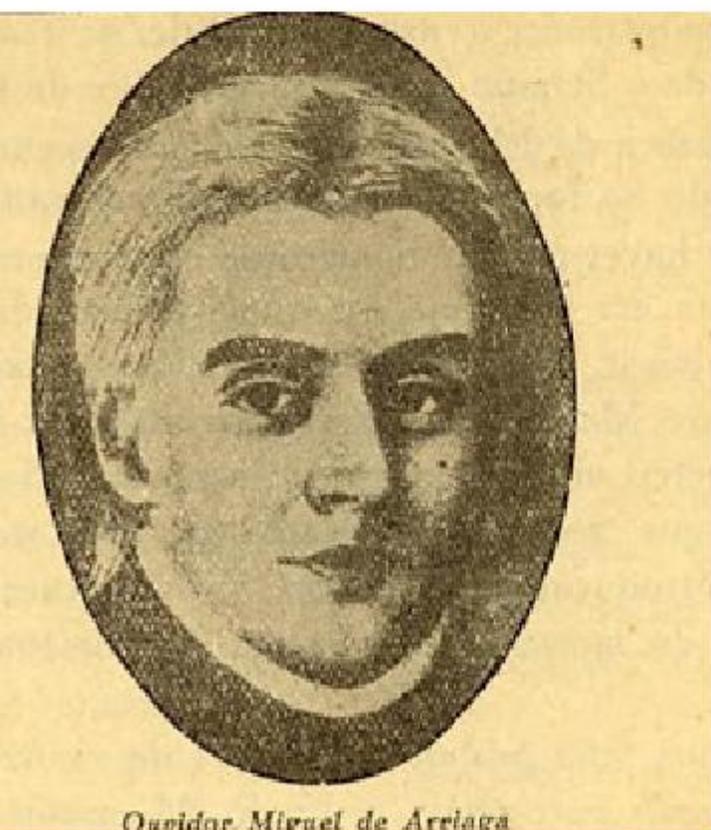
Mas é na educação que a sua acção melhor ilustra o seu espírito iluminista e sentido de investimento no futuro. Ele foi o fundador das bolsas de estudos “todas sustentadas pelo Leal Senado”, com envio de estudantes para Coimbra, portugueses e chineses, para estudarem Medicina (“para virem aproveitar as plantas e minerais do seu país”). Também para estudos de Matemática e Geometria, “com vistas numa eventual escola náutica” para fazer pilotos “com exame e aprovação na Academia de Lisboa”. Aspira a restaurar os Estudos Gerais universitários no Colégio de S. José. Ele privilegia alunos pobres que se distingam nas escolas

em Macau, no envio para a Universidade de Coimbra e colégios particulares de Lisboa para “promover as luzes e estudos”.

No seu processo de defesa ao Senado assume que foi “no seu tempo que mais tem progredido a educação”, estando 50 educandos no Colégio de S. José onde convinha formar o Geral dos Estudos”. Na apresentação do seu projecto educativo ao Ministro e Secretário de Estado resume Arriaga: “as minhas vistas são dar a este país novo tom”. Grandes vistas.

ESTRATÉGIA GLOBAL

Em 1892, um grande negociante chinês explicava num jornal de Macau as causas do declínio económico da cidade: “Macau não possui um estabelecimento bancário, nem uma casa de seguro marítimo, nem sequer o acesso fácil de porto para embarcações



Ouvidor Miguel de Arriaga

Diplomaticamente, apaziguou litígios entre Inglaterra e China e marcou definitivamente sua presença na história de Macau com o episódio da queda da pirataria chinesa do século XIX. Naquele tempo quando se fazia da pirataria modalidade de vida, Kam Pau Sai, o Tigre dos Mares, aterrorizava o Mar da China

grandes (...)”. Arriaga, 80 anos antes já tinha essa leitura e estimulava iniciativas para servir aos novos tempos e tendências e exigências das novas operações comerciais. De Macau, fizera a proposta para se fazer aqui cunhagem de moeda com a prata da região.

Observando a crescente globalização dos sistemas do comércio, Arriaga planeia a recuperação dos antigos entrepostos comerciais portugueses em toda a geografia oriental. É ele o grande responsável pelo reatamento das relações com o Sião e pela concessão do terreno onde ficou instalado o consulado português na Tailândia.

Com a animação do Brasil depois da instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, Arriaga promove a navegação de Macau para o Atlântico, fazendo a articulação destas peças num

projecto de saltar da escala pan-asiática para a escala global. E traceja no mapa um novo roteiro revolucionário: a recuperação de feitoria no Achem, então entreposto para a comercialização no Oriente e China das cargas do ópio produzido nos campos da ilha de Porto Santo e Madeira. Seria a quebra do domínio monopolizante da Companhia Inglesa, e, mais do que isso, o redesenhar de novas linhas portuguesas no mapa mundial das relações comerciais. De um pequeno porto no cabo do império, Arriaga vê e sonha e quer, “além dos ordinários limites da presente possibilidade”... só que para tanto não tem o poder. É uma águia num parque zoológico engradado.

Mas à escala de Macau foi um rei. Cognominaram-no o “Pombal de Macau”. Uma carta do Senado para o Governador Geral da Índia descreve-o assim: “Parece

incrível (...) quando a Corte estava no Rio de Janeiro, um Ouvidor fazer a guerra e conceder a paz, entabolar negociações e fazer tratados comerciais, aliar-se com reis e príncipes, criar um título, dar mercês e condecorações honoríficas, depor um governador (...)”. E, nas palavras de um escritor: “Era um espécie de pequeno rei”. Miguel de Arriaga Brum da Silveira morreu às 18 horas do dia 13 de Dezembro de 1824, minado de desgostos. Na carta em que comunica o seu falecimento, o governo de Macau realça e louva “a dexteridade e hábil manejo dos Negócios Políticos que o dito Conselheiro com tanta glória da nação (...) exercitou nesta cidade (...) ainda mesmo no tempo da sua penúria em Cantão”. Arriaga tem nome em três topónimos desta cidade e retrato na galeria dos governadores de Macau, ele que o foi sem o ser. ●

NA MANSÃO DO PRÍNCIPE GONG

A sudoeste da pitoresca zona de Shichahai em Pequim, há uma longa e tranquila rua encoberta por árvores, onde se localiza o *Gongwangfu*. Trata-se do conjunto melhor preservado de casas de príncipes da dinastia Qing. As obras de reparação levaram 31 meses e custaram cerca de 200 milhões de yuans. São mais de 230 anos de história a explorar

Texto **António Graça de Abreu**



Nos meus primeiros quatro anos de vida em Pequim, de 1977 a 1981, tive uma bicicleta a pedal, grande, verde, pesadona mas funcional. Tal como os seis milhões de chineses então habitantes do burgo, contava com duas excelentes rodas para pedalar por dentro da imensa, e na altura calma, capital da China. Entrava no infundável pelotão de velocípedes – em 1978 existiam três milhões de bicicletas em Pequim -, e deixava-me rolar na companhia dessa vasta mole humana que dia e noite circulava por dez mil ruas e avenidas.

Deixava Haidian, o grande bairro da cidade onde então vivia, e partia à descoberta dos lugares de que ainda hoje mais gosto, a velhíssima Pequim, os becos, as ruelas compridas entre os *houtong*, os vetustos quarteirões de casas baixas com pátios quadrados no interior e muros cinzentos a tudo rodear. No final dos anos 1970 começavam a surgir, timidamente, os primeiros arranha-céus que mudariam o horizonte da capital mas estes bairros, os *houtong* mantinham – mantêm, por bem, até hoje, pese embora alguma destruição - toda a cor dos séculos, a pequena

arquitectura, os cheiros, os quotidianos da Pequim imperial das dinastias Ming e Qing (1368 a 1911), como pude comprovar uma vez mais no Verão de 2011. Na parte norte da capital, na cidade tártara ou manchu onde os carros não entravam, nem entram, havia sempre recantos a descobrir. Eram as vielas em redor do Gulou, as torres do Tambor e do Sino, os Shichahai, os pequenos lagos a norte do parque Beihai onde então, no Verão de 1980, a gente dos *houtong* fazia praia e tomava banho, e que hoje se encontram rodeados de restaurantes, discotecas e de animada vida nocturna.



Por detrás dos muros altos, bordejando as ruas pequenas, adivinhavam-se residências de gente importante do Partido Comunista, Guo Moruo, o intelectual famoso, Soong Qiling, a viúva de Sun Yat-sen, Hua Guofeng, o breve sucessor de Mao Zedong, afastado do poder por Deng Xiaoping.

Apercebi-me nessa altura da existência, logo ali quase na margem dos lagos, da grande mansão do príncipe Gong e fixei o lugar. Estava fechada, durante a Revolução Cultural foi parcialmente aproveitada para fábrica de aparelhos de ar condicionado.

Não era possível visitá-la mas adivinhavam-se grandes obras para breve e lá dentro sabia-se da existência de mil maravilhas. Com as aberturas registadas na sociedade chinesa, com o fim da catalogação pejorativa de muitos monumentos antigos até então associados a um passado considerado reaccionário e feudal, a mansão do príncipe Gong acabou por ser impecavelmente reconstruída e restaurada.

A DESCOBERTA

Numa noite de Verão de 1995 - longe iam os

tempos da minha bicicleta pedalando pelo meio dos *houtong* -, o programa era ópera de Pequim a ter lugar exactamente no teatrinho de finais do século XVIII da mansão do príncipe Gong. Que fascínios! Os tons verdes, creme, dourados e rubros da decoração dos espaços interiores, as lanternas, a música estridente e sincopada, o canto, a voz de falsete dos actores, as máscaras, as pinturas, os trajes coloridos de seda e brocado, os saltos acrobáticos, e três excertos de óperas, as aventuras de Sun Wukong, o macaco que provocava distúrbios no



O conjunto arquitectónico foi construído com a distribuição padronizada e a fineza na tecnologia combinando o estilo nobre da casa real e os gostos populares. Divide-se em habitações e jardim numa área de cerca de 330 metros norte-sul e cerca de 180 metros leste-oeste com uma superfície total de mais de 60 mil metros quadrados. Actualmente, uma área de cerca de 30 mil metros quadrados está aberta ao público



céu, a formosa menina da Bracelete de Jade, e a Fada das Flores salpicando a terra com pétalas. Do outro lado do teatro, junto ao lago e aos pavilhões havia holofotes, gruas, câmaras de cinema suspensas no ar e sobre tripés. Toda uma equipa de produção e realização de cinema trabalhava, filmando, com actores impecavelmente maquilhados e vestidos ao modo do século XVIII. O cenário natural era magnífico, o lago bordado a folhas e flores de lótus, as rochas perfuradas, os corredores de madeira pintada, os jardins

debruados a bambu, o Pátio das Peónias, o pavilhão da Neve Perfumada. Mais um extravagante jogo de luzes e de sombras. Eu saltitava entre a ópera de Pequim e o cinema, as filmagens, com os actores, de um e de outro lado, reinventando magia em cenários falsos e reais. Solitário entre os encantos da ópera e as fantasias do cinema, passei-me depois sereno pela mansão do príncipe Gong. A lua a faiscar no céu e o teatro do mundo, aqui, no meu ser sensível, e diante dos olhos. Uma saudação ao príncipe. Em breve, pelos caminhos do

nada, pelos atalhos do Céu, viajarei ao seu encontro. Mas afinal quem foi o príncipe Gong? Sexto filho do imperador Dao Guang (1782-1850), nasceu em Pequim, no actual Palácio de Verão no ano de 1832. Inteligente, estudioso e determinado, irmão do imperador Xian Feng, sucessor de Dao Guang, estavam-lhe destinados importantes cargos governativos. Desempenhou, a partir de 1861, um posto algo semelhante ao de ministro dos Negócios Estrangeiros e, até morrer em 1898, era tido como um dos mais hábeis negociadores e governantes do império.

O GRANDE SECRETÁRIO

A sua mansão, em Pequim, tem uma longa história, que começa em He Shen, o *gelao*, o grande secretário imperial que em 1777, nos finais do reinado do imperador Qianlong (1736-1796), a mandou construir. He Shen, primeiro proprietário deste esplendoroso palácio, é uma



das figuras mais curiosas da história moderna do Império do Meio. Em 1775, Qianlong havia descoberto entre os pequenos oficiais da sua guarda pessoal o jovem He Shen, então com 25 anos. O imperador perfazia 75 anos. Uma paixão súbita inflamou o coração ainda pujante do soberano chinês. Qianlong adivinhou em He Shen uma reencarnação da primeira mulher que partilhara o seu leito, uma concubina de seu pai chamada Xiangfei, a Concubina Perfumada, que decidira iniciar o rapaz nos segredos de alcova, conceder excelsos prazeres ao filho mais simpático e brilhante do imperador Yongzheng. Descoberta a relação incestuosa - o jovem Qianlong tinha por amante

uma concubina que pertencia ao pai -, a imperatriz-mãe sugeriu a Xiangfei que se suicidasse. Dias depois a bela concubina enforcava-se com um laço de seda.

Qianlong jamais esqueceu a companheira da sua adolescência que lhe desvendara, pela primeira vez, sublimes carícias. Reencontrava-a agora reencarnada na figura de He Shen.

Rapidamente o oficial da guarda imperial foi promovido a general das tropas manchus, comandante da guarnição de Pequim, ministro dos Assuntos Cívicos, vice-ministro das Finanças com a responsabilidade de controlar as taxas e impostos a pagar por muitas das mercadorias que circulavam

no império. Logo depois era *gela*, um dos quatro grandes secretários, na prática política quotidiana a desempenhar funções de primeiro-ministro. Como costuma acontecer nestas situações, o relacionamento sexual entre o imperador e o favorito sempre careceu de comprovação, mas era voz comum na época e tem sido referido por quase todos os historiadores chineses e ocidentais. Nos últimos 15 anos de vida de Qianlong, com o velho soberano debilitado pela avançada idade, He Shen tornou-se, mais do que “os olhos e ouvidos” do imperador, o verdadeiro centro do poder.

Venal, corrupto e desonesto, He Shen era senhor de uma fortuna fabulosa que

A mansão é um lugar com um bom *feng shui*, associado à boa sorte e à fortuna. Lá dentro existe um pequeno lago com forma de morcego e também um pavilhão do Morcego. Ora morcego em chinês diz-se *fú*蝠 que é homófono de *fú*福, que significa “felicidade, fortuna”

ultrapassava a do erário imperial. Durante 25 anos, a gestão dos negócios da corte, as promoções, as nomeações para os cargos mais importantes do aparelho de Estado, a gestão dos exércitos haviam passado pelas mãos e pela cabeça do grande secretário. E tudo tinha um preço, elevado. Foi com esse dinheiro que He Shen, logo nos primeiros anos de poder, mandou construir o seu sumptuoso palácio, hoje conhecido apenas como mansão do príncipe Gong. O imperador Qianlong faleceu a 7 de Fevereiro de 1799. Cinco dias depois da morte do pai, o imperador Jia Qing mandou prender He Shen. “Benevolente e justo”, considerando que o império estava de luto, concedeu ao

grande secretário o especial privilégio de se suicidar. Toda a corte sabia que o crime de alta traição de que He Shen era acusado tinha a ver com o facto de o favorito do falecido monarca haver acumulado uma enorme fortuna, dinheiro que o imperador precisava agora para si e para revigorar a economia. Não por acaso, nesta altura foi inventado um oportuno e esclarecedor trocadilho *He Shen die dao, Jia Qing chi bao*, isto é, “He Shen cai, Jia Qing enche-se.”

RIQUEZA EXUBERANTE

É difícil imaginar o que são 60 milhões de onças de prata, 27 milhões de onças de ouro, 9 mil ceptros em ouro pesando cada um quarenta e oito onças, 3900 ceptros em jade, 18 estátuas de discípulos de Buda em ouro maciço, um serviço de mesa em ouro com 4283 peças, 144 sofás decorados a ouro e laca, 744 rubis, 4283 safiras, 10 árvores de coral, 140 relógios de ouro, 38 relógios de parede europeus cobertos de pedras preciosas, 1907 peles de raposa, 67 mil outras peles, 28 mil peças de joalharia de diferentes dimensões, etc., etc. São alguns dos números recenseados após a prisão de He Shen, no primeiro inventário feito aos seus bens. He Shen possuía tudo isto e muito mais, uma fortuna avaliada em 900 milhões de taéis. Cada tael são 37,5 gramas de prata. A riqueza colossal de He Shen corresponde a uma imagem

depurada da abastança, luxo e privilégios dos grandes do império. Entendê-la-emos melhor se considerarmos a quase miséria em que vivia a esmagadora maioria do povo, se pensarmos no mundo chinês - para citar Fernand Braudel - como “uma sociedade onde a pobreza era latente, omnipresente.” Hoje quem se lembra de He Shen, ou sabe sequer da sua existência quando visita a mansão do príncipe Gong? Eu próprio só há meia dúzia de anos soube mais sobre a história deste excelente palácio. Tenho, no entanto, comprovado que é um lugar com um bom *feng shui*, associado à boa sorte e à fortuna. Lá dentro existe um pequeno lago com forma de morcego e também um pavilhão do Morcego. Ora morcego em chinês diz-se *fú*蝠 que é homófono de *fú*福, que significa “felicidade, fortuna”. Na mansão do príncipe Gong, no pavilhão do Morcego, no antigo palácio do riquíssimo He Shen vendem-se bem cópias do ideograma *fú*福, na caligrafia da imperador Kangxi (1654-1722). Mas eu gosto mais do conjunto de pavilhões, telhados de porcelana, torreões, corredores, varandins, balaustradas, escadarias de mármore, pátios, jardins, pontes, lagos, árvores e flores, da harmonia dos espaços, gosto mais da mansão do príncipe Gong quase vazia, da serena solenidade do lugar. ●

O LEAL SENADO DE MACAU (1784-1874)

A CIDADE NUM EDIFÍCIO



TIAGO QUADROS

Arquitecto



MARGARIDA SARAIVA

Investigadora,
curadora e educadora

Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



O Leal Senado foi fundado no ano de 1582-83 por uma assembleia de moradores, convocada por iniciativa de D. Melchior Carneiro, e que escolheu para sua administração a forma senatorial baseada nas franquias municipais outorgadas pelo Rei a algumas cidades em Portugal. No ano seguinte foi adoptado o nome de “Senado da Câmara”, sendo composto por dois juizes ordinários, três vereadores e um procurador da cidade, todos escolhidos anualmente por eleição popular. Em Abril de 1586, o



Vice-Rei da Índia – D. Duarte de Meneses –, autorizou o Conselho Municipal de Macau a eleger os seus oficiais por um triênio, mantendo a composição original e sendo o procurador da cidade – representante da mesma junto das autoridades chinesas.

O senado possuía amplos poderes políticos, judiciais e administrativos. Os juizes ordinários decidiam as causas civis. Quando se tratasse de negócios extraordinários reunia-se o Concelho Geral Composto pelo Governador do Bispado, pelos Superiores das Ordens Religiosas e

cidadãos principais¹. Em 1595 foram-lhe concedidos os mesmos privilégios que à cidade de Évora. O imperador Wan Li (1573-1620) aprovou também o regime municipal, outorgando ao procurador o grau de mandarim.

Quando em 1623, D. Francisco Mascarenhas foi nomeado o primeiro Capitão Geral de Macau, este e os seus sucessores exerceriam apenas poderes militares sobre as fortalezas e a tropa. Quem continuou a governar Macau foi o Senado até Janeiro de 1834, data na qual foi publicada a “Nova Reforma Administrativa

Colonial”. Até então nunca tinha havido presidente, sendo as sessões e os Conselhos Gerais presididos por um vereador, em cada mês, *por rotatividade*².

Quanto ao primitivo edifício não existem provas materiais relativas à sua localização.

¹ TEIXEIRA, Manuel (1980). *A Voz das Pedras de Macau*, Macau: Imprensa Nacional, p. 38.

² *Ibidem.*

ARQUITECTURA

Tudo leva a crer que se situasse no centro da cidade, exactamente no local onde hoje se ergue o edifício dos Assuntos Cívicos e Municipais. A mais antiga representação do edifício é uma gravura chinesa incluída na *Ou Mun Kei Leok*, uma monografia sobre Macau, publicada em 1751, da autoria de dois magistrados chineses, Tcheong Ulam e Ian-Kuong-lam, que se deslocavam frequentemente a Macau no exercício das suas funções. A gravura em questão representa um pavilhão completamente diferente do edifício que existe actualmente. A imagem mostra uma estrutura simples, cuja entrada se fazia por uma pequena escada conduzindo a um pórtico e finalmente ao edifício. Toda a área

pertencente ao Senado estava vedada por um muro e o acesso fazia-se por um portão. Segundo testemunha Luís Gonzaga Gomes, “o risco actual do edifício data de 1783, pois como se verifica um documento que se encontra nos arquivos do Senado, em 6 de Dezembro desse ano, o Juiz-Sindicante, Joaquim José Machado da Cunha, oficiara, remetendo a planta da reconstrução dos Paços do Concelho e da Cadeia, que lhe estava anexa, e comunicando ter ajustado com o senhorio a compra das casas e do terreno necessários para esse fim.” Desta passagem se depreende que para além da recuperação do edifício, ele foi igualmente ampliado. As obras foram aprovadas em 25 de Abril

de 1784 por D. Frederico Guilherme de Souza: “Aprovo o acordo que o Senado da Câmara tomou conforme o parecer do Desembargador Juiz Sindicante Joaquim José Machado da Cunha para fazer cazas de cadeya, e se reedificar a casa do Despacho, e mais oficinas do Senado na forma do risco que me apresentou o dito Desembargador sindicante” (Goa, 25 de Abril de 1784). O projecto da reedificação e ampliação do Edifício do Leal Senado é da autoria do Padre Frei Patrício de São José. Desta época, conhecem-se ainda alguns relatos do edifício, entre os quais se destacam os de George Staunton (1792-1794) e de Andrew Ljungstedt (1836). George Staunton refere que

A mais antiga representação do edifício é uma gravura chinesa incluída na *Ou Mun Kei Leok*, uma monografia sobre Macau, publicada em 1751, da autoria de dois magistrados chineses, Tcheong Ulam e Ian-Kuong-lam, que se deslocavam frequentemente a Macau no exercício das suas funções



o edifício era construído “em granito e com dois andares” e que tinha “várias colunas do mesmo material, com caracteres chineses gravados, representando uma solene cedência do local por parte do imperador da China”. O testemunho de Andrew Ljungstedt (1836) é ligeiramente mais detalhado: “o edifício público onde se reúne o governo tem a designação de casa da Câmara. Trata-se de um edifício de dois andares, com base de granito, sendo o resto de tijolo e cal, tal como as colunas (...). O entablamento assenta em colunas e a cornija é ornamentada com vasos verdes de louça vidrada. Este espaçoso edifício foi construído em 1784 (...). Possui uma capela

O projecto da reedificação e ampliação do Edifício do Leal Senado é da autoria do Padre Frei Patrício de São José. Desta época, conhecem-se ainda alguns relatos do edifício, entre os quais se destacam os de George Staunton (1792-1794) e de Andrew Ljungstedt (1836)





consagrada a Nossa Senhora da Conceição, onde os membros do Senado assistem à missa antes das sessões de trabalho”. Para além destes relatos, há ainda uma gravura de George Chinnery que data de cerca de 1830. A gravura do artista britânico reveste-se de particular valor histórico e permite-nos verificar que em 1830 o edifício tinha aproximadamente a mesma volumetria que o edifício tal como o conhecemos hoje. O tufão de 1874 teve consequências devastadoras em muitos dos edifícios da cidade, entre os quais o edifício dos Paços do Concelho. O edifício do Leal Senado “soffreu estragos nos telhados, nas paredes, portas e janellas; porém não foram elles tão grandes como era d’esperar do seu estado de ruína, o que prova não ter o tufão exercido sobre elle a mesma acção destruidora que exerceu sobre outros edifícios”. Contudo, o estado em que ficou o edifício impôs a sua recuperação. A

13 de Setembro de 1875, o secretário da Junta da Fazenda de Macau e Timor enviava ao Governador o projecto e orçamento de reconstrução da fachada principal do edifício do Leal Senado. A memória descritiva do projecto refere: “O projecto que acompanha este orçamento mostra na maior parte os detalhes dos trabalhos que é preciso executar para a construção da fachada principal do Edifício do Leal Senado. Toda a fachada do antigo edifício é construída de novo, não só por carecer confiança em relação à sua estabilidade e segurança, como por não se adaptar ao estilo da arquitectura adoptado no novo projecto”. Assim se assumia claramente a adopção de um novo estilo arquitectónico. De acordo com o autor da memória descritiva era também necessário “(...) demolir e reconstruir de novo três muros de divisão interior transversais”. A fachada “que tem 43 metros de comprimento e 14 de altura

HISTÓRIA

1583

Construção do edifício primitivo

1784

Construção do novo edifício com projecto atribuído a Frei Patrício de São José

1816

Reedificação do edifício

1874

Obras realizadas após as destruições causadas pelo grande tufão de 1874. É nesta altura conferida à frontaria a sua imagem actual, num sóbrio estilo neoclássico

1939

Restauro e solidificação da fachada com projecto do Engenheiro Valente de Carvalho

é dividida em três corpos de igual comprimento, sendo do meio coroado por um frontão e com uma pequena saliência sobre os laterais (...).”

Em finais de Fevereiro de 1887, verificou-se a derrocada da cobertura do edifício do Leal Senado. A planta datada de 1887, parte integrante do projecto de reconstrução da cobertura do edifício, permite-nos visualizar, com rigor e pela primeira vez, a divisão interna do espaço. No rés-do-chão situava-se: o vestíbulo principal, a secretaria das Obras Públicas, a prisão n. 8, o pátio da cadeia, uma arrecadação, o pátio, a cozinha, o quarto dos serventes e o gabinete do Director das Obras Públicas.

O Tribunal Judicial também ocupou as instalações do Leal Senado no decurso da década de 1940. Ainda hoje há nas paredes do edifício vestígios desta multifuncionalidade

No primeiro piso estavam localizados a Administração do Concelho, uma sala de entrada, a sala das sessões, uma Capela, a secretaria da Câmara, dependências do Senado, o Museu Municipal, a prisão de Europeus e o pátio da cadeia. No interior do edifício do Leal Senado existiam dois pátios: um pátio principal que pertencia ao corpo central do edifício e um pequeno pátio que servia os presos da cadeia, que, como já referimos, tinha as suas instalações no mesmo edifício. É muito provável que o edifício tenha crescido por justaposição paralela de construções, seguindo a tradição chinesa, como refere o Arquitecto Francisco Vizeu



Pinheiro no seu artigo “Using a comparative graphic method in the analysis of the evolution of the Macao Senate”³, dada a espessura das paredes paralelas que dividem o corpo da frente, do corpo central e do tardo. Torna-se evidente que, ao longo da sua história, o edifício do Leal Senado foi sendo utilizado para fins diversos. De acordo com um dos primeiros documentos citados neste texto, em 1783/84, o edifício albergava a Casa dos Despachos, a Cadeia, Dependências e Oficinas do Senado. Em 1887, e como já referimos, o edifício tinha o primeiro andar destinado à Secretaria das Obras Públicas, ao Gabinete do Director das Obras Públicas e à Prisão n. 8, entre outros serviços, e o segundo andar ocupado com a Administração do Concelho, a Secretaria da Câmara, o Museu Municipal e a Prisão de Europeus, entre outros serviços. Relatos mais tardios, de cerca de 1898, referem que o edifício tinha “um salão nobre que ocupa quasi todo a parte da frente do edifício onde o Leal Senado faz semanalmente as suas sessões” e “uma capella dedicada a Santa Catharina de Senna, patrona de Macau, e que outr’ora servia para os presos ouvirem missa nos dias de guarda,

por isso que a cadeia civil fica contigua e comunicava interiormente com o edificio, de que estamos tratando. No andar inferior, fica à direita o posto medico-estatístico, e à esquerda, o posto municipal, a que está anexo o depósito do material de desinfecção”. Durante muitos anos o edificio compartilhou o seu espaço com outros Serviços da Administração e conheceu múltiplas utilizações. Para além das instituições já mencionadas, também ali funcionou uma estação dos correios, até 1931, data da inauguração do actual edificio dos Correios. O Tribunal Judicial também ocupou as instalações do Leal Senado no decurso da década de 1940. Ainda hoje há nas paredes do edificio vestígios desta multifuncionalidade. A razão pela qual o Leal Senado apresenta nas suas paredes “diversas pedras com valor histórico” descobertas em diferentes locais da cidade

fica a dever-se ao facto de ali ter estado instalado o Museu Municipal, como pode ser comprovado na planta de 1887. Actualmente, o edificio do Leal Senado é totalmente ocupado pelos serviços do Instituto dos Assuntos Cívicos e Municipais. A sua fachada, que se mantém praticamente inalterada desde a última transformação na década de 40, reconhece-se lisa, sem reentrâncias nem saliências substanciais. O edificio mantém a sua composição em dois pisos, pelo menos desde 1830. No interior do edificio destacam-se a bela escadaria que dá acesso ao jardim interior, o salão nobre e uma biblioteca, cujo projectista pretendeu evocar a Casa da Livraria joanina da Universidade de Coimbra. De todas as construções civis da cidade de Macau, é no antigo edificio do Leal Senado que mais se reconhece a vida da cidade. A cidade num edificio – o Leal Senado de Macau. ●

³ VIZEU PINHEIRO, Francisco (Julho 2005). “Using a comparative graphic method in the analysis of the evolution of the Macao Senate” *in* Journal of Asian Architecture and Building Engineering – vol. 4, n. 1.



FONTES DOCUMENTAIS

“Relatório dos Estragos que soffreram as edificações públicas de Macau, causados pelo tufão que teve lugar no mez de Setembro de 1874, acompanhado da cifra quanto possível aproximada, da quantia precisa aproximada para por tudo no seu anterior estado”, por Francisco Jerónimo Luna, Coronel de Engenharia do Exército de Portugal, *in* Boletim da Província de Macau e Timor de 30 de Janeiro de 1875.

Memória Descritiva do projecto de reconstrução da fachada do edifício do Leal Senado, 30 de Outubro de 1875.

Memória Justificativa e Descritiva da Reparação do Edifício do Leal Senado, 22 de Agosto de 1887, assinada pelo Director das Obras Públicas, José de Sousa Horta e Costa.

“Relatório do estado dos edificios públicos de 1886 e 1887”, por José de Sousa Horta e Costa, Director das Obras Públicas, *in* Boletim da Província de Macau e Timor de 3 de Novembro de 1887.

Orçamento e Licença de Obras de Reparação do edifício do Leal Senado, 1887.

Diário do Governo n. 202, 1ª Série de 30 de Agosto de 1937.

BIBLIOGRAFIA

AAVV (Julho 2005). “Macau Património Mundial” *in* *Revista Cultura* – n. 15, Macau, pp. 6-59.

BASTOS, António (20 de Maio de 1898). “Jornal Único”, editado em celebração do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia.

BELTRÃO COELHO, Rogério (1995). *Leal Senado: esboço de um edificio*, Macau: Leal Senado.

BURNAY, Diogo (1994). *Modern Architecture in Macau. Architecture, modernism and colonialism in Macau*, Londres: The Bartlett, University College London: Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à University College London.

GONZAGA GOMES, Luís (Dezembro 1950). “Macau Património Mundial” *in* *Mosaico* (órgão do “Círculo Cultural de Macau”), Vol. I.

LJUNGSTEDT, Sir Andrew (1836). “An Historical Sketch of the Portuguese Settlements in China and of the Roman Catholic Church and Mission in China”, Boston.

MATTOSO, José (2010). *Património de Origem Portuguesa no Mundo – Ásia, Oceânia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SAUNTON, Sir George (1797). “An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China”, Londres.

TEIXEIRA, Manuel (1980). *As Vozes das Pedras*, Macau: Imprensa Nacional.

VIZEU PINHEIRO, Francisco (Julho 2005). “Using a comparative graphic method in the analysis of the evolution of the Macao Senate” *in* *Journal of Asian Architecture and Building Engineering* – Vol. 4, n. 1.

WONG SHIU KWAN (Julho 2005). “Macau Architecture – An Integrate of Chinese and Portuguese influences” *in* *Separata do Boletim do Instituto Luís de Camões* – Vol. IV, n. 2 e 3.



A UNIÃO ATRAVÉS DA MODA

Nuno Baltazar, que mora actualmente no Porto, e Clara Brito, residente em Macau há mais de uma década, juntaram-se para uma exposição na Galeria de Moda de Macau onde mostram pedaços de duas carreiras que apenas têm em comum alguma portugalidade

Texto **Luciana Leitão** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**



ÁTRIO

O *designer* de moda Nuno Baltazar trouxe peças que retratam um amor pela capital portuguesa, enquanto Clara Brito escolheu roupas sintomáticas da sua paixão pelos tecidos orientais. Os trabalhos dos dois criativos estão patentes numa exposição conjunta intitulada “De Lisboa a Macau... uma Viagem de Moda”, que se prolonga até ao dia 5 de Janeiro na Galeria de Moda de Macau. Para a estreia no território, Nuno Baltazar trouxe trechos de 30 colecções apresentadas nos últimos 15 anos da carreira. Procurou trazer alguma “unidade” e, por isso, escolheu peças que ilustrassem Lisboa. “Achei que fazia sentido procurar dentro do meu trabalho algo que fosse recorrente. Percebi que essa linha comum é talvez Lisboa e a forma como vejo Lisboa num prisma feminino, como se fosse uma mulher”, explica.

Por isso, as sete peças de Nuno Baltazar correspondem a “um guarda-roupa para esse filme sobre Lisboa”, mostrando algo do “dramatismo” da capital e a “sua influência na noite e no fado e nessa portugalidade”. As peças em exposição pertencem a diferentes estações, com uma predominância do Inverno, que é a sua altura favorita. “É mais rico - se calhar, a estação combina com esse [meu] lado mais melancólico”, realça.

AS MULHERES COMO INSPIRAÇÃO

Fazendo uma retrospectiva do trabalho, Nuno Baltazar conclui que as figuras femininas são a sua maior inspiração, transpondo-as do cinema ou da literatura para as passarelas. “Sempre que vejo um filme ou leio um livro que tem uma vida, uma história particular e que me inspira, ela acaba por ser mais forte do que eu





e entretanto já está numa colecção”, declara. E, normalmente, essa história é protagonizada por uma mulher forte. É por isso que já dedicou colecções à fadista Amália, à Marquesa de Jácome Correia - “a amante do Vítorino Nemésio, internada no hospital psiquiátrico porque se queria separar” -, ou à escritora Virginia Woolf.

Quanto aos homens, não são tão interessantes “do ponto de vista emocional” e, por isso, raramente os catapultou para as suas criações e dificilmente o fará no futuro. “Os homens nunca me inspiraram, mas já me inspirou o trabalho de alguns homens, poetas como Eugénio de Andrade ou Fernando Pessoa. Mas mesmo assim prefiro Florbela Espanca, Sophia de Mello Breyner”, esclarece, acrescentando: “Mais facilmente farei uma colecção para menina do que para homem”.

O fascínio pela moda começou bem cedo com a sua avó. “Tinha 13 anos quando me comecei a interessar pela ilustração de moda, quando descobri umas revistas da minha avó dos anos 1950”, conta. Foram estas as sementes que vieram a trilhar o seu caminho, repleto



de momentos positivos e negativos. Entre os mais felizes da sua carreira, é “inevitável” destacar prémios como o Globo de Ouro 2012 ou o *Fashion Awards* da Fashion TV em 2011, até por constituírem “o reconhecimento do trabalho”.

Quanto aos menos positivos, Nuno Baltazar refere as dificuldades resultantes da actual crise económica portuguesa, que “interferem no mercado e na disponibilidade das pessoas para consumir moda de autor”. Ciente de que nesta altura é preciso alterar a forma de actuar, o *designer* acredita que é “importante saber dar um passo atrás, mas sempre a pensar em investimento no sentido de não deixar a marca morrer”, procurando, para isso, os parceiros certos.

O ORIENTE COMO INSPIRAÇÃO

Clara Brito, fundadora da marca Lines Lab juntamente com Manuel Correia da Silva, trouxe sete criações da Super Heavy Light (SHL), parte da colecção Primavera-Verão que apresentaram na edição deste ano do Macau Fashion Link. São peças que reflectem esta simbiose entre o *design* industrial e de moda que a dupla criativa tem vindo a explorar na Lines Lab. “Eu e o Manuel temos um percurso que não é assim muito académico. Viemos de *design* industrial e sempre misturamos muito as áreas”, explica. “Esta é uma colecção que representa isso, que parte do equipamento urbano, que vem das nossas malas, que posteriormente é reciclado em tecidos e são usados noutros *looks* da colecção.”



A exposição conjunta de Nuno Baltazar e Clara Cito, intitulada “De Lisboa a Macau... uma Viagem de Moda”, prolonga-se até ao dia 5 de Janeiro na Galeria de Moda de Macau

Notando-se o recurso à seda chinesa nas peças que Clara Brito escolheu expor, a *designer* de moda diz que é um material que lhe é particularmente querido. “Como gostava muito dela [da seda chinesa], ia comprando e fazendo algumas peças avulso para clientes”, explica. O lado “inovador” do SHL é a mistura de materiais tradicionais como a seda chinesa com alta tecnologia. “É nesse contraste que a colecção pode ser inovadora, não só pela junção dos materiais mas até pelo processo criativo implícito.”

Clara Brito é licenciada em *Design* de Equipamentos pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (2003), mas foi sempre uma apaixonada pela moda, sobretudo graças à avó. “Ela passou-me o lado da sensibilidade

pelos materiais - é uma pessoa requintada nesse sentido, uma seda tem de ser bem tratada, um bom tecido tem de ser bem tratado, e ela passou-me isso tudo.” Foi com a avó que aprendeu muito do que sabe ao nível da confecção.

Nuno Baltazar assume uma preferência pela figura feminina e Clara também o faz, mas menos conscientemente. “É uma tendência que tenho - parece que com a roupa de homem é sempre tudo mais formal, não podes brincar tanto. Prefiro acentuar o corpo feminino que é mais bonito.”

E, contrariamente ao *designer* português, não trabalha com temas quando cria. “Não racionalizo muito a inspiração, a minha grande influência sempre foram os materiais. Nunca desenhei nada a pensar na personagem, no cinema. Pode ser um bom desafio, mas acaba por não ser o meu percurso.”

Assumindo que há alguns traços comuns nas suas peças ao longo da sua carreira, como a figura feminina oriental, Clara Brito afirma que é “intuitivo”. Aliás, reconhece até que é tão “intuitivo” que acaba por ter “vícios de desenho” que talvez gostasse de corrigir. “Procuro sempre uma mulher que tento idealizar, muito sofisticada, direitinha, e às vezes devia sujar um bocadinho, porque isso pode dar um lado criativo, que não deixa de ter estilo na mesma. É algo um pouco enraizado em mim, mas não devo deixar de tentar.”

LÍNGUAS

"De Lisboa a Macau... uma Viagem de Moda" junta Nuno Baltazar e Clara Brito a convite do Instituto Cultural e do Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia numa colaboração que não é directa, já que ambos trabalharam autonomamente

No início da carreira, começou por ser ela própria a confeccionar as suas peças. "Quando tinha o ateliê em Portugal fazia com a minha avó e quando vim para Macau tive de me defender bem, sobretudo porque começamos por entregar às costureiras de cá e percebemos que não ia funcionar", afirma. E foi por isso que nasceu a primeira colecção do duo criativo, os "Lineless", peças "bidimensionais que quando vestidas ganham um lado tridimensional". Hoje em dia, com o avolumar de trabalho, não teve alternativa senão recorrer a costureiras locais, através de um "grande" investimento.

"De Lisboa a Macau... uma Viagem de Moda" junta Nuno Baltazar e Clara Brito a convite do Instituto Cultural e do Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia numa colaboração que não é directa, já que ambos trabalharam autonomamente. Sobre uma potencial colaboração mais directa, a fundadora da Lines Lab não rejeita, até porque "faz sentido criar essas ligações", estabelecendo-se uma "plataforma que pode ser um bom canal de ajuda entre Macau e a China". ●





SEMANA DO JAZZ DE MACAU 2013

**ASSOCIAÇÃO PROMOTORA
DE JAZZ DE MACAU
30 NOVEMBRO –
8 DEZEMBRO**

A Associação Promotora de Jazz de Macau (APJM), fundada em 2010 e liderada pelo músico Mars Lei, organiza pela segunda vez o evento de apresentação e intercâmbio entre artistas locais, internacionais e amantes do género.

Hopelazz Jazz Guitar Trio

1 de Dezembro - 16h, Casa do Mandarin

São Ikeda Kinya, Tzu-Yu Huang e Ho-Pu Yeh e chegam de Taiwan. Mestre em Performance de Guitarra Jazz pelo Royal Conservatory de Bruxelas (Bélgica), Ho-Pu Yeh é o líder do grupo, conhecido pelo espírito inovador e gosto em experimentar novos instrumentos e conceitos nas composições e arranjos, ao mesmo tempo que desenvolve a técnica *fingerstyle* e trabalhos a solo.

Clínica de Guitarra de Jazz Contemporânea por Ho-Pu

2 de Dezembro - 19h, Galeria da Fundação Rui Cunha

Os Hopelazz Jazz Guitar Trio apresentam e mostram aos amantes de música os segredos da guitarra jazz contemporânea.

Conversas de Jazz com Clarence Chang

3 de Dezembro - 18h30, Galeria da Fundação Rui Cunha

Clarence Chang, produtor musical em Hong Kong há 30 anos, partilha a experiência e pensamentos como produtor musical e de eventos. Chang mantém há dez uma discoteca especializada em jazz e está entre os principais promotores do género musical na região vizinha, responsável por organizar, entre outros, o Festival de Jazz de Verão de Hong Kong.

Jazz Connection e Clube de Jazz de Macau

3 de Dezembro – 21h, Fundação Oriente

Concertos do colectivo de Macau e do sexteto holandês de swing que ao longo de 22 anos deu concertos por toda a Europa e nos últimos três tem feito sobretudo digressões pela Ásia e Médio Oriente.



Jazz G3

5 de Dezembro – 20h, Teatro D. Pedro V

Neste espectáculo o palco é entregue às novas gerações, Teriver Cheung e Terry Yau, de Hong Kong, e Hon-Chong Chan, de Macau. Teriver Cheung vive em Nova Iorque, acompanhou recentemente o vencedor do Grammy Latino Eddie Gomez em digressão e lançou recentemente o primeiro álbum de originais: *My Nocturne*. Terry Yau faz parte da banda de jazz latino Tri-Tone, sediada em Hong Kong.

Scott Dodd Quartet Concert

6 de Dezembro – 20h, Teatro D. Pedro V

O espectáculo do baixista australiano, residente em Hong Kong, promete ser um dos pontos altos do cartaz da Semana do Jazz. Dodd vai tocar acompanhado pelos saxofonistas Blaine Whittaker e Paulo Levi (EUA), com Charles Foldesh na bateria.

Masterclass do Quarteto Scott Dodd

7 de Dezembro – 15h, Galeria da Fundação Rui Cunha

Todos os membros do quarteto do baixista australiano partilham conhecimentos e experiências na música numa tertúlia aberta ao público.

Mellow Motif Concert

7 de Dezembro – 20h, Teatro D. Pedro V

O grupo tailandês liderado pela cantora Natasha Patamapongs, com dois discos editados e várias digressões na agenda, apresenta um espectáculo intimista que faz parte da tentativa da APJM de aproximar os músicos de jazz de toda a Ásia.

Big Jazz Jam

8 de Dezembro – 16h, Anfiteatro das Casas-Museu da Taipa

Porque não podia faltar aquela que é uma das componentes mais importantes da música jazz, o concerto final é em formato de improvisação com a participação de vários músicos locais e do grupo maRK Quartet, de Hong Kong.



* Jazz Connection



TREASURE TROVE - DISNEY ON ICE

6 a 8 de Dezembro - Cotai Arena The Venetian

Em jeito de celebração da 50.^a longa-metragem da gigante da animação, a Disney, com produção da Feld Entertainment, apresenta um espectáculo em que são recordadas oito longas-metragens e mais de 50 personagens bem conhecidas de todas as gerações. Personagens que transportam os espectadores até sítios como a Terra do Nunca de Peter Pan, a África do Rei Leão e o País das Maravilhas de Alice.

SOPRANO WITH WINE

**17 de Dezembro -
18h30, Galeria Funda-
ção Rui Cunha**

Collette Lam, uma das sopranos mais destacadas de Hong Kong, formada pela Wales International Academy of Voice e a Royal Academy of Music no Reino Unido, apresenta parte do vasto repertório num evento especial. Co-organizado pela Associação Vocal de Macau, a sessão combina música e prova de vinhos seleccionados de acordo com os temas sugeridos.

THE FANTASTICKS

**Associação de Irmandade de Teatro Criativo (ARTE)
23 a 25 de Dezembro**

Estreia absoluta em Macau, a Associação de Irmandade de Teatro Criativo (ARTE) leva à cena esta espécie de Romeu e Julieta dos tempos modernos, um musical sobre a história de um rapaz que se apaixona pela vizinha. Separados por um muro construído pelos pais, os jovens vivem um amor proibido que está há mais de meio século em cena na *Off Broadway* e não só, com quase 20 mil espectáculos apresentados. A Associação de Irmandade de Teatro Criativo (ARTE) apresenta The Fantasticks em cantonês com um elenco de coqueluches do teatro musical da região.



SALÃO DE OUTONO 2013

Fundação Oriente
Até 5 de Dezembro

Como tem vindo a ser habitual, a Art For All celebra a arte produzida no território com o evento que pretende representar uma plataforma para os artistas de Macau interagirem e aprenderem uns com os outros, bem como uma oportunidade para os colecionadores e amantes de arte poderem apreciar e adquirir obras. Na mostra estão patentes 71 obras de arte de 33 artistas locais com diferentes percursos e formação, entre eles Ana Correia, Francisco Ricarte, Pedro Besugo, James Wong, Sylviye Lei, Ho Ka Io, Mina Ao, Rui Rasquinho, Eric Fok e José Lázaro das Dores. As obras incluem pintura, gravura, escultura, fotografia e instalação.

ECHO DE LEI IENG WEI

Até 31 de Dezembro,
285 Signum Living Store

O jovem artista local jovem, que já expôs na Austrália e em Singapura, exhibe pinturas que expressam a relação entre ele, a sociedade e a cidade que está sempre em contínua mutação, num processo de profundo e ininterrupto questionamento. "As minhas obras falam sobre a relação entre o interno e o externo (...) a noite da cidade parece a terra coberta de ruínas", descreve o artista. A mostra está exposta diariamente na loja de mobiliário junto ao Templo de A-Má entre o meio-dia e as 20h00.

SIGNUM
Living Store

李英維畫作展
Paintings by Lei Ieng Wai

Duration of Exhibition:
03 / 10 / 2013 - 31 / 12 / 2013

澳門東望洋街二百八十五號 Rua do Alm. Sérgio, 285, R/C, Macau
T + 853 2856 8825 E - info@signum.mo

TRAÇOS DE HUMOR DE KRISTIAN

**18 de Dezembro – 11 de
Janeiro**
**Galeria da Fundação Rui
Cunha**

Natural de Nice, desde os anos 1980 que Kristian se dedica aos cartoons humorísticos sobre assuntos actuais para a imprensa escrita e não só. Também trabalhou na área da televisão, produção de cartazes publicitários, cenários de palco e eventos como o Festival de Cinema Internacional de Cannes, o Mundial de Futebol e o Carnaval de Nice. O cartoonista francês vai estar presente na mostra co-organizada pela Alliance Française e realizar uma série de pequenos workshops como incentivo à arte da caricatura.



SEA OF HOPE - FOON SHAM

13 a 18 de Janeiro
Galeria da Fundação Rui Cunha

Apresentação pública de uma das obras doadas pelo artista natural de Macau mas residente nos Estados Unidos. Durante os últimos 20 anos Foon Sham tem-se dedicado à paixão pelo material através da escultura em madeira, mas aquilo que distingue o trabalho mais recente é a utilização dos princípios de *design*, dentro de um processo que começa e termina no mistério, guiado por ideias intuitivas e sentido de análise. O artista, com vasta obra publicada e exposta nos EUA, vai estar presente na mostra e partilhar experiências enquanto escultor e professor.

EXPOSIÇÃO DE ESCULTURA DE TANG DA XI

11 Dezembro a 12 Janeiro
Albergue SCM, Macau

Organizada em colaboração com a Associação de Belas Artes de Macau e a Associação Municipal de Artistas de Cantão, a exposição apresenta os trabalhos do pintor e escultor septuagenário, natural de Shantou na província de Guangdong e membro da Associação de Artistas da China. Tang Da Xi tem obras expostas em locais como o Parque de Esculturas de Cantão, o Museu de Arte de Cantão e a Universidade da China do Petróleo, entre outros.

TODA A CHINA

**António Graça de Abreu
Guerra&Paz, 2013**

É o primeiro de dois volumes que reúnem relatos das viagens do autor na China, onde chegou pela primeira vez em 1977. Percorre as 23 províncias, quatro municípios centrais e cinco regiões autónomas do país, bem como Taiwan e as Regiões Administrativas Especiais de Macau e Hong Kong. É um testemunho pessoal condimentado com pedaços de história dos lugares por onde António Graça Abreu viajou, durante o período em que trabalhou como tradutor e professor de Línguas Estrangeiras e Língua e Cultura Portuguesa em Pequim, e não só. O autor português, licenciado em Filologia Germânica e mestre em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa, tem dedicado a actividade à investigação da presença portuguesa na China e em Macau e à cultura chinesa. Leccionou Sinologia em Portugal e também trabalha como jornalista, colaborador assíduo do *Diário de Notícias* e vários media de Macau, como a revista MACAU.

COZINHA COM IDENTIDADE

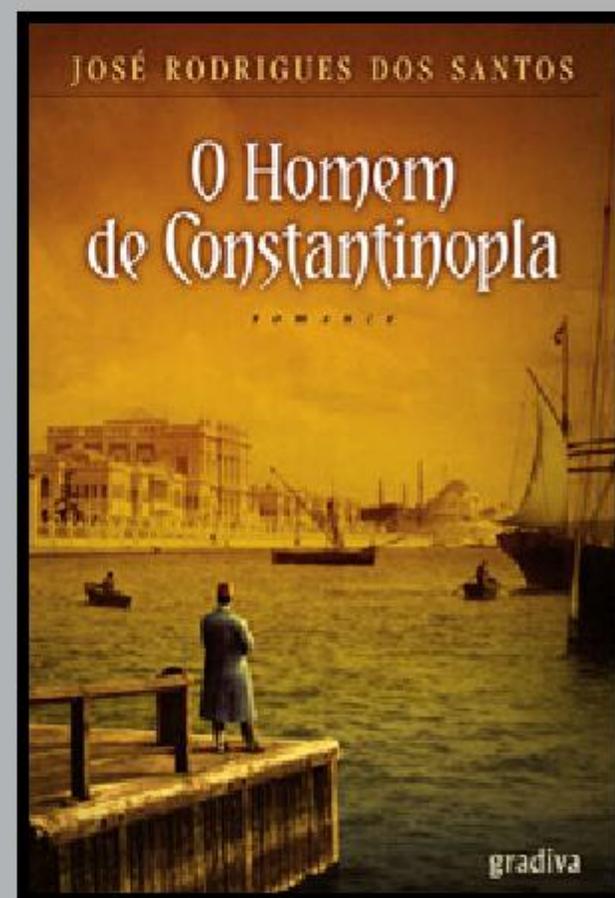
**Fausto Airoidi
Edições do Gosto, 2012**

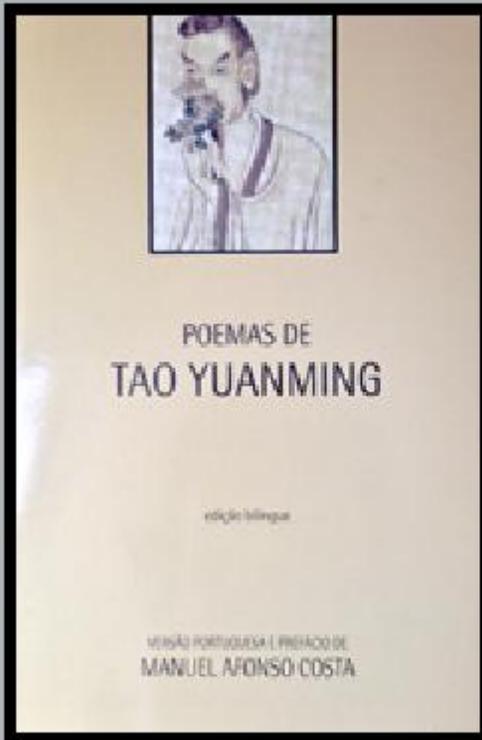
Fausto Airoidi trabalhou em restaurantes como o Bica do Sapato, o Casino Lisboa e o Centro Cultural de Belém em Lisboa. Vive em Macau desde Julho, onde lidera uma equipa de pesquisa e desenvolvimento para toda a restauração do casino-resort Galaxy. É a primeira obra do *chef* português, um livro de carreira que contou com a apreciação dos especialistas Maria de Lourdes Modesto e Henrique Sá Pessoa, duas gerações de celebridades da cozinha portuguesa. Fausto Airoidi é natural de Moçambique e deu os primeiros passos como *chef* de cozinha na África do Sul, onde arrecadou uma medalha de ouro e outra de prata nas Olimpíadas de Culinária, ainda como júnior. Mudou-se com 22 anos para Lisboa onde somou experiências e projectos de sucesso. Venceu o primeiro Concurso Chefe Cozinheiro do Ano em 1990, organizado pela INTER Magazine, e é presidente da Associação de Cozinheiros Profissionais de Portugal.

O HOMEM DE CONSTANTINOPLA

**José Rodrigues dos Santos
Gradiva, 2013**

É um dois em um: este ano o profícuo escritor e jornalista português publica duas obras, como dois volumes sobre o mesmo tema, em que o protagonista é Calouste Gulbenkian, o homem que teve um papel decisivo na cultura e na ciência em Portugal. Pela primeira vez, José Rodrigues dos Santos divide o romance em dois livros, publicados este Outono um a seguir ao outro: *O Homem de Constantinopla* e *Um Milionário em Lisboa*. Desde a infância refugiado em Constantinopla com a família arménia, após o desmoronar do Império Otomano, até ao período de busca que fez de Calouste o maior coleccionador de arte do seu tempo, José Rodrigues dos Santos conta a história de Gulbenkian com base em factos reais mas assumidamente romanceada. É o 12.º romance do autor de obras como *A Filha do Capitão* (2004), *A Fórmula de Deus* (2006) e *Fúria Divina* (2009), publicado em 20 línguas e com cerca de dois milhões de exemplares vendidos globalmente.





POEMAS DE TAO YUANMING

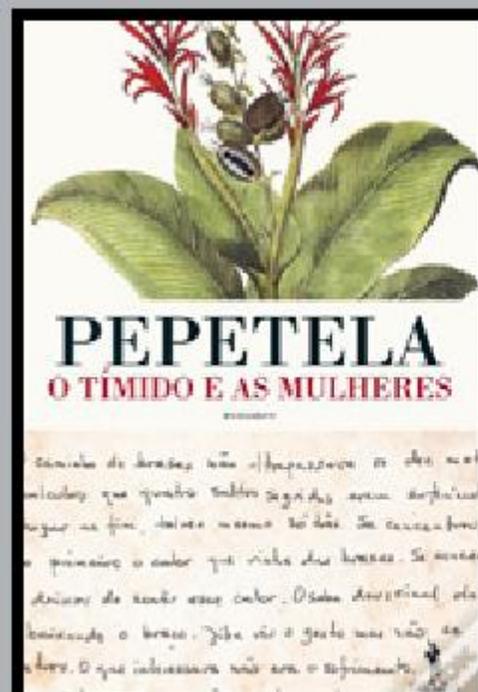
Manuel Afonso Costa
Instituto Cultural / Livros do Meio, 2013

Tao Yuanming, também conhecido por Tao Qian, é considerado um dos poetas maiores do período entre as Dinastias Han e Tang. O escritor chinês, que viveu entre os séculos IV e V, lutava permanentemente entre o trabalhador na cidade e o camponês que tinha dentro de si, algo que se reflecte nos escritos que agora podem ser lidos também em português nesta edição bilingue a cargo de Manuel Afonso Costa. O poeta e professor universitário português vive em Macau desde 1993 e tem quatro livros de poesia publicados, entre eles *Os últimos lugares (Assírio & Alvim)* e *Caligrafia imperial e dias duvidosos (Assírio & Alvim)*. Demorou cerca de dois anos a concluir a tradução de Yuanming, que também inclui textos em prosa, e que abordam questões como a brevidade da vida e a inexorabilidade da morte, entre várias outras reflexões existenciais, não tivesse sido um poeta de reclusão cujo trabalho reflecte sobretudo a solidão do campo. A obra agora lançada inclui mais de seis dezenas de poemas do autor chinês, entre eles *A Fonte dos Pessequeiros em Flor* que é estudado nas escolas na China. Autor pouco conhecido na sua época, Yuanming viria a ser consagrado séculos mais tarde e a constituir uma referência tanto para escritores e leitores chineses, como para os escritores da geração Beat nos anos 1960 na Europa e Estados Unidos.

O TÍMIDO E AS MULHERES

Pepetela
Publicações Dom Quixote, 2013

Sucessor de *A Sul. O Sombreiro (2011)*, *O Tímido e as mulheres* retrata a Luanda de hoje. Conta a história do tímido escritor em início de carreira, Heitor; Marisa, a responsável por um programa de rádio de grande audiência, e o marido de Marisa, Lucrécio. É um trio amoroso que une diversas histórias e personagens, como o amigo “Senhor do Dia 13” e os habitantes de um musseque na periferia da capital angolana. Tem como cenário a Luanda que fervilha e cresce rapidamente, onde os homens se apaixonam, sonham e desesperam à procura de novos caminhos. Este é o 20.º romance do Prémio Camões 1997, sucessor de *Muana Puó*, *Mayombe*, *As Aventuras de Ngunga*, *A Revolta da Casa dos Ídolos* e *O Tempo dos Flamingos*. Mais um apontamento sobre a história contemporânea de Angola e os problemas que a sociedade angolana enfrenta. Pepetela, ou Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, angolano de ascendência portuguesa, lutou com o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Também já contou histórias da Angola pré-colonialista e nos anos 2000 criticou a situação angolana em textos satíricos que incluem a série de romances policiais *Jaime Bunda*. Em *Predadores* também critica as classes dominantes de Angola e em *O Quase Fim do Mundo e O Planalto e a Estepe* examina as ligações entre Angola e outros países ex-comunistas.





* Arquivo Histórico de Macau

AVENIDA DE ALMEIDA RIBEIRO, INÍCIO DE 1950

Mais conhecida por San Ma Lo – ou, literalmente, “Rua Nova dos Cavalos” –, a Avenida de Almeida Ribeiro é uma das mais movimentadas artérias da península de Macau e completou este ano 100 anos de existência. Durante vários séculos, o antigo bazar chinês distribuído pelas ruelas sinuosas onde hoje está o Centro Histórico cortou a passagem entre a Praia Grande, do lado Oriental da cidade onde fundavam os cruzadores da marinha portuguesa, e a Praia Pequena, ou Porto Interior, do lado Oeste, onde aportavam embarcações de todos os tamanhos.

Abrir uma rua que ligasse as duas zonas era um projecto antigo, mas sempre inviabilizado não só pelos custos das expropriações, mas principalmente pelo facto de se saber que rasgar uma via através do bazar iria cortar não só os interesses comerciais de numerosos negócios, mas também uma das pernas do dragão, que segundo o *feng shui*, adormece sobre Macau repousando a cauda nas Portas do Cerco e a cabeça na Barra (dragão que sempre constituiu o talismã protector da cidade, segundo a tradição chinesa). No entanto, os imperativos do progresso sobrepunham-se e em 1913 a Administração portuguesa, sob orientação do Governador Sanches de Miranda, conseguiu a autorização do Terreiro do Paço para avançar com as obras. A nova avenida recebeu então o nome do Ministro das Colónias, Almeida Ribeiro, que assinou o despacho da construção, mas que nunca visitou Macau. Os residentes chineses rebaptizaram a artéria com a alcunha de San Ma Lou, ou Tai San Ma Lou (“Grande Rua Nova dos Cavalos”). Até a década de 1970, a Almeida Ribeiro foi a via mais larga da cidade.

MACAU 2013

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2013** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

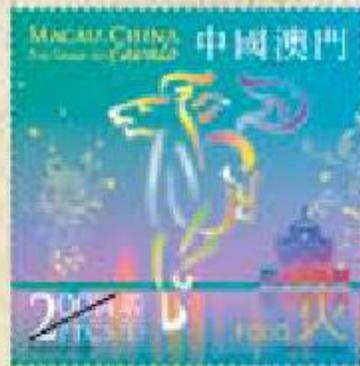
O **MACAU 2013** – Livro do Ano é uma publicação que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2013** – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.



Colección Selos de Macau

澳門郵票收藏

Collect Macao's Stamps



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

• 電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491
• 傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603

• 電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
• 網址 Website : www.macaupost.gov.mo



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios